



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

HERON HELOY COSTA

**TRAÇOS DE TUBARÃO, TRAÇOS DE COXA BRANCA:
AUTOPAUTA E SUÍTE CHÁRGICA NA CHARGE ESPORTIVA
PARANAENSE**

HERON HELOY COSTA

**TRAÇOS DE TUBARÃO, TRAÇOS DE COXA BRANCA:
AUTOPAUTA E SUÍTE CHÁRGICA NA CHARGE ESPORTIVA
PARANAENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Márcia Neme Buzalaf

Londrina
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

COSTA, Heron Heloy.

Traços de tubarão, traços de coxa branca : autopauta e suíte chárgica na charge esportiva paranaense / Heron Heloy COSTA. - Londrina, 2017.
109 f. : il.

Orientador: Márcia Neme Buzalaf.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2017.
Inclui bibliografia.

1. Charge esportiva - Tese. 2. Autopauta - Tese. 3. Suíte chárgica - Tese. 4. Futebol paranaense - Tese. I. Buzalaf, Márcia Neme. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. III. Título.

HERON HELOY COSTA

**TRAÇOS DE TUBARÃO, TRAÇOS DE COXA BRANCA:
AUTOPAUTA E SUÍTE CHÁRGICA NA CHARGE ESPORTIVA
PARANAENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Márcia Neme Buzalaf
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Rozinaldo Antonio Miani
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. José Carlos Marques
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho” - Unesp

Londrina, 03 de maio de 2017.

A quem estava fisicamente ao meu lado no dia da aprovação no Mestrado. A quem estará para sempre no meu ser...

*We all want to kiss her
Tell her that we miss her
Venice gets a queen
Best I've ever seen
Now that it's time for you to leave
G. L. O. R. I. A
Is love my friend
My friend, my friend...*
(*Venice Queen, Red Hot Chili Peppers*)

A Bruna Batista (*In Memoriam*)

AGRADECIMENTOS

A Adriana Nakamura Gallassi, pelo tudo que não cabe aqui, mas, principalmente, por acreditar em mim, me trazendo a força e a sorte necessárias neste percurso.

Obrigado, meu trevo de quatro folhas!

A Juliana Nakamura Gallassi, pelas risadas sem sentido e por ser a amiga que entende perfeitamente o que é fazer um Mestrado durante o governo Richa.

Sorte aí no restante do seu!

A Laís Escota Almeida, por estar nos agradecimentos de meu TCC, da minha dissertação e provavelmente de minha tese.

Isso e duas garrafas de Bud geladas resumem bem...

Aos professores Paulo César Boni e Rozinaldo Miani pelas contribuições e aportamentos na qualificação. E ao professor José Carlos Marques pela disponibilidade em participar da banca de defesa.

Aos chargistas Marco Jacobsen, Sassá e Tiago Recchia pela contribuição fundamental à proposta do trabalho. E a Gisele Rech por me passar o WhatsApp de todos para o primeiro contato.

A todos das empresas e instituições nas quais trabalhei durante o Mestrado:

Arruda Produções, Vtcom Treinamentos e UEL FM.

Obrigado aos profissionais que seguraram a bronca por mim em dias de disciplina, biblioteca, congressos etc

Aos meus pais Maria José Costa e José Braga Costa, ver a emoção de vocês com minhas conquistas acadêmicas me motiva. Rumo a Tóquio!!!

Encerro com chave de ouro agradecendo a minha querida orientadora e amiga

Márcia Neme Buzalaf, por acreditar desde o começo nessa ideia.

Pobre do erudito, ao criticar rasamente e chamar de "pão e circo" uma prática fomentadora de união entre povos (ainda que por um instante, o instante de uma foto entre duas ginastas coreanas) [...] De forma alguma diminuímos o valor da literatura, das artes plásticas, da música, da dramaturgia. Mas também somos cultura. Também somos arte, esculpida através de sangue, suor e lágrimas. Viva o esporte!

(Ingrid Mendes, advogada e um dos melhores presentes que a vida me deu)

COSTA, Heron Heloy. **Traços de Tubarão, Traços de Coxa Branca: Autopauta e suíte chárstica na charge esportiva paranaense.** 2017. 109 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

RESUMO

Esta dissertação visa discutir questões presentes no processo produtivo de chargistas terceirizados do jornal como autopauta, autocensura e suíte chárstica; além de refletir as características da charge esportiva em si. O recorte proposto contém dez charges (publicadas entre 2012 e 2013) com a temática de polêmicas de arbitragem em partidas de futebol do campeonato paranaense. As charges são de Marco Jacobsen (Folha de Londrina), Sassá (Jornal de Londrina) e Tiago Recchia (Gazeta do Povo). A metodologia propôs ouvir estes três profissionais por meio de entrevistas presenciais e contrastar suas opiniões com apontamentos teóricos como o discurso do chargista - moldado pelas últimas repercussões da própria imprensa (RIANI), a charge não apenas como mera ilustração dos textos e sim como crítica a um acontecimento (ROMUALDO), a questão do filtro feito pelo próprio cartunista (HENFIL) e os elementos linguísticos como complemento ao sentido humorístico (MIANI).

Palavras-chave: Charge esportiva. Autopauta. Suíte chárstica. Futebol paranaense. Comunicação Visual.

COSTA, Heron Heloy. **Lignes of “Tubarão”, Lignes of “Coxa Branca”**: Self report and cartoon’s suite in Parana’s sports cartoon. 2017. 109 p. Dissertation (Master in Communication) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

ABSTRACT

This dissertation discusses the work issues in the productive process of outsourced cartoonists as the self-report, self-censorship and the cartoon’s suite. It also discusses the sportive cartoon’s characteristics. The analysis contains ten cartoons (published between 2012 and 2013) with controversial issues caused by refereeing errors in soccer matches during the Parana’s championship. The analysed cartoonists are Marco Jacobsen (Folha de Londrina), Sassá (Jornal de Londrina) and Tiago Recchia (Gazeta do Povo). The methodology is based on interviews with the three cartoonists and also the comparison of their opinions with theoretical points such as the cartoonists speech, which is molded by the latest repercussions of the press (RIANI), the cartoon not only as a mere illustration of the texts but as a criticism of an event, the cartoonist’s filter (HENFIL) and the linguistic elements as a complement to the humorous sense (MIANI).

Keywords: Sports cartoon. Self Report. Cartoon’s Suite. Parana’s soccer. Visual Communication.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	CORITIBA X LONDRINA E AS POLÊMICAS DE ARBITRAGEM	13
2.1	“O SEU NOME PELO MUNDO VAI BRILHAR / CORITIBA, CORITIBA CAMPEÃO DO PARANÁ”: CORITIBA FOOT BALL CLUB.....	13
2.2	“O TEU BRASÃO RESUME A TUA HISTÓRIA / NA ALTIVEZ DA RAMA DO CAFÉ”: LONDRINA ESPORTE CLUBE	15
2.2.1	O Torcedor de Londrina é “Paulista”	19
2.3	OS CASOS DE POLÊMICA DE ARBITRAGEM NOS CAMPEONATOS PARANAENSES DE 2012 E 2013	20
2.3.1	28 de Março de 2012: Gols Anulados na Capital Paranaense.....	22
2.3.2	3 de Março de 2013: Reclamação no Café e Vitória do Coxa	22
3	CHARGE: PROCESSO PRODUTIVO E CHARGISTAS ANALISADOS	24
3.1	O PROCESSO PRODUTIVO DA CHARGE	29
3.2	CHARGISTAS ANALISADOS.....	33
3.2.1	Marco Jacobsen.....	33
3.2.2	Sassá	32
3.2.3	Tiago Recchia	36
4	TRAÇOS DE TUBARÃO, TRAÇOS DE COXA BRANCA	39
4.1	CORITIBA X LONDRINA: CAMPEONATO PARANAENSE DE 2012	39
4.2	LONDRINA X CORITIBA: CAMPEONATO PARANAENSE DE 2013	52
4.3	CONCEITOS CHÁRGICOS.....	61
4.3.1	Autopauta.....	62
4.3.2	Autocensura.....	64
4.3.3	Suíte Chárgica	67
4.4	A CHARGE ESPORTIVA: APONTAMENTOS.....	71

CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	80
APÊNDICES	83
APÊNDICE A - Entrevista Marco Jacobsen	84
APÊNDICE B - Entrevista Sassá.....	93
APÊNDICE C - Entrevista Tiago Recchia	102

1. INTRODUÇÃO

A charge é um elemento ímpar dentro da estrutura do jornal impresso. Por ser um gênero abertamente opinativo, ela dá ao seu criador, o chargista, a oportunidade de ser um repórter com uma visão mais avançada dos temas do cotidiano. A percepção e o filtro intelectual que o chargista coloca nos fatos da atualidade viram uma espécie de editorial desenhado que, muitas vezes, atinge mais rapidamente as pessoas do que a própria parte textual dos jornais.

A charge esportiva é o objeto de estudo e, a partir dela, vamos discutir alguns balizadores da atuação profissional do chargista. A pergunta que propomos é: de que forma a atuação autônoma e distanciada dos chargistas das redações produz necessidades, como a autopauta, e consequências, como a suíte chárstica?

A inquietação que despertou a pesquisa foi uma polêmica de arbitragem, ou melhor, duas. E em dois anos consecutivos. As dez charges escolhidas para análise foram a representação que os jornais *Folha de Londrina*, *Gazeta do Povo* e *Jornal de Londrina* fizeram dos confusos jogos dos campeonatos paranaenses de 2012 e 2013 entre Curitiba e Londrina.

O que, de início, seria uma análise sobre as diferenças de linguagem e abordagem de diários de cidades diferentes sobre o mesmo tema acabou ganhando outra dimensão a partir das entrevistas realizadas com os chargistas Marco Jacobsen, Sassá e Tiago Recchia. Seus relatos esclareceram novos conceitos sobre o processo produtivo do chargista que trabalha para a imprensa de circulação diária.

A entrevista com os autores das charges foi um dos métodos utilizados para a discussão proposta. Optamos por utilizá-la como fonte informativa por considerarmos essencial a análise também do ponto de vista de quem pratica o jornalismo diário, profissionais muitas vezes não ouvidos nas análises acadêmicas.

Sobre as entrevistas em si, estas foram realizadas em dois dias distintos, todas pessoalmente, sendo Sassá entrevistado em Londrina e Marco Jacobsen e Tiago Recchia em Curitiba. Indo de acordo ao que defende Robert K. Yin (2005) no livro “Estudo de Caso”, utilizamos os três entrevistados para

que estes apresentassem suas próprias interpretações e dessem sua visão sobre o próprio trabalho, desde as charges estudadas até opiniões sobre a profissão atualmente e descrições sobre seus métodos de trabalho. Por terem um caráter de acréscimo de informações à pesquisa, programamos e executamos as entrevistas para o meio do cronograma do trabalho, com as charges já escolhidas e parte da bibliografia de referência lida. Neste sentido, utilizamos o conceito de Antonio Carlos Gil (2009) quando diz que para se “definir com propriedade quem deve ser entrevistado, é necessário, muitas vezes, ter avançado na pesquisa, mediante observação e análise de documentos.” (GIL, 2009, p.62-63).

O conteúdo das entrevistas é intercalado ao longo da dissertação por referenciais teóricos de charge e humor como Henfil, Miani, Romualdo e Riani. A íntegra das entrevistas está publicada na forma de três apêndices, separados de acordo com cada entrevistado.

A pesquisa e documentação das charges foi feita nos arquivos dos jornais *Folha de Londrina* e *Jornal de Londrina*, com as publicações sendo fotografadas e as fotos utilizadas para ilustrar o trabalho (figuras 1 a 10). Já as charges escolhidas da *Gazeta do Povo* estavam no site do jornal e de lá foram retiradas. Os três chargistas autorizaram o uso de suas criações na dissertação.

Além desta introdução, das considerações e dos apêndices, o trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro explica os dois episódios que geraram as charges estudadas, no caso, dois jogos do campeonato paranaense de futebol entre as equipes do Coritiba Foot Ball Club e Londrina Esporte Clube. Para fins de dimensionar a rivalidade futebolística entre Coritiba e Londrina, o capítulo também traz uma breve história dos times, contendo principais títulos, conquistas e dimensionando o tamanho das equipes nos cenários local e nacional.

O capítulo de número 3 fala sobre o processo produtivo da charge atualmente, de acordo com o observado nas falas de nossos entrevistados, sendo que os três trabalham ou trabalhavam para os diários como terceirizados ou seja, são ou eram contratados externos dos jornais. Nesta seção também há uma pequena biografia dos três cartunistas entrevistados, feita a partir dos relatos obtidos nas entrevistas.

Por fim, chegamos à análise da dissertação, intitulada “Traços de Tubarão, Traços de Coxa Branca”. Nela, estão as dez charges estudadas, que vão sendo apresentadas por critério cronológico e, em caso de duas ou mais charges terem sido publicadas no mesmo dia, pela ordem alfabética dos jornais nos quais foram publicadas. Além da análise em si das publicações, o quarto capítulo discute um conceito já utilizado, o de autocensura, nas charges analisadas. Além deste, autopauta e suíte chárstica são conceitos que buscamos definir e deixar como legado para pesquisas futuras sobre o tema. Ainda nessa vertente, por termos observado uma carência de bibliografia a respeito especificamente da charge esportiva, deixamos alguns apontamentos que observamos sobre essa vertente do gênero chárstico.

Em suma, ao longo das próximas páginas, o leitor se deparará com um relato que vai além das quatro linhas do gramado. A charge, com seu poder sintetizador, pode trazer questões esportivas, do imaginário de um time, do repertório e rotina de um chargista, da linha editorial de um jornal e mesmo do que o próprio leitor está pensando. É o que as charges a seguir demonstrarão.

2. CORITIBA X LONDRINA E AS POLÊMICAS DE ARBITRAGEM

O jornalismo esportivo tem algumas características que o diferem das outras editoriais. Entre elas, poderíamos citar o fato de mexer com a paixão do torcedor, de ser uma temática da qual o público pode perfeitamente entender tanto, ou até mais, que o jornalista que está dando a notícia e também o vocabulário próprio praticado pelos amantes de futebol, que raras vezes é explicado a um interessado de primeira viagem.

Por termos uma proposta de estudo focada em um tema regional, algumas explicações se fazem necessárias e é para cumprir esta função que a presente seção do trabalho traz um pouco da história dos dois times em questão: Coritiba Foot Ball Club e Londrina Esporte Clube. Por não ter um caráter de questionar, mas sim de ilustrar as trajetórias das agremiações, optamos por utilizar fontes mais próximas dos clubes, como os próprios sites deles.

Além da história dos clubes, este capítulo detalha como foram os dois jogos dos Campeonatos Paranaenses de 2012 e 2013 nos quais houve polêmicas de arbitragem que serviram de base para a discussão apresentada nas dez charges desta dissertação. Abaixo trazemos um breve descritivo sobre a história de Coritiba Foot Ball Club e Londrina Esporte Clube em termos de conquistas e representatividade.

2.1 “O SEU NOME PELO MUNDO VAI BRILHAR / CORITIBA, CORITIBA CAMPEÃO DO PARANÁ”¹: CORITIBA FOOT BALL CLUB

O Coritiba Foot Ball Club (aqui também chamado de Alviverde, Coxa, Coxa Branca e Coritiba) é um time centenário, fundado no ano de 1909 na capital paranaense, tendo sido o primeiro clube de futebol paranaense. A data de fundação da equipe curitibana dá uma noção da diferença de história e estrutura entre o alviverde da capital e o alviceleste de Londrina. O time do

¹ Trecho do hino do Coritiba Foot Ball Club, de autoria de Cláudio Ribeiro e Homéro Reboli.

Coritiba é 25 anos mais velho que a cidade de Londrina, que completou 82 anos em 10 de dezembro de 2016.

O Coritiba é o maior campeão estadual do Paraná, com 37 conquistas, sendo que a primeira delas veio em 21 de janeiro de 1917, quando ao derrotar o Britânia, conquistou o Campeonato Paranaense de 1916. O segundo título paranaense do clube veio na década seguinte, em 1927.

Na década de 1930, além de quatro títulos paranaenses (1931, 1933, 1935 e 1939), o Coritiba inaugurou em novembro de 1932 o Estádio Belfort Duarte, o atual Couto Pereira ou Alto da Glória. Na década de 1940, o clube inaugurou a camisa com as duas listras verdes na horizontal, uniforme característico do Coxa até hoje, com reformulações ao longo do tempo. Também foram quatro títulos paranaenses nesse decênio (1941, 1942, 1946, 1947).

A década de 1950 ficou marcada para o Coritiba pelos seis títulos paranaenses (1951, 1952, 1954, 1956, 1957, 1959) e também pela reinauguração, em 1958, do estádio Belfort Duarte com as arquibancadas ao redor de todo o gramado².

Nos anos 1960, foram três conquistas estaduais (1960, 1968 e 1969) e três participações na Taça Brasil, equivalente ao atual Brasileirão da série A. Em comparação com os anos que se seguiriam, foi uma década magra, uma vez que entre 1970 e 1979 o Coritiba conquistou um feito até hoje não superado no futebol paranaense: um hexacampeonato seguido (entre 1971 e 1976). Com mais dois títulos em 1978 e 1979, foi uma década de domínio alviverde quase completo no Campeonato Paranaense. Entre 1971 e 1979, o Coxa também participou de todos os Campeonatos Brasileiros da primeira divisão, obtendo o terceiro lugar na edição de 1979, na semifinal contra o Vasco, que foi também a primeira disputa de uma equipe paranaense em uma semifinal de campeonato nacional.

Os anos 1980 marcam o auge do Coritiba Foot Ball Club em termos nacionais. Isso porque em 1985 o alviverde conquistaria o título de campeão brasileiro frente ao Bangu, do Rio de Janeiro, naquele que seria o primeiro título de Campeonato Brasileiro de um time paranaense. Na partida final, o

² Informações do site do clube: <www.coritiba.com.br>.

alviverde empatou no tempo normal por um a um com os cariocas e definiu a conquista da taça após uma decisão nos pênaltis, a qual venceu por seis a cinco. Em 1986 e 1989, o time também se sagrou campeão paranaense. Já na década de 1990, o Coritiba conquistou apenas um título estadual, em 1999.

Entre os anos 2000 e 2016, o time assegurou sete taças de campeão paranaense, com um tetracampeonato seguido entre 2010 e 2013. Em âmbito nacional, o Coxa foi rebaixado por duas vezes à Série B – em 2005 e 2009, conseguindo a volta à Série A nacional em 2007 e 2010, respectivamente. O Coritiba atualmente está na Série A do Campeonato Brasileiro e já fez participações em torneios internacionais como a Taça Libertadores da América e a Copa Sul-Americana.

Por fim, dois elementos que vão, por vezes, permear o trabalho. Com relação à grafia do nome do time, há uma diferença em comparação com a cidade de Curitiba. Enquanto a capital tem sua grafia com a vogal “U” – Curitiba, o nome do time é escrito com a vogal “O” – Coritiba. Isso se dá em virtude de uma decisão do clube, que preferiu não mudar sua grafia quando a cidade trocou a dela. Segundo Luiz Carlos Betenhauser Jr,

Em 12 de abril de 1909, dia de sua fundação, o Coritiba foi batizado de Corytibano, como era conhecido quem nascia em Corytiba (grafia da época). Em abril de 1910, o clube mudou o nome para Corytiba. Dois anos mais tarde, a cidade mudou sua grafia para Curytiba, mas o clube preferiu não acompanhar a alteração. O “y” da cidade e do clube só caiu em 1915. (BETENHAUSER JR., 2011).

O outro tópico diz respeito ao apelido do time, de “Coxa-branca”, que tem origem em uma provocação da torcida do Atlético Paranaense feita durante um jogo entre as equipes. Conforme explica matéria do site *Globoesporte.com*:

Em um AtleTiba, no ano de 1941, o ainda torcedor Jofre Cabral e Silva – que depois se tornaria presidente do time da Baixada -, exaltado ao extremo pelo fato do seu time estar perdendo um clássico AtleTiba, começou a berrar com o zagueiro Hans Breyer, chamando-o de “quinta-coluna”. Ao perceber que Breyer não lhe dava ouvidos, Jofre Cabral começou a gritar incessantemente: “Coxa-Branca! Coxa-Branca!”. (GLOBOESPORTE.COM, 12 fev. 2009)

O que era para ser algo pejorativo, uma suposta ofensa contra o zagueiro alemão do Coritiba que teria as “coxas brancas”, acabou sendo

adotado pela torcida do Coritiba que até hoje utiliza o apelido para se referir ao seu time.

2.2 “O TEU BRASÃO RESUME A TUA HISTÓRIA / NA ALTIVEZ DA RAMA DO CAFÉ”³: LONDRINA ESPORTE CLUBE

A história do Londrina Esporte Clube (LEC) começa, na verdade, no município vizinho de Rolândia onde – em 1956 – o time do Nacional enfrentou o Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, em um amistoso. Foi então que alguns nomes de Londrina, como José Luciano de Andrade, Luiz Andrade (estes dois fundadores do próprio Nacional de Rolândia), Wallid Kauss, Pietro Caloni e Doan Alvares Gomes resolveram criar um time de futebol para a cidade. No livro “Londrina Esporte Clube 40 anos: do caçula gigante ao tubarão” o radialista J. Mateus – um dos nomes mais conhecidos do jornalismo esportivo londrinense – conta esta e outras histórias da criação do LEC até o ano de 1995. Sobre o desejo de fundar um clube de futebol na cidade de Londrina, Mateus resume:

A ideia vingou e no dia 5 de abril de 1956, no Monções Hotel, era lavrado o ato de fundação do Londrina Futebol Clube. Neste dia também foram escolhidas as cores do novo clube: azul e branco. [...] Vinte e um dias depois, no Gabinete do prefeito Antônio Fernandes Sobrinho, houve uma reunião para definição dos estatutos e composição da diretoria. (MATEUS, 1996, p.9).

Dois meses após sua fundação, em 24 de junho de 1956, o Londrina fez o jogo número 1 de sua história, em uma partida amistosa contra o Corinthians de Presidente Prudente (SP). O placar foi um empate por um a um; no qual o ponta direita Alaor marcou o primeiro gol do clube, segundo o site do próprio Londrina Esporte Clube⁴.

Na sequência das décadas de 1950 e 1960, o time disputou torneios, obtendo o vice-campeonato paranaense em 1959, sendo derrotado na final pelo Coritiba. Evidentemente, o torneio era jogado em moldes bem diferentes

³ Trecho do hino do Londrina Esporte Clube, de autoria de João Arnaldo.

⁴ www.londrinaesportoclube.com.br

dos atuais. No ano em questão, a final foi um confronto entre o campeão da chave de times do Norte do Paraná (que teve o Londrina como campeão) e o chaveamento de equipes do Sul do estado (com o Coritiba como vencedor).

No campeonato paranaense de 1962⁵, veio o primeiro dos quatro títulos estaduais que o LEC possui. Assim como em 1959, o Londrina sagrou-se campeão do grupo de times do Norte do estado, enfrentando um triangular final com Cambaense (campeã do Norte Pioneiro) e Coritiba (campeão do Sul). Desta vez, o alviceleste foi campeão, com uma campanha de quatro vitórias e dois empates no triangular final da competição. Com a conquista, veio o direito de disputar o primeiro torneio de expressão nacional, como lembra J. Mateus:

Como campeão paranaense de 1962, o Londrina ganhou o direito de participar da Taça Brasil do ano seguinte. Foi a primeira participação do alviceleste numa competição nacional. O Londrina não foi muito bem. Não conseguiu passar de seu primeiro obstáculo, o Metropol de Crisiuma (sic), campeão catarinense. (MATEUS, 1996, p.31).

Nos anos seguintes, a equipe caiu de produção e não foi o mesmo time vencedor de 1962. Esse cenário levou à fusão com outro clube que marcava presença na cidade à época, o Paraná Esporte Clube⁶. Assim, em uma reunião no gabinete do então prefeito do município Dalton Paranaguá em 3 de janeiro de 1970, ficou oficializada a criação do Londrina Esporte Clube, nome que o time tem até hoje. Porém, com a fusão, as cores da equipe foram alteradas para as da cidade: branco e vermelho, o que persistiu até 1972, quando o presidente Carlos Antonio Franchello voltou às tradicionais cores alvicelestes.

Apesar do jejum de títulos paranaenses durante os anos 1970, em termos nacionais, foi uma década de ascensão para o LEC. Em 1976, o time disputou seu primeiro campeonato nacional. Com a necessidade de receber

⁵ O campeonato é dito como de 1962, mas, na realidade, as partidas do triangular final entre Cambaense, Londrina e Coritiba - que definiu o campeão - foram disputadas em abril de 1963, com o alviceleste se sagrando campeão em 21 de abril de 1963. (Autor).

⁶ O site do Londrina Esporte Clube lembra que o Paraná Esporte Clube tinha o nome de São Paulo de Londrina. No entanto, por questões judiciais e administrativas, teve de mudar seu nome.

seus jogos em um estádio maior que o acanhado Vitorino Gonçalves Dias (VGD)⁷, foi construído o Estádio do Café⁸, até hoje a casa do Londrina.

Se em 1976 o Londrina fez uma campanha tímida, no Campeonato Brasileiro de 1977, a equipe proporcionou ao seu torcedor uma das maiores alegrias de sua história.

Depois de um mau começo, quando foi para a repescagem, o Tubarão deu uma de Phoenix, ressurgiu das cinzas e surpreendeu o Brasil inteiro com atuações e resultados brilhantes. O primeiro desafio foi na própria repescagem. O Londrina foi a Goiânia precisando ganhar os quatro pontos⁹ que disputaria, contra o Vila Nova e o Goiás, para ser o campeão do grupo e enfrentar as maiores expressões do futebol brasileiro. Comandado por Armando Renganeschi (no banco) e por Edson Madureira (no campo), o Londrina conseguiu o que muitos achavam impossível: venceu por 1 a 0 o Vila Nova (gol de Xaxá de pênalti) e por 2x1 passou pelo Goiás. (MATEUS, 1996, p.73).

Com a classificação, o Tubarão avançou e, na fase seguinte, venceu todos os seus jogos contra Caxias, Flamengo, Corinthians, Santos e Vasco da Gama. Na semifinal, o time foi derrotado pelo Atlético Mineiro, mas mesmo assim conquistou um inédito e até hoje não superado quarto lugar no Campeonato Brasileiro da primeira divisão.

Na segunda metade dos anos 1970, devido ao sucesso das campanhas do time, surgiu o apelido de Tubarão, muito utilizado até hoje para se referir ao LEC. Segundo o radialista J. Mateus, dois nomes pedem a “paternidade” da alcunha. Um deles é o jornalista Victor Grein Neto, que escrevia para os jornais *O Estado do Paraná* e *Tribuna do Paraná*:

Inspirado pelo filme que fez sucesso na época¹⁰, publicou nos jornais *O Estado do Paraná* e *Tribuna do Paraná*, manchetes que chamavam o Londrina de Tubarão, depois de um amistoso contra a

⁷ Arena mais acanhada, localizada no centro da cidade, próximo à rodoviária. O VGD comporta 13 mil torcedores.

⁸ Estádio Jaci Scaff, popularmente conhecido como Estádio do Café, localizado na Zona Norte da cidade de Londrina. Atualmente, por conta de normas de segurança, comporta até 36 mil torcedores.

⁹ Até 1993, cada partida do Campeonato Brasileiro valia dois pontos ao vencedor e não três como é atualmente. (Referências ver BARBOSA, Adriano).

¹⁰ A referência é ao filme batizado no Brasil de “Tubarão”, de Steven Spielberg (*Jaws*, 1975).

Catanduvense realizado antes do início do Campeonato Paranaense de 76. Para ele, torcedor alviceleste que morava na capital, o Londrina “engoliria” todos os adversários naquele ano. (MATEUS, 1996, p.95).

A outra versão é a de que o radialista Rubens Fernando Cabral teria apelidado o time londrinense de Tubarão após uma sequência de vitórias da equipe pelo campeonato paranaense. Cabral teria feito até algumas camisetas com um tubarão desenhado. Na avaliação de J. Mateus, “Grein Neto é de fato ‘o pai’ e Rubens Fernando Cabral, o verdadeiro ‘padrinho’ do tubarão” (MATEUS, 1996, p.95). Seja quem for o pai da ideia, o fato é que o apelido pegou e hoje é muito comum nos jogos do Londrina os torcedores levarem balões e bandeiras com o tubarão estampado. O jornalismo esportivo também adota o termo para se referir ao alviceleste.

Os anos 1980 começaram com um título para o Londrina. Tratava-se da Taça de Prata, o equivalente hoje à Série B do Campeonato Brasileiro. Em 1981, veio a segunda conquista estadual, em uma final chamada de “Clássico do Café” entre os norte-paranaenses Grêmio Maringá e Londrina, com o alviceleste vencendo as duas partidas (três a dois em Maringá e dois a um em Londrina).

O próximo título paranaense do LEC seria também em uma final entre times do interior, desta vez contra o União de Bandeirantes, em 1992. As três partidas finais do campeonato foram em Londrina, por conta do regulamento da competição, com dois empates (zero a zero e dois a dois) e uma vitória por um a zero para o Tubarão. Assim, o Londrina chegava à sua terceira conquista estadual.

No decorrer dos anos 1990 e 2000, o LEC sofreu com crises em sua diretoria, problemas financeiros e ações trabalhistas contra o clube. Dentro de campo, o time chegou a ser rebaixado para a Segunda Divisão do Campeonato Paranaense em 2009. Na Série B nacional, viveu altos e baixos e também sofreu rebaixamentos, em alguns anos nem mesmo se classificando para a disputa da série D¹¹.

¹¹ A disputa da Série D começou a ser feita no ano de 2009. Antes disso, a Série C era a última divisão do futebol brasileiro. (Autor).

Os problemas estruturais do time começaram a ser resolvidos em janeiro de 2011, quando o empresário Sergio Malucelli assumiu como gestor de futebol do clube, numa parceria entre a *SM Sports* e o clube londrinense. O time voltou à divisão de elite do futebol paranaense em 2012 e, em 2014, numa decisão contra o Maringá, garantiu seu tetracampeonato estadual da primeira divisão. No âmbito nacional, o Tubarão foi subindo divisões e atualmente disputa a Série B do Campeonato Brasileiro, após mais de uma década jogando outras divisões ou mesmo nem fazendo parte de competições nacionais de grande porte.

2.2.1 O Torcedor de Londrina é “Paulista”

Antes de falarmos sobre os jogos entre Coritiba e Londrina, cabe um adendo sobre o torcedor de Londrina, pelo fato deste muito se assemelhar ao de São Paulo, simpatizando com os ditos “times grandes” do estado vizinho. Segundo pesquisa divulgada em 2012 pelo Instituto Chiusoli Pesquisas¹², o Corinthians tem 26,6% dos torcedores na cidade, seguido de São Paulo, Santos e Palmeiras. Esse dado, apesar de ser do ano de 2012, pode ser facilmente comprovado ainda hoje. É só uma questão de observar a aglomeração de pessoas no entroncamento da avenida Higienópolis com a rua Espírito Santo, local tradicional de comemorações futebolísticas no município. Quando os times de São Paulo conquistam uma competição nacional, o número de pessoas que se desloca até a avenida é de algumas centenas de torcedores.

Um dado interessante é que o Londrina Esporte Clube, apesar de ter o carinho de grande parte da população é apontado por apenas 1,4% dos londrinenses como o time número 1 do coração. Mesmo em 2016, ano em que o Tubarão disputou a série B do campeonato nacional após mais de uma década de ausência, sua média de público foi de 4.926 torcedores pagantes

¹² Pesquisa divulgada no Portal Bonde, em 15 de julho de 2012.

por jogo¹³, o que representa 16% de taxa de ocupação do Estádio do Café, onde o time manda seus jogos.

A média do LEC foi a nona da competição, entre 20 equipes da segunda divisão. Por outro lado, quando o Palmeiras veio jogar em Londrina contra o América-MG, em jogo válido pela série A do Brasileirão, o público registrado foi de 27.875 torcedores, bem superior ao maior do Londrina na série B, que havia sido na derrota em casa por um a zero para o Vasco da Gama, com 13.318 torcedores pagantes. O torcedor que mora em Londrina é, em sua maioria, um fã dos times do estado de São Paulo.

Enquanto na cidade norte-paranaense se observam esses dados, na capital é diferente: por lá, Atlético Paranaense e Coritiba são as maiores torcidas, com o Corinthians ocupando o terceiro lugar e o Paraná Clube sendo o quarto em preferência entre os torcedores da grande Curitiba¹⁴.

2.3 OS CASOS DE POLÊMICA DE ARBITRAGEM NOS CAMPEONATOS PARANAENSES DE 2012 E 2013

As 10 charges estudadas nesta dissertação abordam a mesma temática: supostos erros de arbitragem em partidas entre Coritiba e Londrina em duas edições seguidas do Campeonato Paranaense: 2012 e 2013. A partir da polêmica levantada com o assunto e as reclamações por parte da torcida londrinense, os chargistas Sassá (*Jornal de Londrina*), Marco Jacobsen (*Folha de Londrina*) e Tiago Recchia (*Gazeta do Povo*) abordaram em suas charges a repercussão das duas partidas nas cidades de Curitiba e Londrina.

Os dois tópicos seguintes trazem um descritivo do que aconteceu nos dois jogos e os porquês das reclamações do time londrinense, de acordo com o noticiário esportivo da época.

¹³ Dados do site Globoesporte.com após o encerramento do Campeonato Brasileiro Série B 2016.

¹⁴ Pesquisa do Instituto Ipsos/Marplan, de 2012. Ver referências DE ALMEIDA.

2.3.1 28 de Março de 2012: Gols Anulados na Capital Paranaense¹⁵

No dia 28 de março de 2012, Coritiba e Londrina se enfrentaram no Estádio Couto Pereira, em Curitiba-PR, em jogo válido pelo Campeonato Paranaense de futebol da primeira divisão. O torneio daquele ano, bem como seu sucessor em 2013, era disputado com um regulamento que previa que todos os times se enfrentassem duas vezes, no sistema chamado de turno e retorno.

O Tubarão liderava o retorno da competição, com 15 pontos ganhos, enquanto o Coxa tinha 12. Aos 17 minutos do primeiro tempo, após cobrança de escanteio, o zagueiro Fernando, do LEC, fez um gol, que foi anulado pelo árbitro Evandro Rogério Roman, sob a justificativa de falta de Fernando no zagueiro Demerson, do Coritiba. Nos acréscimos do primeiro tempo, o meia Thiago Santos, também do LEC, caiu no gramado reclamando ter sofrido falta do zagueiro Pereira. Ao se levantar, o jogador agrediu o meia Tcheco, do Coritiba, e foi expulso. Por volta dos 15 minutos da etapa complementar de jogo, o lateral Ayrton, do Londrina, cobrou escanteio e fez outro gol, após falha do goleiro adversário. Esse gol olímpico¹⁶ foi anulado pelo árbitro, que alegou que a bola saiu do campo durante o percurso até o gol. O resultado final do jogo foi vitória de um a zero para o time do Coritiba.

Devido às polêmicas, no dia 30 de março de 2012, o site Globoesporte.com fez uma matéria com professores de física para tentar explicar os acontecimentos sob a perspectiva científica. Abaixo, trecho na íntegra do conteúdo:

Foram chamados quatro professores de física que fizeram as análises em um laboratório de física. Eles olharam todas as imagens e foram unânimes em dizer que a bola não saiu pela linha de fundo e o gol do Londrina foi legal. “A gente consegue observar que a sombra da bola se faz à frente, mas nunca ao fundo ou em direção ao centro do gramado. A gente pode considerar que a bola fez uma trajetória dentro do campo” – disse o professor Carlos Henrique Borges. A

¹⁵ Lances disponíveis no vídeo da TV Transamérica em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=9h7vOmk6PAI>>

¹⁶ Em linguagem futebolística, diz-se do gol feito diretamente através da cobrança de escanteio. (Autor).

análise dos professores de física também livram o auxiliar da acusação de má fé na hora de determinar o gol inválido. Segundo eles, uma movimentação no momento incorreto pode ter causado a falsa sensação de que a bola havia saído. - A grande falha do bandeira é no momento que ele está alinhado na linha de fundo, mas sai da posição. Na hora da cobrança, ele está um metro de distância da linha de fundo e pode ter tido essa sensação de saída de bola por ter se movimentado contrário à bola. Ele aumenta a sua velocidade em relação à bola. (GLOBOESPORTE.COM, 30 mar. 2012).

Após a derrota na capital, o Tubarão acabou perdendo fôlego na competição, terminando em quinto lugar, atrás de equipes como Arapongas e Cianorte. Já o Coritiba embalou após o resultado, chegando à final contra o Atlético Paranaense e conquistando seu 36º título estadual.

Os gols anulados e a expulsão do jogador do LEC foram discutidos com evidência na mídia paranaense durante aquela semana, com a imprensa londrinense ressaltando possíveis erros da arbitragem que prejudicaram o Tubarão.

Sendo a charge um recorte temporal de dado período, nos dias seguintes ao polêmico jogo, foram publicadas cinco charges a respeito do tema: no dia 29 de março de 2012 (dia seguinte à partida), Tiago Recchia, na *Gazeta do Povo* e Sassá no *Jornal de Londrina (JL)*. Em 30 de março de 2012, foi a vez de Marco Jacobsen na *Folha de Londrina* e Sassá fazer outra charge sobre o tema no *JL*. Por fim, no dia 31 de março Tiago Recchia fez outro desenho sobre o cenário do jogo. Essas cinco charges serão apresentadas no capítulo de análise do trabalho.

2.3.2 | 3 de Março de 2013: Reclamação no Café e Vitória do Coxa¹⁷

Os ponteiros registravam 16 horas em Londrina e o Estádio do Café estava lotado, com 30 mil pessoas assistindo debaixo do Sol a partida válida pela décima primeira (e última) rodada do primeiro turno da competição. Coincidentemente, Coritiba e Londrina, os dois times de melhor campanha, se enfrentavam numa espécie de final do primeiro turno.

¹⁷ Lances disponíveis no vídeo da TV Transamérica:
<<https://www.youtube.com/watch?v=vfaWUlgTXQ>>

De um lado, o Londrina Esporte Clube, jogando com o apoio de sua torcida e precisando de uma vitória para se sagrar campeão da primeira fase, assim garantindo sua vaga na final do torneio. Do outro, o Coritiba Foot Club, com a vantagem de jogar pelo empate para chegar à decisão. Como a maioria dos jogos entre Tubarão e Coxa, a partida foi tensa, com reclamações de ambos os lados e lances polêmicos para a arbitragem.

A equipe do Londrina reclamou de três casos nos quais os jogadores do Coritiba teriam cometido pênaltis, sendo um deles de uma mão na bola dentro da área. Na continuação deste lance em que o LEC reclamou pênalti, o alviverde contra-atacou e o meia Alex bateu no canto para definir o placar: Londrina zero, Coritiba um. Pelo segundo ano seguido, houve reclamação por supostos erros de arbitragem no confronto. O fato de o gol curitibano ter saído na sequência de um lance polêmico gerou revolta nos jogadores e torcida do Tubarão. Matéria do site *Globoesporte.com* do dia 3 de março de 2013 resume:

O camisa 10 fez o gol após um lance que provocou muita reclamação dos londrinenses. Em ataque do LEC, a bola bateu no peito do zagueiro Pereira. O time anfitrião entendeu que teria sido mão e reclamou, mas o árbitro Felipe Gomes da Silva nada marcou. No contra-ataque, Alex bateu no canto para marcar. Os jogadores do Londrina, inclusive reservas, cercaram o árbitro e protestaram. [...] O jogo teve o melhor público do estadual: 29.116 pagantes, 30.098 presentes, para uma renda bruta de R\$ 877 mil. Com o resultado, o Coritiba termina com 27 pontos. O Londrina, em segundo lugar, tem 23. (GLOBOESPORTE.COM, 3 mar. 2013).

A diretoria do Londrina chegou a pedir que o árbitro Felipe Gomes da Silva fosse punido pela não-marcação dos pênaltis, como relata matéria da BandNews FM Curitiba do dia 4 de março de 2013.

A partida foi marcada por muita reclamação do time do Londrina, que alegou que três pênaltis não foram marcados. Em um deles, na continuação da jogada, o Coritiba balançou as redes. O presidente do Londrina, Cláudio Aparecido Canuto, diz que o clube vai entrar com medidas judiciais contra a arbitragem. (BANDNEWSFMCURITIBA, 4 de mar 2013).

Ao final da partida, os jogadores londrinenses cercaram o árbitro para pedir explicações pelo que consideraram erros de arbitragem. A polícia teve de entrar em campo para acalmar os ânimos. Nos dias seguintes, a imprensa de cada lugar noticiou o fato a seu modo: para os curitibanos, a vitória e a

consolidação do Coritiba na final do campeonato; para os norte-paranaenses, a reclamação por terem sido supostamente prejudicados pela arbitragem.

O episódio gerou outras cinco charges que também estudaremos neste trabalho. Desta vez, Marco Jacobsen na *Folha de Londrina* dos dias 4 e 5 de março de 2013, Tiago Recchia na *Gazeta do Povo* de 4 de março e Sassá no *JL* de 5 e 6 de março de 2013.

Em dois anos seguidos, duas polêmicas envolvendo o confronto Coritiba x Londrina. O resultado da cobertura esportiva de 2012 e 2013 integra o corpus de análise da dissertação, que veremos adiante. Ao todo, dez charges são alvo de nosso estudo, sendo cinco do ano de 2012 e cinco do ano posterior. Das dez, três são de Tiago Recchia e foram publicadas no caderno esportivo do diário curitibano *Gazeta do Povo*, dentro da seção *Los Tres Inimigos*, uma criação do próprio Recchia. As outras sete charges ficam distribuídas entre mais três de Marco Jacobsen - veiculadas na *Folha de Londrina* - e quatro de Sassá para o *Jornal de Londrina*.

3. CHARGE: PROCESSO PRODUTIVO E CHARGISTAS ANALISADOS

Por suas características, a charge é um espaço diferenciado dentro do jornal. De modo ímpar, ela opina, diverte, questiona e marca, concentrando em si uma capacidade de síntese dos acontecimentos diários que fazem parte do noticiário impresso, prioritariamente.

Até mesmo pela disposição em resumir as pautas do dia-a-dia, a charge é um recurso utilizado com bastante frequência na página 2 dos diários impressos, espaço no qual o jornal traz a editoria de opinião e diferentes visões sociopolíticas de determinados assuntos, através de seus articulistas. Conforme pontua Barbosa no Dicionário de Comunicação, a charge carrega consigo crítica e síntese dos fatos, o que pode fazer dela um texto editorial:

A mensagem contida numa charge é eminentemente interpretativa e crítica, e, pelo seu poder de síntese, pode ter às vezes o peso de um editorial. Alguns jornais chegam mesmo a usar a charge como editorial, sendo ela, então, intérprete direta do pensamento do jornal que a publica. (BARBOSA, 2001, p.126-7).

Pelo peso editorial que tem, cabe à charge tratar em seu conteúdo de temas mais factuais, no jargão jornalístico. No livro “Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S. Paulo”, Edson Carlos Romualdo pontua que uma diferenciação possível entre charge e cartum é o fato da charge abordar realidades mais específicas e temporais, enquanto o cartum faz uma crítica a costumes.

Por focalizar uma realidade genérica, ao contrário da charge, o cartum é atemporal, desconhece os limites de tempo que a crítica a personagens, fatos e acontecimentos políticos impõe [...] a crítica a um acontecimento político em oposição à crítica de costumes é também a diferença estabelecida entre a charge e o cartum. (ROMUALDO, 2000, p.21).

Camilo Riani é outro autor da área que sustenta o argumento da temporalidade do tema como uma das diferenças entre charge e cartum. Riani lembra que a utilização do termo cartum como uma categoria do humor gráfico

é uma exclusividade do Brasil, pois em outras línguas o entendimento do termo é outro. Inclusive, em inglês – como podemos observar no *abstract* desta dissertação – não se fala “charge” e sim “*cartoon*”.

O cartum, também chamado de caricatura de costumes, é frequentemente confundido com a charge, principalmente pela semelhança visual de ambas. É especialmente na temporalidade e no fato retratado que essas categorias se distinguem: enquanto a charge está baseada em fatos reais (ou com personagens reais), ocorridos recentemente na política, economia, cultura etc., o cartum trata de temas mais gerais e universais, não sendo uma citação a um caso específico. (RIANI, 2002, p.29)

Romualdo salienta uma terceira diferenciação da charge, com relação à caricatura. Em sua visão, a caricatura seria um desenho feito através do exagero proposital de características marcantes do retratado (um político, por exemplo) e para esse fim. Em consonância com essa visão, Riani lembra que a pauta da caricatura não está necessariamente preocupada com os acontecimentos factuais, o que a diferencia da charge.

O termo caricatura, apesar de ser identificado como o campo artístico genérico do humor gráfico, é adotado por diversos salões e artistas como uma categoria específica, que tem como característica privilegiar aspectos anatômicos e psicológicos do retratado, não sendo, portanto, a ação/situação/fato seu foco central. (RIANI, 2002, p.29).

A busca pelo assunto factual também muda o modo do chargista desenvolver seu trabalho. É preciso resumir, em um desenho, os acontecimentos mais importantes do dia ou semana, preferencialmente propondo algo novo e que outros cartunistas ainda não tenham feito. Fosse comparado ao trabalho de um repórter, no caso específico da charge esportiva, esse jornalismo poderia soar como um conteúdo direcionado e parcial, uma vez que as charges de futebol aqui analisadas misturam-se ao calor do jogo e ao sentimento do torcedor, não fazendo questão de manter distanciamento com relação a posicionamentos. Até por isso, a charge encontra-se no espaço da editoria de opinião, a qual inclui editorial, artigos e cartas dos leitores.

Outro fator atrativo da charge é o fato de ela ser uma imagem de leitura mais ágil do que os textos convencionais do jornal impresso. Ainda segundo Romualdo:

A charge é um tipo de texto que atrai o leitor, pois, enquanto imagem é de rápida leitura, transmitindo múltiplas informações de forma condensada. Além da facilidade de leitura, o texto chárstico diferencia-se dos demais gêneros opinativos por fazer sua crítica usando constantemente o humor. (ROMUALDO, 2000, p.5).

O poder de síntese e a crítica bem-humorada são características da charge sempre pontuadas por aqueles que citam o gênero. Marco Jacobsen, um dos três chargistas entrevistados para o trabalho, ainda define a charge como um respiro, tanto no sentido gráfico – de dar uma pausa nos blocos de texto – quanto no sentido de discurso, uma vez que, pela sua forma de tratar as temáticas, ela seria mais leve que uma reportagem policial, por exemplo.

A charge acaba sendo uma forma de respirar e, mesmo sendo um olhar crítico, a charge é um pouco mais suave. Por mais que você faça algo forte, que leve a reflexão em um nível mais profundo, ela consegue ser um pouco menos pesada, pois ela trabalha com o humor. Se não no traço, na sacada que está passando. Na charge, você não tem o compromisso de passar a notícia, mas tem o compromisso de passar a informação... com uma opinião sua, uma opinião pessoal. (JACOBSEN, 2016).

Até por ser um respiro, conforme definiu Jacobsen, o texto chárstico tem suas diferenças técnicas e de conteúdo com relação às matérias e artigos de opinião. Sim, a charge está impressa e é veiculada com o restante da estrutura do jornal (ou hospedada no *site* ou mídias sociais do veículo), no entanto, sua concepção é diferente da de uma reportagem, se assemelhando ao processo de produção de um colunista, que prepara seu texto e o envia ao jornal – de maneira externa e distanciada das discussões de pauta da redação.

Ao menos nos casos analisados para esta dissertação, pode-se observar que um dos impactos das estruturas hoje mais enxutas dos jornais impressos é a contratação do chargista como um terceirizado, ou seja, um

profissional autônomo que desenha e vende suas charges ao jornal, mas sem estar inserido no processo produtivo do resto da edição, sem ter um vínculo empregatício formal com a empresa.

Importante lembrar que não é de hoje que chargistas trabalham de maneira terceirizada para os diários. A crise do impresso e consequentes cortes nas redações podem auxiliar o processo, mas esses profissionais muitas vezes já têm por costume trabalhar de maneira autônoma.

Nos três casos analisados, por exemplo, apenas Sassá foi demitido da redação por motivos de reajustes econômicos no jornal. Marco Jacobsen, por outro lado, sempre trabalhou de Curitiba para a *Folha de Londrina*, enviando suas charges para a redação do diário londrinense. Tiago Recchia relatou que até prefere trabalhar de casa, por conta de ter seus próprios equipamentos e softwares para o desenvolvimento da charge.

Quanto ao que norteia a pauta da charge, a partir das entrevistas foi notado um misto entre as leituras que o próprio chargista faz do noticiário, sua visão crítica de mundo e, ao mesmo tempo, uma espécie de autocensura que diz o que é publicável e o que não é, de acordo com a linha editorial do veículo. O chargista trabalha com uma autopauta, conceito que definiremos durante a análise das charges estudadas.

3.1 O PROCESSO PRODUTIVO DA CHARGE

Produzir uma charge está muito além do ato de desenhar. Pelas características críticas e humorísticas do gênero, criar este tipo de trabalho exige leitura, senso crítico, *feeling* para ter boas sacadas, bom senso e perspicácia para lidar com a linha editorial do jornal, entre outras qualidades.

Na visão dos três entrevistados, a pesquisa de notícias e referências é o principal ingrediente no processo produtivo da charge, pois é ela que vai conduzir a temática abordada no desenho. Na definição de Tiago Recchia, um trabalho de escolha de temática por parte do chargista:

O processo é o mesmo para todo mundo, né... você tem que se informar e tomar o máximo possível de informações. É um garimpo, sempre digo para meus amigos cartunistas, é uma garimpagem. No meu caso, para fazer as charges de *Los Tres Inimigos*, vou nos sites que têm as melhores informações sobre os times aqui da região e anoto uma coisa ou outra ali que acho que pode render uma boa ideia. (RECCHIA, 2016).

No caso de Recchia, a “garimpagem” é mais específica, por conta de sua criação ser voltada à pauta esportiva, com a coluna “Los Tres Inimigos”, que aborda o cotidiano dos três grandes times de futebol da capital paranaense. No entanto, a prática é a mesma também para os chargistas que desenham charges de temáticas variadas. Sobre o tema, Marco Jacobsen, da *Folha de Londrina*, reitera:

Desenhar é o que menos dá trabalho. O que dá mais trabalho é pensar em como fazer uma charge que não seja igual a de todos, que não seja óbvia. Então pra isso eu leio o dia inteiro: *Estadão*, *Folha de Londrina*, *Gazeta do Povo*, jornais que tenham bons articulistas pra você pegar todos os lados da notícia e, com base nisso, desenvolver um pensamento crítico e pensar nele graficamente. (JACOBSEN, 2016).

Além da pesquisa de notícias, outro fator em comum no processo produtivo e criativo dos três é a observação do que outros chargistas estão fazendo, para que – dentro do possível - não haja repetição de ideias e conceitos. O chargista é influenciado pelas notícias e se utiliza delas em suas criações sem, com isso, perder o valor de sua obra. É o que afirma Camilo Riani em “Linguagem & cartum... tá rindo do quê?”:

Assim, os discursos da própria imprensa concorrem para a constituição do discurso do chargista de maneira decisiva, sem, contudo, enfraquecer o discurso do artista, pelo contrário, enriquecendo-o e contextualizando-o de modo mais rico e marcante. (RIANI, p.57, 2002).

Os discursos da própria imprensa, como conceitua Riani, levam o trabalho do chargista a se situar em paralelo com o dos jornalistas, principalmente quando estes trabalham integrados em um mesmo espaço.

Sassá, do extinto *Jornal de Londrina* e que chegou a trabalhar inserido na redação do tablóide londrinense, cita outro ponto em comum na produção de repórteres e chargistas: a espera do factual¹⁸ e as mudanças de pauta ao longo do dia.

Só que o lance da charge é o seguinte: muita pesquisa e, às vezes, a espera da notícia... você está trabalhando em uma notícia desde às duas da tarde e às seis da tarde chega uma bomba e você tem que resolvê-la, então acabou todo aquele trabalho que você já tinha feito. (SASSÁ, 2016).

A fala de Sassá converge com o conceito de efemeridade que distancia a charge do cartum, ou seja, a charge não é uma pauta fria¹⁹, tampouco um assunto desconectado da realidade histórico/temporal. Na maior parte do tempo, o desenho vai acompanhar os assuntos de maior destaque na semana. A charge vai relatando a trajetória da sociedade, sendo uma interpretação em traços de sua região, país ou mesmo do mundo.

Além dos aspectos conceituais e de conteúdo, a charge envolve um trabalho técnico em sua criação, que resulta no estilo gráfico de cada cartunista. Para Jacobsen, a parte do desenho em si é a hora de desenvolver graficamente o pensamento crítico que ele teve a partir das leituras que fez, a “garimpagem” citada anteriormente. Marco Jacobsen diz usar métodos mais analógicos por vezes, como papel nanquim, caneta técnica, pincel e aquarela, criando com esses elementos e, posteriormente, escaneando a obra e colocando a legenda para ser publicada.

No entanto, atualmente Jacobsen trabalha de forma mais digital, em um software do *lpad* que simula os efeitos destes mesmos instrumentos analógicos que ele era acostumado a usar. Questionado sobre a quantidade de horas necessárias para se criar uma charge do zero até enviá-la ao jornal, Jacobsen diz que esse tempo é muito relativo, podendo ser de duas horas (no caso de

¹⁸ No jornalismo, diz-se que “factual” é o assunto ou pauta relacionados a temas instantâneos, acontecimentos do momento e similares. (Autor).

¹⁹ Outro termo típico das redações jornalísticas, se refere às pautas que podem ser produzidas sem o fator da efemeridade. Por exemplo, as matérias de comportamento, que não precisam de um fato novo para serem discutidas. (Autor).

uma ideia já definida) até um dia todo. Segundo ele, é um processo do qual o chargista não se desliga e está sempre pensando no que vai criar.

Sassá se define como um estilo mais simples de desenho. Ele diz que sempre fez o desenho à mão e terminou no computador, em *softwares* como *Adobe Illustrator* e *Adobe Photoshop*. Sobre seu processo produtivo nos tempos de *Jornal de Londrina*, diz:

A ideia é fazer um rascunho bem tosco, pra organizar a cena e mostrar pro editor. Se a ideia não for boa, já descarta ela no começo. Tá legal? Tá! Então vamos fazer um desenho mais refinado no lápis, depois vamos para um papel vegetal, tirar aquilo com caneta nanquim por cima, isso se chama arte-final, você refina o traço e delimita ele, no traço preto e liso. Isso vai pro computador depois e pra colorização, aplicação de texto, esse tipo de coisa, aí mandava pro cara que fechava e ele incluía pra página final. (SASSÁ, 2016).

Tiago Recchia diz que também prefere fazer o desenho à mão com nanquim e aquarela, escanear e colorir no *Photoshop*, mas que “essa técnica para jornal impresso é proibitiva, pois demora muito” (RECCHIA, 2016) e é preciso respeitar o *deadline* do jornal. Para ele, o mais laborioso é ter a ideia para a charge. O desenho em si não demora muito, cerca de duas horas, dependendo da complexidade do traço.

Recchia também cita que mudou bastante seu estilo gráfico de desenhar ao longo dos anos, para cumprir com o horário de fechamento do jornal.

No início desenhava muito parecido com as charges americanas, com muita textura, muito acabamento, mas aí o tal do *deadline* me ensinou. Comecei a fazer uma charge mais caligráfica, um desenho mais rápido, como fazia Henfil... E isso me salvou, porque antes eu ficava muito tempo lapidando, lambendo. (RECCHIA, 2016).

Uma diferença relevante de se citar é o espaço que cada chargista estudado tem para a veiculação de suas ideias. Enquanto Tiago Recchia produz seu material para a coluna Los Tres Inimigos, Sassá e Marco Jacobsen desenhavam para a página 2, o que pressupõe uma gama maior de assuntos a serem abordados, com o futebol sendo apenas um deles. No caso de Recchia,

a especificidade de espaço reflete uma estrutura maior da *Gazeta do Povo*. Por ser o maior jornal do Paraná, notam-se algumas diferenças entre a publicação curitibana e as londrinenses, sendo que o espaço de charge (que na *Gazeta* não se dá apenas na página 2) é um desses aspectos.

3.2 CHARGISTAS ANALISADOS

Conhecer os chargistas, bem como os jornais dos quais foram retiradas as charges objeto de estudo, ajuda a explicar contextos e situações que permearão a análise. Como dito anteriormente, as charges analisadas nesta dissertação são de autoria de três chargistas: Marco Jacobsen (*Folha de Londrina*), Sassá (*Jornal de Londrina*) e Tiago Recchia (*Gazeta do Povo*). Como parte do método escolhido para o desenvolvimento do trabalho, os três foram entrevistados presencialmente e responderam a questões sobre suas rotinas, carreiras e também sobre as próprias charges.

3.2.1 Marco Jacobsen

Marco Jacobsen nasceu em Santos, em 1972, e desde os 5 anos de idade mora em Curitiba. Sua formação é de nível médio completo e seu interesse pelo desenho surgiu aos 15 anos quando, por conta de uma hepatite, teve de ficar bastante tempo de cama para se recuperar. Neste período, seu pai lhe emprestava para ler um jornal do qual era grande fã: o *Pasquim*. A partir de então, Jacobsen passou a entender melhor o contexto político que o Brasil vivia à época e, das imitações das charges do *Pasquim*, passou a fazer as próprias.

O primeiro jornal que o remunerou pelos seus desenhos foi o *Nicolau*, periódico que circulava encartado em outros jornais, em 1988. Nesta mesma época, Marco também publicava colunas esporádicas junto com outros amigos cartunistas no *Estado do Paraná*, onde entrou para cobrir férias e acabou sendo contratado no ano de 1994. Com a charge diária, Jacobsen iniciou em 1998, tendo trabalhado no *O Estado do Paraná* até 2002.

Em 2004, Jacobsen ingressou na *Folha de Londrina*, na qual publica até hoje, também tendo desenhado para revistas como *Playboy*, *Rascunho*, *Sexy*, *Veja*, *Rascunho*, *Ideias*, *Etcetera* entre outras. O chargista também cita seus trabalhos para vários pequenos jornais e desenhos para empresas.

A *Folha de Londrina*, jornal para o qual Jacobsen desenha, é um diário impresso em formato *standard*, bem tradicional em Londrina, tendo sido fundado em 1947, a partir de um encontro entre o comerciante catarinense João Milanez com o jornalista Correia Neto. Correia estava atrás de um sócio para montar um jornal e assim surgiu a parceria: ele entraria com as ideias e Milanez cuidaria do comercial e distribuição do periódico. Então, em 15 de novembro de 1947 (13 de novembro no cabeçalho do jornal) saía o primeiro número da *Folha de Londrina*. Com o fechamento do *JL* em dezembro de 2015, fixou-se como o único jornal impresso diário de Londrina com grande circulação.²⁰

Dos três chargistas analisados, Marco Jacobsen é o único que não mora na mesma cidade do jornal para o qual desenha, uma vez que ele reside em Curitiba e, de lá, manda suas charges para a *Folha de Londrina*. Sobre a interferência desse fato em seu processo de criação, Jacobsen diz que as pautas partem de ideias suas, sem influências da redação. Ele também revela que a linha editorial do jornal pode interferir na maneira como lê as notícias e que isso pode ter “influência em seu traço”.

Jacobsen, na verdade, não cria charges apenas de esportes ou, mais especificamente, de assuntos relacionados ao Londrina Esporte Clube, como as que são nosso objeto de análise. Em suas criações, publicadas no espaço editorial da *Folha de Londrina*, diversos temas são abordados: política, economia, comportamento, esportes – com dimensionamento desde o conceito mais local até o mais universal, dependendo da situação representada. Indagado sobre como se mantém por dentro do cotidiano londrinense, Jacobsen responde que o fato de sua família ser do Norte do Paraná facilita seu entendimento da região. Além disso, ele procura ler sempre o próprio jornal para o qual trabalha.

²⁰ Segundo o site do grupo *Folha de Comunicação*, 35.000 exemplares/dia.

3.2.2 Sassá

Sassá é o nome artístico de Gustavo Dantas. Londrinense de nascimento e com passagens por Campo Grande e São Paulo, Sassá é formado em Artes Visuais pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo.

Assim que se formou, voltou a Londrina e entrou como editor de imagens e anúncios no *Jornal de Londrina (JL)*, diário que surgiu da iniciativa de jornalistas como Délio César com o apoio de empresários locais e, em 1999, foi adquirido pelo *Grupo Paranaense de Comunicação (GRPCOM)*, que detém as afiliadas da *Rede Globo* no Paraná. Neste mesmo ano, Sassá começou a fazer as charges no jornal, inaugurando o gênero no *JL* e trabalhando como chargista para o *Jornal de Londrina* até o fechamento em dezembro de 2015. O *JL* circulava em formato *berliner* e de forma gratuita em pontos comerciais e residenciais da cidade, com tiragem de cerca de 20 mil exemplares e circulação de domingo a sexta-feira.

Numa das crises do *JL*, Sassá foi demitido e depois recontratado em 2004 como um terceirizado, posto no qual ficou até o fechamento do jornal. Na opinião do chargista: “nisso (de trabalhar autonomamente para o jornal) se perde muito, porque antes eu ficava ali, exclusivo para o jornal”.

Sassá também comenta sobre como era trabalhar na redação do *Jornal de Londrina* e como isso influenciava em seu trabalho. Em sua visão, o diálogo entre jornalistas, pauteiros e chargistas é importante:

“Os jornalistas me davam ideias, pautas. Com o tempo você vai ganhando autonomia. Tinha minhas ideias, mandava, era só uma questão de ser aprovada. E aí você vai sabendo o que não fazer, o que não cutucar para não gerar polêmica e ser censurado.” (SASSÁ, 2016).

Esta fala de Sassá sobre o que “não cutucar” para não gerar polêmica será abordada na análise do trabalho, dentro do conceito de autocensura. Sobre a rotina de trabalho dentro do jornal, ele relata que chegava para

trabalhar após o almoço e ficava até o horário de fechamento do jornal (geralmente entre as 20h e 22h) que variava de acordo com as pautas do dia. Sassá lembra também que há a “espera da notícia” quando se trata de um chargista inserido na redação, porque ele pode estar com o material finalizado e chegar uma “bomba”, uma notícia de grande destaque em cima do horário de fechamento. Nesses casos, descarta-se o trabalho feito até então e se cria outra obra em cima da nova temática.

Ainda sobre a carreira, o chargista já desenhou para vários tipos de sindicatos, trabalhou esporadicamente para o jornal *Em Dia*, desenvolveu criações para editoras de livros didáticos infantis, fez um tablóide dentro do próprio *Jornal de Londrina* (que se chamava *Flapt*), uma revista em quadrinhos chamada *Muamba*, além de trabalhos editoriais para ilustrar publicações da Abril, como a revista *Mundo Estranho*. Sassá atualmente trabalha na área de desenhos e criações para tatuagens.

3.2.3 Tiago Recchia

Tiago Recchia é catarinense de Tubarão, mas, assim como Marco Jacobsen, mora em Curitiba desde criança. Aos 13 anos foi levado por uma das professoras da escola para desenhar para o jornal *O Paraná* e iniciou fazendo quadrinhos, tirinhas e caricaturas de figuras públicas. Com 16 anos, era o chargista do *Correio de Notícias*. Recchia brinca que chegou a iniciar a faculdade de Economia, mas que era mais divertido desenhar do que fazer contas. Ele resume sua carreira nas seguintes palavras:

Fiquei uns dois anos (no *Correio*) e depois fui para o Jornal do Estado. Aí fui para a *Folha de S. Paulo*, voltei a Curitiba, fiquei no Estado do Paraná uns 6 anos, voltei pro *Jornal do Estado*, comecei a trabalhar com direção de criação em Propaganda e, de certo modo, consegui viver só de humor gráfico esse tempo todo. (RECCHIA, 2016).

Tiago Recchia iniciou desenhando charge política, porém, durante o tempo em que esteve na *Tribuna*, estourou no começo dos anos 2000 “Los Tres

Inimigos”. A série de charges é uma criação dele na qual os três times da capital paranaense: Atlético Paranaense (Atleticón), Coritiba (Corisco) e Paraná Clube (Paranito) são retratados, cada qual com personagem próprio.

Assim como em “Los Tres Amigos”²¹, “Los Tres Inimigos” brinca com a história dos três mosqueteiros e aproveita os personagens para serem *alter-ego* dos seus respectivos torcedores. Sobre a motivação para criar os personagens, Recchia diz que percebeu que ninguém estava desenhando sobre futebol e, coincidentemente, na época (início dos anos 2000) os times de Curitiba estavam bem no cenário nacional. O que no começo era para ser apenas uma “muleta”, para quando faltassem assuntos de relevância na editoria esportiva, acabou se tornando protagonista de sua charge, por conta da boa recepção que teve junto ao público.

O chargista chegou a receber convites para repetir a série em outros estados do Brasil como São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Santa Catarina. No entanto, ele sempre recusou as propostas, pois em sua visão “não tem como fazer franquia de Los Tres Inimigos, pois é algo muito específico daqui (Curitiba).” (RECCHIA, 2016).

Recchia é terceirizado da *Gazeta do Povo*, o maior jornal impresso do Paraná. Segundo dados da Associação Nacional dos Jornais (ANJ), em 2015, a média de circulação do diário curitibano foi de 34.519, o que representa uma variação negativa de 16,49% com relação a 2014. Atualmente, a *Gazeta do Povo* é o vigésimo segundo jornal do país em tiragem anual.

Mesmo com decréscimo nas vendas, conta com uma estrutura que permite mais cadernos temáticos e um espaço maior para gêneros como a charge. Dos três impressos aqui analisados, a *Gazeta do Povo* é o único com um espaço individual para charges em seu caderno esportivo. Ainda sobre o diário

²¹ O quadrão Los Tres Amigos estreou no *FolhaTeen*, da *Folha de S. Paulo* em 16 de dezembro de 1991. No começo, era publicado em preto-e-branco, na página 2. No aniversário de dois anos da revista “Chiclete com Banana”, Angeli (criador de Los Tres Amigos) quis comemorar fazendo um encarte com o trabalho dos colaboradores e amigos mais próximos. Na época, ele havia assistido o vídeo “Três Amigos”, dirigido por John Landis. É sobre a história de três atores decadentes que viram heróis em uma cidade mexicana. A partir disso, o cartunista teve a ideia de fazer a capa do encarte com os três personagens vestidos de mexicanos. O time de Los Tres Amigos contava com os seguintes cartunistas: Adão, Angeli, Glauco e Laerte. (ALMUDENA, 1998).

curitibano, ele foi fundado em 3 de fevereiro de 1919 pela dupla de advogados Benjamin Lins e De Plácido e Silva e, atualmente, é do *GPRCOM*, mesmo grupo do extinto *JL*.

Como dito, Recchia não é um contratado com carteira assinada do jornal, ou seja, faz as charges de sua casa, onde tem os aparelhos técnicos como mesa digital para executar seu trabalho. Ele diz que já dividiu o ambiente de redação com jornalistas, mas que prefere desenhar de casa, por conta das questões técnicas que envolvem a criação.

O computador, pra mim, é como se fosse a máquina de costura pro alfaiate. O *Photoshop* mesmo, tem que estar calibrado do jeito que você gosta, com as ferramentas que usa... Já tentei dividir lá na Gazeta e já dividi, é possível, mas é sempre um saco pegar um *Photoshop* e outra caneta óptica de outro cartunista, é como usar uma roupa de outra pessoa. Tem que desenhar com suas próprias ferramentas e do seu jeito, creio que todos os cartunistas prefiram isso. (RECCHIA, 2016).

Além das redações, Recchia também trabalhou como diretor de criação de Propaganda, o que influencia algumas de suas charges, como veremos na sequência.

4. TRAÇOS DE TUBARÃO, TRAÇOS DE COXA BRANCA

Nosso corpus de estudo é constituído por dez charges, distribuídas de forma igualitária entre dois anos: 2012 e 2013. A partir desse recorte serão discutidas características da linguagem do humor utilizadas na charge, bem como conceitos que resolvemos destacar e definir a partir dos estudos e entrevistas feitos com os chargistas, entre eles: a autopauta, a suíte chárstica e as características particulares da charge esportiva, especificamente quando o assunto abordado é o futebol.

Esses conceitos não foram apontamentos teóricos utilizados para analisar as dez charges e sim conceitos que surgiram a partir da análise do objeto, sendo desdobramentos da pesquisa que podem ser utilizados futuramente em análises de charges esportivas. Por isso, apresentamos aqui primeiro a análise para posteriormente dissertarmos sobre as questões concernentes ao processo produtivo da charge, feitas a partir do tópico “4.3 – Conceitos Chársticos”.

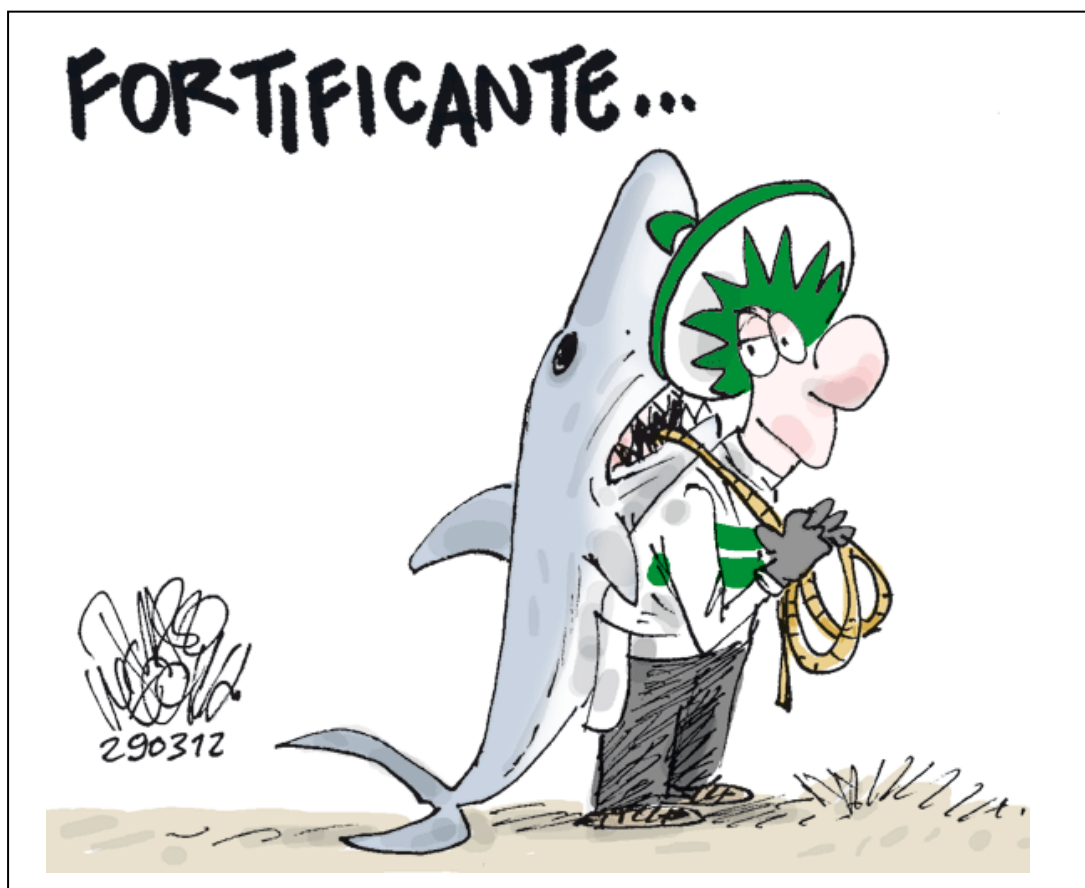
Conforme explicado no capítulo dois do trabalho, foram as polêmicas de arbitragem nas partidas do campeonato paranaense que motivaram os chargistas em ambos os anos. Em 2012, o Londrina teve gols anulados e um jogador expulso no jogo disputado na capital paranaense. Já em 2013, em solo norte-paranaense, as reclamações foram por conta de um gol do Coritiba supostamente iniciado em um lance que seria falta para a equipe do LEC, um de três pênaltis reclamados pelo Tubarão naquele jogo.

4.1 CORITIBA X LONDRINA: CAMPEONATO PARANAENSE DE 2012

Começamos nossa análise com uma charge de Tiago Recchia (figura 1), publicada na seção esportiva do diário curitibano *Gazeta do Povo*, no dia 29 de março de 2012, data seguinte ao jogo entre Coritiba e Londrina. A charge apresenta Corisco (o mascote curitibano da coluna *Los Tres Inimigos*) em posição ativa na situação - carregando um tubarão morto, sem reação, derrotado, puxado por uma corda e com sua cauda sendo arrastada pelo

caminho. Quanto às vestimentas, essas são características do personagem Corisco: o chapéu estilo sombreiro mexicano dá o estilo latino trabalhado na coluna *Los Tres Inimigos* e a camiseta alviverde é a do Coritiba Foot Ball Club. A expressão de Corisco traz um leve sorriso de satisfação pela vitória e um dos olhos um pouco mais fechado do que o outro.

Figura 1 – Gazeta do Povo/29 mar. 2012



Autor: Tiago Recchia.

Fonte: <<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/los-3-inimigos>>

O título “Fortificante...” reforça o contexto da charge. De fato, os textos são elementos comuns junto com as charges, como forma de ampliar a possibilidade de entendimento do leitor. Conforme observa Miani (2012, p.41): “a maioria das charges vem acompanhada de textos ou palavras, uma vez que o elemento linguístico se torna importante para explicitar a sua intencionalidade ou completar o sentido humorístico e político.”

Em entrevista ao autor, Tiago Recchia comentou que a charge foi feita para enaltecer a vitória do Coritiba, que não vinha agradando muito seu torcedor na competição, mas que, após derrotar o Tubarão, conseguiu uma boa sequência de resultados até culminar com o título paranaense daquele ano. Recchia, que trabalhou alguns anos com direção de criação para propaganda, revelou que a charge em questão foi feita com referência a um comercial antigo do Biotônico Fontoura²², no qual um homem puxava um enorme bacalhau, em uma demonstração de força física e virilidade após tomar a substância. O “Fortificante...” do título também é uma referência ao medicamento, uma vez que o lema dele era: “Biotônico Fontoura – o mais completo fortificante”. Recchia então, mesclando seu conhecimento profissional à situação em destaque, cria um desenho que compara a vitória curitibana a um importante fortificante para o time naquele momento, alavancando seu crescimento na competição, bem como o produto se propunha a fazer com seus usuários.

Indagado se faria uma charge diferente caso desenhasse para o público londrinense, Tiago Recchia afirmou que “sem dúvidas, faria”. O chargista também salientou que o veículo para o qual se trabalha e o público-alvo para o qual desenha influenciam a criação. Assim, há um peso da opinião pública sobre a produção do chargista.

Sobre o elemento textual nas charges analisadas, a tabela abaixo observa com que frequência se observou a utilização desse recurso e de que forma foi feito. De maneira geral, pode-se destacar que Marco Jacobsen e Tiago Recchia se utilizam mais do recurso, distribuindo-o entre títulos e balões de fala. Já Sassá, ao menos no recorte estudado, não utilizou nenhuma vez, optando por deixar o entendimento da situação a cargo apenas do desenho e da percepção/repertório do leitor.

²² Medicamento fortificante e antianêmico criado em 1910 pelo farmacêutico brasileiro Cândido Fontoura.

Tabela 1 – Utilização de elementos textuais nas charges analisadas

CHARGISTA	NÚMERO DE CHARGES ANALISADAS	UTILIZAÇÃO DE TEXTOS	FORMA DE UTILIZAÇÃO DO TEXTO
Marco Jacobsen (<i>Folha de Londrina</i>)	2*	2	1 como título 1 como balão de fala
Sassá (<i>Jornal de Londrina</i>)	4	0	--
Tiago Recchia (<i>Gazeta do Povo</i>)	3	3	1 como título 2 como balões de fala

** São três as charges de Marco Jacobsen analisadas, no entanto, como uma delas é uma repetição de uma charge publicada anteriormente, contaremos apenas as charges diferentes para dados quantitativos.

Fonte: Autor

Outro detalhe observado com regularidade foi o uso de exclamações nos textos, estrutura pouquíssima utilizada em manchetes e matérias jornalísticas (e até mesmo proibida pelos tradicionais manuais de redação) e que, na charge, ganha espaço como potencializador de cenas, sentimentos, emoções e afins.

Das cinco charges – somadas de Marco Jacobsen e Tiago Recchia – que se utilizam de textos, quatro delas apresentam exclamações, se não no título, nas balas de falas dos personagens retratados. No caso de Jacobsen, uma no título “Vergonha!” (figura 3) do Tubarão sendo garfado e uma como fala do próprio Tubarão (figura 8), na cena em que é engolido por um apito. Nas charges de Recchia, as exclamações vêm nas falas do Tubarão, quando este engasga com o apito (figura 5) e também quando perde seu sorvete (figura 7).

Pode-se dizer que a charge é opinativa e que ocupa um lugar nobre na história dos jornais impressos. Nesse sentido, Edson Carlos Romualdo em “Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S. Paulo” (2000, p.69) afirma que esse gênero não serve só para

ilustrar as palavras, porque “se isso acontecesse, poderíamos considerar a charge como uma ilustração do texto verbal, porém ela mantém com os outros textos vários tipos de relações que extrapolam tal consideração”.

Isso fica claro nas charges aqui apresentadas, pois, em todas, há relação entre o que foi desenhado e o que o noticiário esportivo noticiou ao longo daquelas semanas dos jogos.

Este caráter intertextual da charge é pontuado por Rozinaldo Miani no artigo “Charge: uma prática discursiva e ideológica”. De acordo com o autor, a charge é uma modalidade de linguagem iconográfica, de cunho dissertativo e intertextual e que se caracteriza como prática discursiva e ideológica.

Invariavelmente a charge participa de um contexto comunicativo maior que é o jornal, revista ou outro veículo impresso qualquer e sua significação se assenta em intersecções de sentido com a produção textual verbal, caracterizando-a como uma produção intertextual. (MIANI, 2012, p.43).

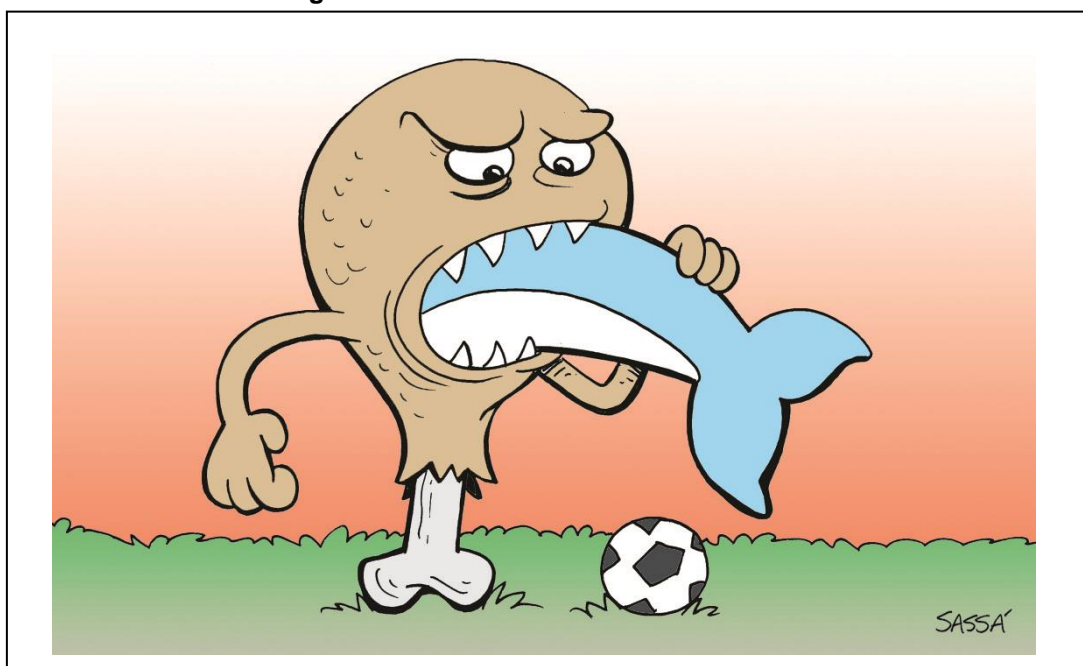
No caso da figura 1, por exemplo, se a vitória representa um impulso positivo para a equipe coxa-branca, a charge vai demonstrar isso, bem como, para o torcedor londrinense, ela vai representar a dor de uma derrota e uma história que poderia ter sido diferente. A tônica das notícias locais se vê refletida na charge, uma vez que essa também é um texto opinativo:

A charge é uma representação humorística de caráter eminentemente político que satiriza um fato ou indivíduo específicos; ela é a revelação e defesa de uma ideia, portanto, de natureza dissertativa, traduzida a partir dos recursos e da técnica da ilustração. (MIANI, 2012, p.39).

Pode-se dizer, então, que o chargista opina em seu espaço, seja ele editorial ou dentro de uma editoria específica, como a esportiva. No entanto, há alguns balizadores para esta opinião, uma vez que – sendo um terceirizado e estando longe da redação – não haverá uma discussão prévia da ideia a ser trabalhada no desenho. Esses conceitos que permeiam a produção chárstica serão abordados após a análise das dez charges, nos seguintes tópicos: autopauta, suíte chárstica e autocensura.

A próxima charge (figura 2) também foi publicada no dia 29 de março de 2012, desta vez no espaço editorial do extinto *Jornal de Londrina (JL)*. Ela é de autoria de Sassá e traz uma coxa de frango gigante comendo um tubarão branco e azul. A ação fica muito clara ao olharmos a posição da boca aberta da coxa, com os dentes abocanhando o que podemos presumir ser um resto de tubarão. As conclusões de que se trata de uma charge de futebol vem, no caso, da utilização das cores azul e branca no resto do corpo de tubarão sendo mastigado – cores do Londrina Esporte Clube – e da bola de futebol ao lado da ação. Como dito, as charges de Sassá não apresentam títulos, apenas o desenho.

Figura 2 – *Jornal de Londrina*/29 mar. 2012



Autor: Sassá.

Fonte: Arquivo pessoal Sassá

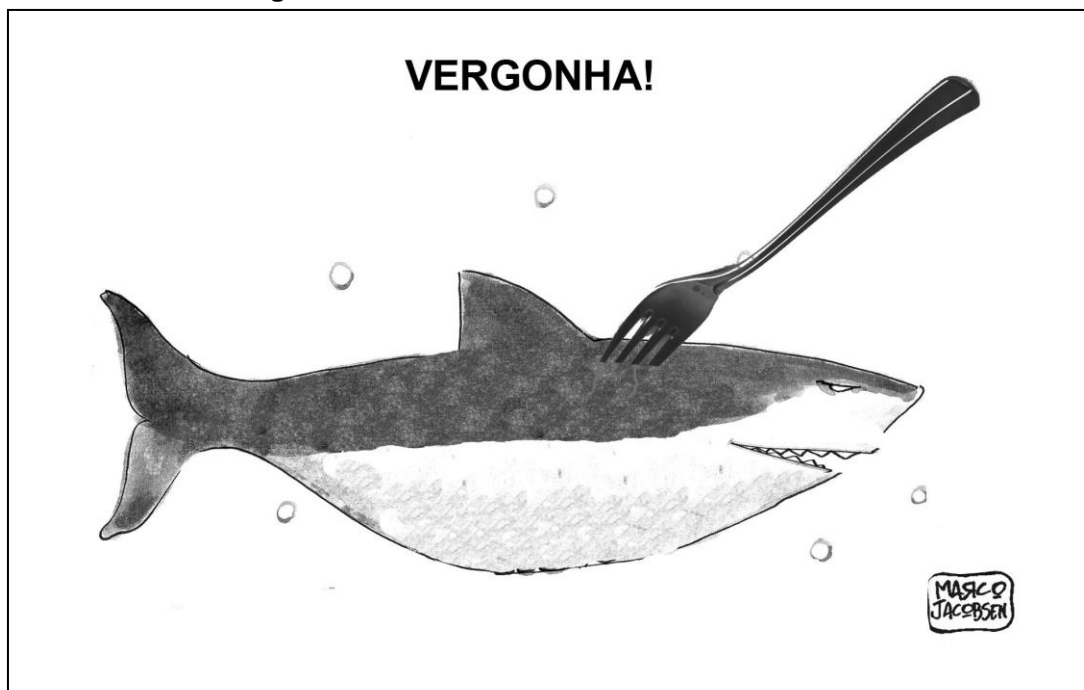
A criação também faz referência à expressão “o time foi engolido”, que se diz quando uma equipe demonstra superioridade em relação a outra e vence a partida. Ainda pode-se observar uma releitura por parte de Sassá no que se refere ao time do Coritiba, uma vez que o chargista utiliza como símbolo uma coxa de frango, representação que não teria espaço em um jornal curitibano. No entanto, o “Coxa” do time do Coritiba se refere a uma coxa

humana. O próprio Sassá diz que fazia uma brincadeira com os termos: “Para representar o Coxa eu fazia essa coxa de frango, que não tem nada a ver, né (risos) porque a Coxa do Coxa vem de Coxa branca.” (SASSÁ, 2016).

Sassá também procurava manter uma espécie de personagem para o Tubarão, apenas afinando o traço com o passar dos anos e brincando com elementos da cultura pop para dimensionar as situações que o time vivia. Quando o time do LEC tinha um grande desafio pela frente, o Tubarão podia ser retratado como um *viking* à espera da batalha; quando perdia um jogo ou competição, poderia virar um esqueleto à deriva na praia, entre outros exemplos.

A figura 3 é de autoria de Marco Jacobsen e foi publicada na página 2 da *Folha de Londrina* do dia 30 de março de 2012, ou seja, dois dias após o jogo. Na edição impressa, a imagem foi publicada em preto e branco, porém, na internet é possível achar a versão colorida dela, que mostra um garfo verde (cor do time do Coritiba) espetando o tubarão, numa referência ao termo futebolístico “ser garfado”, utilizado quando um time é prejudicado por erros de arbitragem. Como informação e ilustração ao leitor, colocaremos as imagens coloridas, conforme publicadas na internet, nos apêndices da dissertação (Apêndice A – Entrevista Marco Jacobsen), uma vez que ela não faz parte do corpus de análise do trabalho. As versões coloridas, que são os originais feitos por Jacobsen, não serão analisados - uma vez que a publicação de todas se deu em preto e branco e seguimos como método neste trabalho analisar as publicações que saíram nos periódicos.

Figura 3 – *Folha de Londrina*/30 mar. 2012



Autor: Marco Jacobsen.

Fonte: Arquivo *Folha de Londrina*

Na charge, podemos observar um tom crítico por parte de Marco Jacobsen, em termos que provavelmente não poderiam ser utilizados por um jornalista. Dificilmente um repórter de texto poderia estampar “Tubarão é garfado contra o Coritiba”. No entanto, na charge há o elemento humorístico que dá margem a esse tipo de crítica, conforme observa Camilo Riani em “Linguagem & Cartum... Tá rindo do quê?”, obra que analisa a questão da linguagem nas diferentes representações do humor gráfico:

Uma das marcas mais citadas por distintos teóricos no estudo da linguagem do humor é a presença do tom crítico, sobretudo em determinadas categorias. [...] Assim, ao analisarmos a atividade de um humorista gráfico, podemos enxergá-lo como uma espécie de comentarista crítico, tal qual um cronista. (RIANI, 2002, p.52-3).

Jacobsen atua em sua charge como um comentarista e se aproveita de um dos termos muito utilizados no futebol para explicitar sua crítica: o “ser garfado”. Não só nessa, mas em pelo menos quatro das charges analisadas há o uso dos jargões futebolísticos para compor a mensagem. Jacobsen se utiliza do garfo e do apito (figuras 2 e 8), um símbolo clássico da arbitragem de um

jogo de futebol, Tiago Recchia também desenha o apito em uma de suas charges (figura 5) e Sassá escolhe o juiz cego como abordagem (figura 4).

Nessa charge, o tubarão está em seu *habitat*, como pode-se perceber pelas bolhas d'água ao redor de seu corpo. Aparentemente, ele está prosseguindo o nado, enquanto um garfo é espetado em suas costas. A expressão do mascote londrinense é diferente, se comparada com as duas primeiras charges apresentadas. Nas primeiras imagens (figuras 1 e 2) percebemos o tubarão abatido ou mesmo engolido, no entanto, na figura 3 observa-se o tubarão mantendo a postura de animal valente, tanto no olhar focado quanto nos dentes de quem está pronto para atacar. Mesmo garfado, o tubarão tenta prosseguir seu caminho.

Sobre a figura 3, Marco Jacobsen falou que não há muito segredo para interpretá-la. Nesse caso, ele realmente quis passar a ideia de que foi “vergonhoso o que aconteceu no jogo”, como ele mesmo diz, e que o LEC foi prejudicado na ocasião. Um dado interessante revelado por Jacobsen em entrevista é que, mesmo sendo um torcedor do Atlético Paranaense que mora em Curitiba desde a infância, ele sempre desenha a charge para o torcedor do Londrina. Nas palavras de Jacobsen “eu me preocupo com a torcida do leitor, tanto que as charges que o Tubarão perde, eu não faço.” (JACOBSEN, 2016).

A última frase do chargista apresenta um conteúdo interessante para reflexão: o fato de haver uma preocupação com a torcida do leitor londrinense. Na maioria das charges aqui analisadas, percebe-se a mensagem chárstica direcionada para o público da cidade da publicação. Ou seja, se estamos falando de uma charge na *Gazeta do Povo*, essa irá exaltar os feitos do time coxa-branca.

Da mesma forma, as charges de *Folha de Londrina* e *Jornal de Londrina* tendem a exaltar o Tubarão ou algo que tenha prejudicado o time londrinense. Jacobsen chega a citar que não faz as charges que o Tubarão perde e, a partir dessa fala, podemos pensar que nesse caso o chargista dispõe de uma liberdade de escolha maior que a de um repórter. Não seria possível para um jornalista escolher sua pauta para agradar ao leitor, por exemplo. Também há de se ter em mente que, enquanto um repórter geralmente trabalha mais de

uma pauta no mesmo dia, o chargista fica responsável – na maior parte dos casos – pela criação de uma charge por edição.

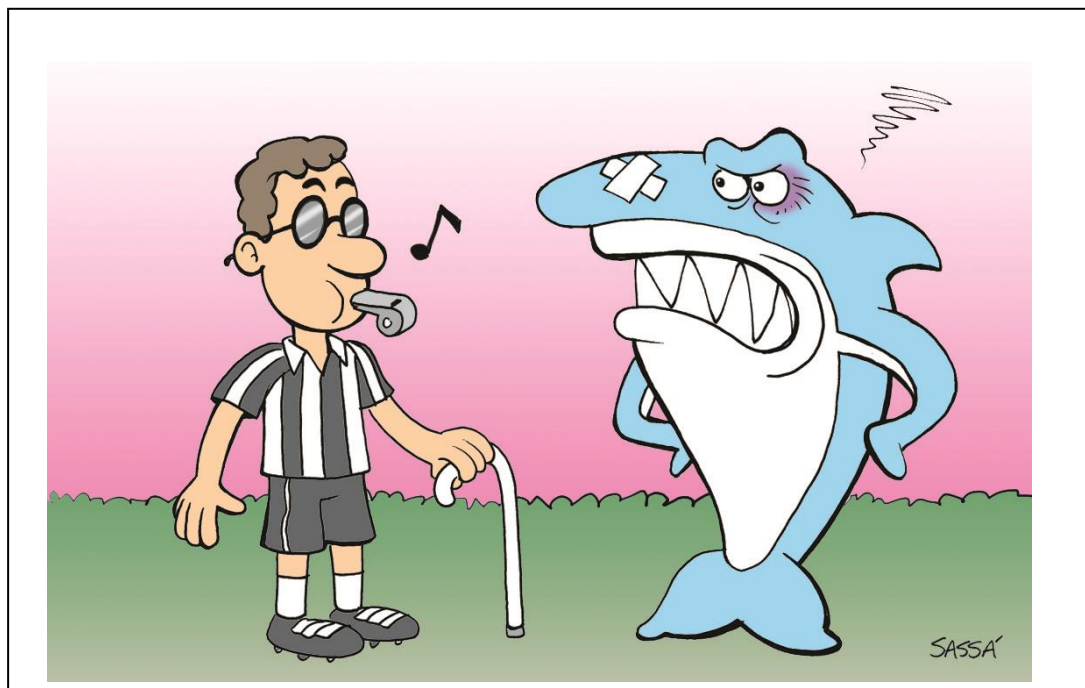
Apesar da possibilidade de escolha da pauta relatada acima, o chargista, bem como o repórter de texto ou o fotográfico, também é pautado pelos fatos. Conforme afirma Riani:

O discurso do humorista gráfico, especialmente do chargista que trabalha na grande imprensa diária, resulta de infinitas percepções, como os discursos presentes nos outros veículos de comunicação, com especial interesse pelas últimas repercussões, análises etc. (RIANI, 2002, p.57).

A charge acaba refletindo a repercussão dos principais temas da semana e, para o chargista, o processo de se informar é tão necessário quanto aos repórteres de texto do jornal. Os três chargistas entrevistados relataram estar sempre se informando sobre as pautas em discussão na mídia e também observando o que outros chargistas estão criando sobre esses temas.

Ainda sobre as polêmicas de arbitragem do jogo entre Curitiba e Londrina, no dia 30 de março de 2012, o *Jornal de Londrina* voltou a repercutir o tema em seu espaço editorial, pelo segundo dia seguido. No entanto, nesta segunda charge de Sassá (figura 4) percebemos outra forma de tratar o episódio. Se na primeira figura analisada podemos observar o tubarão sendo engolido pela coxa curitibana, numa segunda abordagem do tema, Sassá opta por direcionar uma crítica à arbitragem do jogo LEC versus Coxa.

Figura 4 – *Jornal de Londrina*/30 mar. 2012



Autor: Sassá.

Fonte: Arquivo pessoal Sassá

Na imagem, vemos uma cena com dois personagens interagindo: o mascote londrinense e um árbitro de futebol, o que pode ser deduzido pelas roupas listradas em preto e branco, as meias e chuteiras de futebol e também pela presença de um apito na boca do homem.

O árbitro usa óculos escuros e bengala na representação, elementos que podem caracterizar deficientes visuais. No futebol, se diz que o “juiz está cego”, quando ele atua com muitos erros e sua arbitragem interfere nas ações do jogo. Nas arquibancadas de um estádio é comum os torcedores se referirem a uma “cegueira” do juiz quando este não vê ou marca errado as infrações da partida, o “juiz cego” é um termo consolidado no imaginário do futebol.

Ainda na figura 4, o tubarão está com uma expressão de quem está bravo e raivoso, como se percebe pelo ranger de dentes, as mãos à cintura, o sinal gráfico rabiscado acima de sua cabeça (indicando raiva) e o olhar fixo para o juiz, como quem o culpa. Outra interpretação válida, de acordo com a imagem, é a de que o tubarão foi prejudicado, pois o desenho traz um olho roxo e um curativo feito com esparadrapo no nariz do mascote. Ou seja, o Tubarão teria “apanhado” da arbitragem.

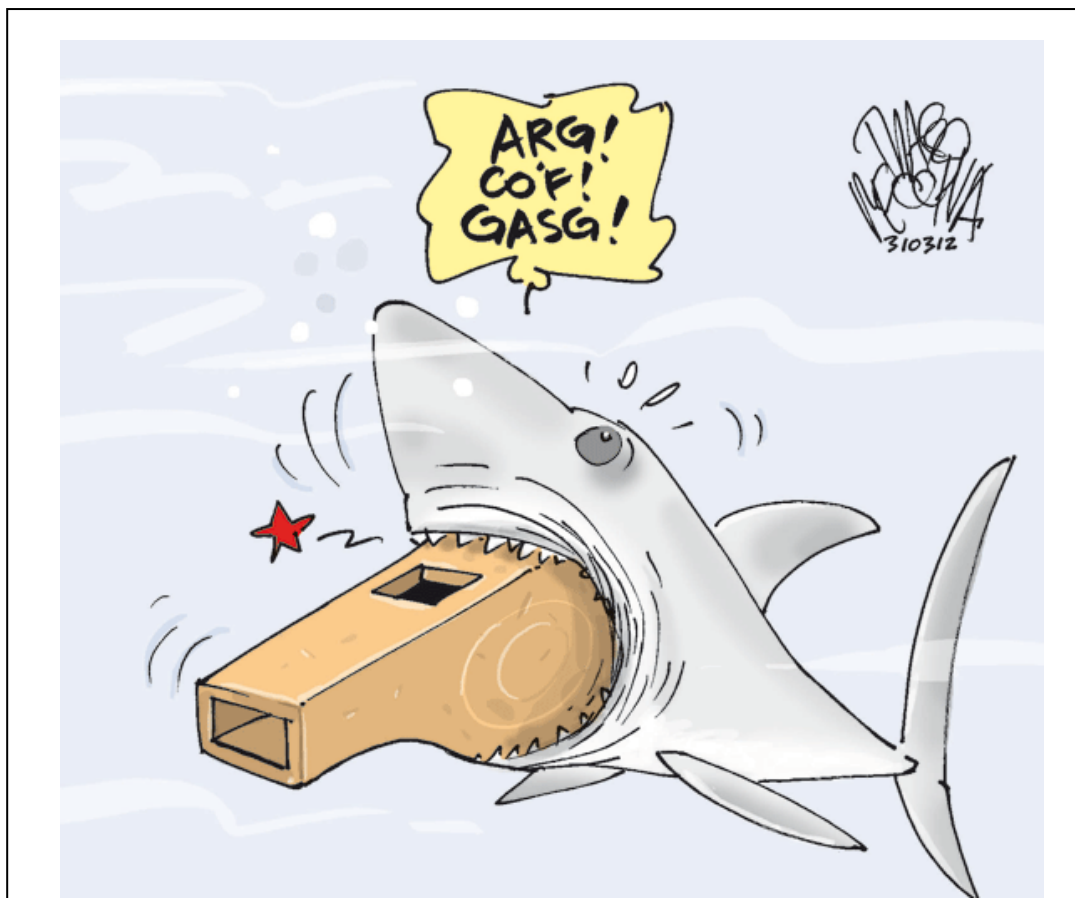
Quanto à utilização de termos que dão a entender se tratar de um juiz que prejudicou um dos times, o chargista Sassá não vê problema na sátira e na expressão, uma vez que o noticiário esportivo em Londrina abordou dessa forma a notícia à época. O próprio Sassá afirmou que talvez a charge fosse diferente se publicada em Curitiba, dada a abordagem da mídia da capital frente aos acontecimentos do jogo de 28 de março de 2012. Ainda sobre a opinião pública, Sassá disse que foi um dos motivos dele mudar de abordagem da primeira para a segunda charge sobre o tema.

Comentando sobre outras situações da carreira, o chargista disse que há uma espécie de “remorso” do chargista e que às vezes há algumas criações que são feitas para se desculpar com o público. Esse sentimento de culpa que pode fazer o chargista mudar de tom em charges posteriores será chamado e conceituado adiante como “suíte chárstica”.

Relato semelhante a respeito do que seria a “suíte chárstica” fez Tiago Recchia sobre a próxima imagem que analisamos (figura 5). Ela foi publicada na *Gazeta do Povo* do dia 31 de março de 2012, na seção esportiva *Los Tres Inimigos*.

A charge retrata o mascote tubarão no mar, “engasgado” com um apito, ou seja, com a arbitragem do jogo. Conforme já observado, os três chargistas trazem para suas narrativas termos do futebol, sejam eles os símbolos (apito, juiz cego, garfo etc) ou as expressões (ser garfado, ser engolido etc). No caso da figura 5, o apito gigante na boca do tubarão, causando desconforto ao animal, pode se relacionar com a expressão “estar engasgado” do jargão futebolístico, que é utilizada desde um erro de arbitragem até mesmo um tabu antigo, como uma equipe ficar sem vencer a outra por um longo período de tempo. O “estar engasgado” é estar remoendo algum assunto relacionado ao jogo, como a arbitragem de Curitiba x Londrina. Outra interpretação possível é de que o Tubarão teve de engolir o apito do juiz, ou seja, teve de aceitar a situação.

Figura 5 – Gazeta do Povo/31 mar. 2012



Autor: Tiago Recchia.

Fonte: < <http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/los-3-inimigos> >

Podemos concluir que o tubarão está engasgado pela expressão de seus olhos e boca, os olhos virados para cima e a boca forçada a uma grande abertura pelo apito. Recchia também faz vários sinais gráficos de riscos entre o apito e a barbatana superior do tubarão, evidenciando uma tensão existente. O balão de fala com as expressões “Arg! Cóf! Gasg!” é mais um complemento à mensagem, remetendo ao ato de tossir, comum quando estamos engasgados com algo.

Nesta charge, percebemos uma abordagem bem diferente da primeira (figura 1). Se na publicação do dia seguinte ao jogo temos a exaltação do time do Coritiba, com o título “Fortificante...” e Corisco puxando o tubarão como quem captura uma presa, aqui observamos tratamento distinto, que ressalta os erros de arbitragem da partida e nem mesmo cita o time alviverde. Nosso foco de atenção centra-se no tubarão e o apito gigante que o faz ficar engasgado. Outro fato a se observar é que a charge foi publicada três dias após o jogo, um

espaço temporal no qual, geralmente, o tema do noticiário esportivo muda. Se pensarmos, por exemplo, que os jogos durante um torneio de futebol são aos fins de semana e quartas-feiras, você tem – no máximo – dois dias para esgotar o assunto. E isso em casos especiais, como o da conquista de um título.

Sobre essa charge, Recchia afirmou em entrevista que fez este desenho por uma espécie de remorso que lhe ocorreu após ler o noticiário pós-jogo. Ele pensou que o time do Londrina talvez tivesse sido realmente prejudicado por decisões da arbitragem e decidiu expressar isso em sua criação.

Essas são as cinco charges publicadas sobre as polêmicas de arbitragem do jogo Coritiba x Londrina, realizado em Curitiba no dia 28 de março de 2012, em jogo válido pelo campeonato paranaense. Alguns conceitos despertados a partir dessas charges ainda serão trabalhados nos tópicos sobre autopauta, autocensura e suíte chárstica deste capítulo. Mas, por enquanto, vamos complementar a análise com mais cinco charges, desta vez, sobre o jogo entre Londrina x Coritiba, realizado no estádio do Café, em Londrina, no dia 3 de março de 2013.

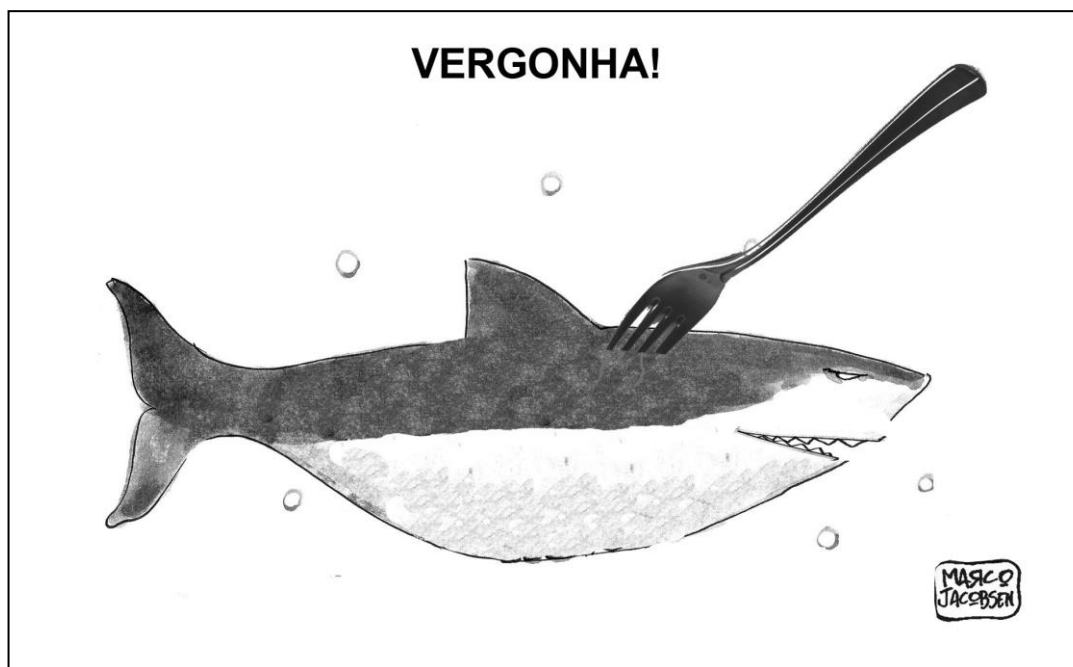
4.2 LONDRINA X CORITIBA: CAMPEONATO PARANAENSE DE 2013

Conforme já explicado, o ano de 2013 ficou marcado por outra polêmica de arbitragem envolvendo uma partida entre Londrina e Coritiba. Desta vez, foram três supostos pênaltis não marcados para o Tubarão, sendo que um destes acabou virando um contra-ataque no qual resultou o gol do Coxa. Resultado: um a zero para o time da capital, título nas mãos do alviverde e mais charges sobre o tema.

Começamos, na verdade, por uma charge repetida (figura 6), uma vez que em 4 de março de 2013 a *Folha de Londrina* publicou a mesma charge que Jacobsen havia desenhado para o dia 30 de março de 2012. A repetição pode ser vista de duas formas: a primeira delas como uma tentativa do jornal de relembrar as polêmicas envolvendo a arbitragem no ano anterior, como quem diz que a história se repete. A outra, obtida a partir da entrevista, dá conta de

que, na verdade, a charge foi repetida, pois nesse dia o chargista Marco Jacobsen ainda se encontrava de férias.

Figura 6 – *Folha de Londrina*/4 mar. 2013



Autor: Marco Jacobsen.

Fonte: Arquivo *Folha de Londrina*

A única diferença com relação à charge original (figura 3), do dia 30 de março de 2012 é que, no canto inferior direito da versão publicada, um pouco acima da assinatura do chargista, havia a frase: “Publicada em 30 de março de 2012”, explicando justamente que houve neste dia a repetição de uma charge anteriormente veiculada pelo jornal. A versão publicada acima não traz essa informação, por conta de ser o original de Jacobsen.

Também no dia 4 de março de 2013, a *Gazeta do Povo*, em seu caderno esportivo, publicou uma charge (Figura 7) a respeito do tema. Aqui vale ressaltar uma diferença fundamental entre os textos chárgicos analisados: enquanto os de *Folha de Londrina* e *Jornal de Londrina* foram publicados em sua seção editorial, na página 2, a charge da *Gazeta do Povo* foi impressa dentro do caderno esportivo do jornal, em um espaço que já era

tradicionalmente reservado a assuntos envolvendo os três grandes times da capital, na coluna “Los Tres Inimigos”.

Figura 7 – Gazeta do Povo/4 mar. 2013



Autor: Tiago Recchia.

Fonte: <<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/los-3-inimigos>>

No desenho, podemos observar o personagem Corisco com olhar tranquilo, sereno, enquanto chupa um sorvete com uma das mãos e com a outra segura a taça de campeão do primeiro turno do campeonato embaixo do braço. A onomatopeia “slépt”, de quem está chupando um sorvete, dá ainda mais tranquilidade ao personagem. A movimentação de Corisco, como quem vai saindo de cena, conota que o time da capital veio até Londrina, fez a festa e saiu tranquilo, chupando um picolé.

Também nota-se uma grande diferença na forma como o tubarão é retratado. Enquanto na charge de Jacobsen ele é um animal forte, bravo e que prossegue seu nado apesar do “garfo curitibano”; na criação de Recchia, ele fica infantilizado, tanto pelo balão de fala (semelhante ao de uma criança que

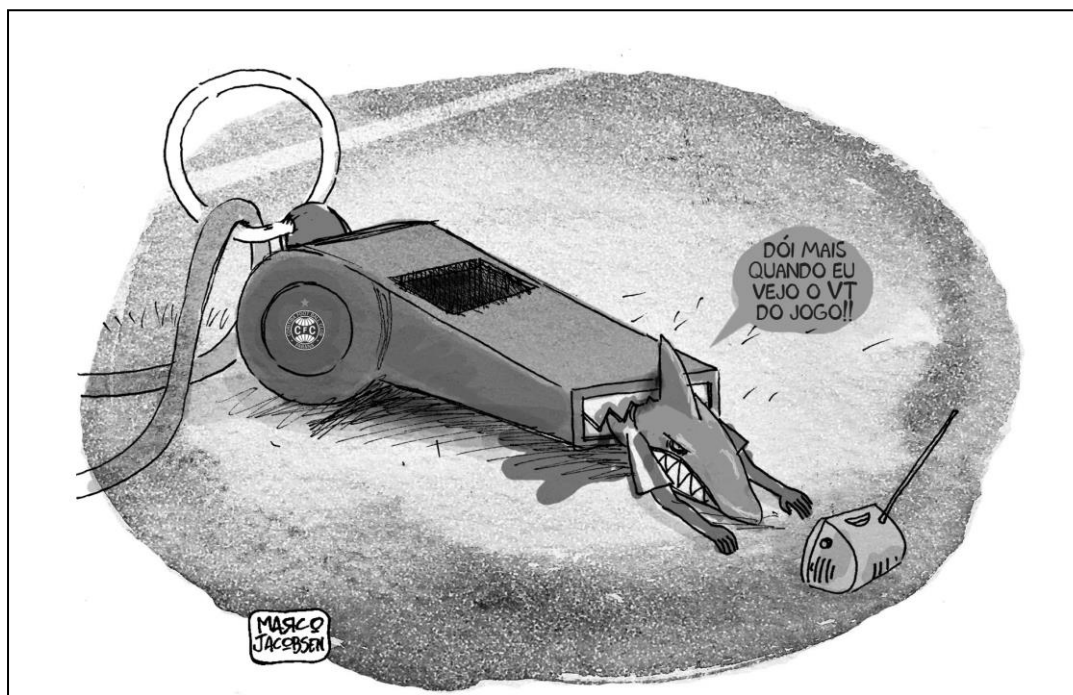
perde seu brinquedo ou vê o sorvete ser tomado de suas mãos) quanto pelo tamanho do personagem, menor que Corisco. A expressão do tubarão também ajuda na construção da infantilização, com os olhos fechados, a boca entreaberta e os traços acima da cabeça, como quem chora ou está desapontado. Ao olhar a charge, ainda podemos lembrar da expressão: “mais fácil que tirar doce de criança”, utilizada quando queremos nos referir a algo muito fácil de ser realizado.

Recchia também utiliza um elemento temporal e marcante daquele ano, o “Picolec”, que era um sorvete com as cores do LEC (azul e branco), vendido por um dos patrocinadores do time em Londrina. O próprio nome do produto era um trocadilho entre o termo picolé e a sigla LEC, de Londrina Esporte Clube. No Estádio do Café, em dia de jogos do Londrina, era muito comum ver parte dos torcedores consumindo o produto. Ou seja, o Coritiba “tira o doce da criança”, ao vencer o primeiro turno em plena casa do adversário. Diferenças: em Londrina, reclamação e acentuação de possíveis falhas de arbitragem; em Curitiba, leveza e bom-humor pela conquista do turno da competição. Aqui também, percebemos mais uma vez como o *background* profissional do chargista acaba influenciando sua criação. Mais uma vez, Recchia recorre a elementos do universo publicitário para contextualizar suas charges: a ação de marketing com o picolé nas cores do time acaba virando tema de sua charge.

No dia 5 de março de 2013, enquanto a *Gazeta do Povo* focou suas pautas em outros assuntos e mesmo na continuidade do campeonato, a imprensa londrinense reservou parte de suas atenções para a questão da arbitragem do jogo. Tanto *Folha de Londrina* quanto *Jornal de Londrina* publicaram em seus editoriais críticas aos erros de arbitragem.

Na *Folha de Londrina*, a charge de Jacobsen (figura 8) critica claramente a atuação da arbitragem e dá a entender que o apito favoreceu a equipe do Coritiba. Novamente, apresentamos a versão original colorida nos apêndices do trabalho.

Figura 8 – *Folha de Londrina*/5 mar. 2013



Autor: Marco Jacobsen.

Fonte: *Arquivo Folha de Londrina*

Ao bater os olhos na charge fica evidente a crítica à arbitragem porque, na representação, podemos ver o tubarão sendo praticamente engolido pelo apito e este contém o escudo do Coritiba em sua borda visível. A ação se passa aparentemente dentro do campo de jogo, se levarmos em conta que o tubarão está em um gramado e, ao fundo, há uma linha branca divisória, como as que marcam os limites do campo de futebol.

Assim como na charge de Recchia (figura 7) a de Jacobsen traz um balão de fala, com o tubarão exclamando: “dói mais quando eu vejo o VT do jogo!”. A expressão do mascote londrinense é de raiva ao ver a TV (olhos e boca cerrados). Ao contrário da charge do dia anterior intitulada de “Vergonha!”, a publicação de 5 de março de 2013 não traz título, mas destaca a fala do tubarão.

Uma diferença de Marco Jacobsen em relação aos outros dois chargistas aqui estudados é que ele não cria personagens para suas charges. O tubarão da figura 8 é diferente, por exemplo, do da figura 3, na charge do ano anterior. A opção por não criar personagens para os times se dá por conta

de Jacobsen argumentar não querer deixar o trabalho com cara de caricatura e nem perder o valor de sua crítica. Em sua visão:

Muitas vezes você cria um personagem, que é o que a maioria dos chargistas acabam fazendo, então você cria um personagem que é fofinho, não é uma coisa agressiva, vira uma coisa de história em quadrinho, então eu evito criar um personagem. Toda vez que vou desenhar uma Dilma, desenho uma nova Dilma, um novo Temer. Muito do meu trabalho é não criar do alvo de crítica um personagem, porque senão, mesmo criticando ele vai ganhar uma personalidade, acho que acaba diminuindo o valor da crítica que você acaba fazendo. (JACOBSEN, 2016).

Apesar de não criar personagens específicos, Jacobsen se aproveita de elementos de clara associação aos temas, como, no caso da figura 8, o apito e o próprio tubarão. Por sinal, o mascote do time londrinense é retratado em todas as charges analisadas, independentemente do ano de publicação e do chargista que a criou. A tabela abaixo mostra os principais mascotes utilizados nas charges em destaque:

Tabela 2 – Elementos e mascotes mais utilizados nas charges

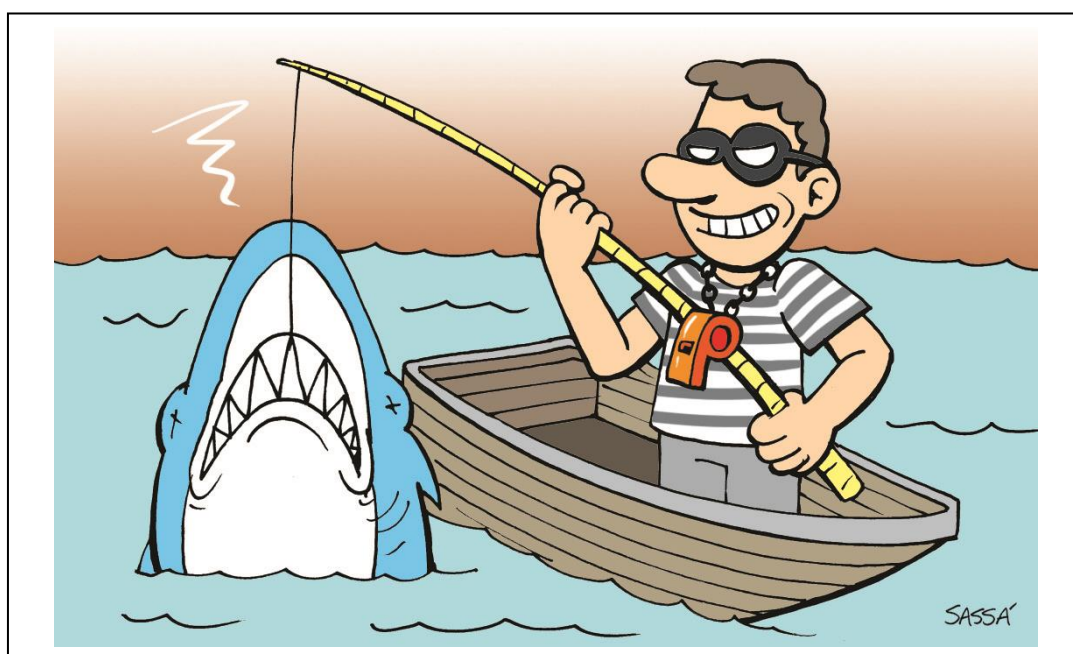
MASCOTE	TOTAL DE CHARGES EM QUE APARECE
Tubarão	9/9
Árbitros de futebol e figuras que remetam à arbitragem (uso de apito no pescoço, roupas de árbitro etc)	3/9
Corisco ou mascotes do Coritiba	2/9
Apitos gigantes	2/9

** São três as charges de Marco Jacobsen analisadas, no entanto, como uma delas é uma repetição de uma charge publicada anteriormente, contaremos apenas as charges diferentes para dados quantitativos.

Fonte: Autor

Também no dia 5 de março de 2013, o *Jornal de Londrina (JL)* trouxe uma charge sobre as polêmicas de arbitragem no jogo entre LEC e Coritiba. Há semelhanças entre as charges publicadas em Londrina, pois ambas ressaltam a atuação da arbitragem, que supostamente teria prejudicado o time alviceleste.

Figura 9 – *Jornal de Londrina*/5 mar. 2013



Autor: Sassá.

Fonte: Arquivo pessoal Sassá

No desenho de Sassá (figura 9), observamos um barco de pesca em meio ao mar, com um homem pescando um tubarão. O homem usa roupas que nos remetem a um bandido: roupas listradas em preto e branco e uma espécie de máscara preta nos olhos, para esconder sua identidade. No entanto, o chargista pretendeu dizer que o “bandido” é, na verdade, o árbitro do jogo. Para isso, agregou às vestimentas dele um apito de juiz de futebol, pendurado no pescoço. No jargão futebolístico, se diria que o árbitro “roubou” o LEC,

influenciando no resultado do jogo com a não-marcação de três pênaltis em favor da equipe norte-paranaense.

O traço gráfico acima da cabeça do mascote alviceleste somado aos olhos fechados em cruz mostram que o tubarão está abatido. Mesmo assim e, ao contrário da representação curitibana, o mascote é representado com proporção de um animal forte e grande, pois, mesmo com metade do corpo para fora d'água, o tubarão dá quase o tamanho do ladrão que o pesca, diferentemente do tubarão infantil da charge de Recchia.

Sassá disse que optou por trazer a questão da arbitragem de Londrina x Curitiba por conta da repercussão que o jogo teve. O chargista ainda afirmou que, apesar de não concordar muito com a questão do time da capital ser sempre favorecido (na visão dos times do interior) utiliza essa lenda em suas criações.

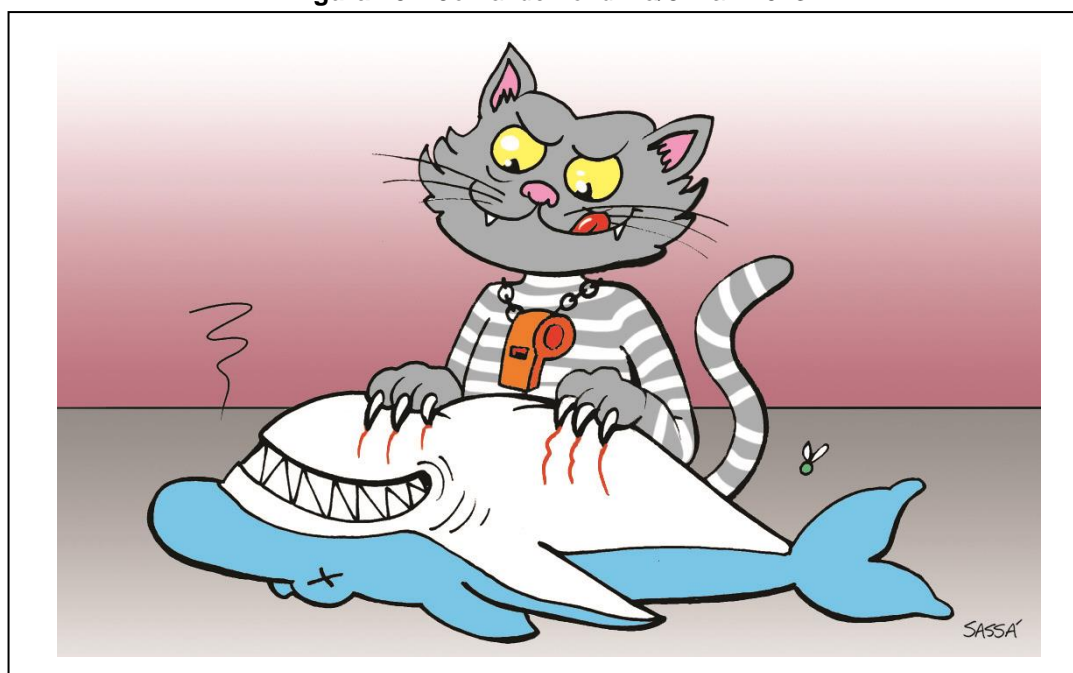
Eu nem concordo com isso (times da capital favorecidos pela arbitragem), mas na charge às vezes você tem que usar um pouco da lenda urbana, pra fazer parte da brincadeira, do humor. Brinquei com isso aí, com o fato de o juiz ter prejudicado novamente o Londrina. (SASSÁ, 2016).

Nesta charge de Sassá (figura 9) temos o uso do apito para remeter à arbitragem. De fato, se o tubarão foi o mais utilizado como mascote (conforme demonstra a tabela 2), o apito foi o instrumento com mais aparições nas charges, totalizando cinco charges, sendo uma de Marco Jacobsen, uma de Tiago Recchia e três com Sassá. O chargista do *Jornal de Londrina* utilizou o apito como parte da vestimenta de seus personagens, para remeter à arbitragem; diferentemente de Recchia e Jacobsen que fizeram apitos gigantes, com vida própria.

A frequente utilização do desenho de apitos nas charges deixa claro que a principal reclamação do time do Londrina e o motivo de repercussão do resultado das duas partidas foi a arbitragem. Para relembrar um termo do universo do futebol, diz-se que um “apito amigo” acontece quando um dos times é favorecido pela arbitragem.

Por último, mais uma charge de Sassá (figura 10), publicada na edição de 6 de março de 2013, três dias após o jogo. Nela, percebe-se ênfase e continuidade de uma discussão levantada no dia anterior: a de que o Londrina Esporte Clube teria sido prejudicado pelo juiz da partida.

Figura 10 – *Jornal de Londrina*/6 mar. 2013



Autor: Sassá.

Fonte: Arquivo pessoal Sassá

Em relação à charge anterior (figura 9) há, obviamente, algumas mudanças: o cenário – o tubarão não mais se encontra no mar, seu hábitat natural – e o personagem que machuca o mascote, que agora é um gato. Entre as semelhanças, o fato de o tubarão estar morto – o que é perceptível pelos olhos fechados em cruz, o sinal gráfico acima da cabeça e a presença de uma mosca próxima ao corpo do tubarão. O gato arranha a barriga do tubarão com olhar de prazer, como quem vai devorar sua presa (língua lambendo o canto do lábio) e mais uma vez temos a presença do apito associada às roupas listradas de ladrão.

O gato pode remeter ainda à expressão “gatuno” que, segundo o dicionário Michaelis, significa: “larápio, ratoneiro, trapaceiro”. (GATUNO, 1998,

p. 1021). Segundo Sassá, também foi uma forma de brincar com o fato de gatos comerem peixe e relacionar isso com a arbitragem do jogo.

Em três das quatro charges de Sassá apresentadas observa-se o uso de termos do senso comum do torcedor, como o “juiz ladrão” retratado nas figuras 9 e 10. Esse tipo de charge carrega consigo as opiniões e percepções do torcedor, o que Camilo Riani chama de vontade popular:

Boa parte das obras de humor gráfico traz, embutida em si, a chamada ‘vontade popular’, em um jogo de traços e ideias que atinge imediatamente o grande público, indo dos mais humildes observadores até aos mais informados líderes. (RIANI, 2002, p.51).

Na figura 10, por exemplo, é necessário que o leitor tenha noção de que tubarão é o mascote do time de Londrina e que um gato com as roupas listradas mais o apito em seu pescoço pode remeter à arbitragem de uma partida de futebol. Justamente por não se explicar, a editoria esportiva é difícil de ser compreendida pelos que não são consumidores assíduos dela.

4.3 CONCEITOS CHÁRGICOS

Após a análise das dez charges escolhidas de recorte ao trabalho e através do confronto entre as entrevistas feitas com os chargistas e os referenciais teóricos da área, chegamos a três conceitos que se encaixam como balizadores do trabalho dos cartunistas que trabalham para jornais impressos de forma autônoma.

Apresentamos três conceitos para a reflexão, sendo dois destes específicos para o universo chárstico: o de autopauta na charge e o de suíte chárstica. A autopauta se aplicaria numa escala mais universal, por conta de tratar do processo produtivo do chargista terceirizado, que é um processo em comum para os que assim têm seus contratos de trabalho firmados com os jornais, podendo assim englobar os chargistas terceirizados da mídia impressa em diferentes localidades.

Já a suíte chárstica é mais difícil de conceituar como uma consequência em escala macro e aplicável a todas as situações, uma vez que se trata de uma escolha mais subjetiva, feita pelo profissional e que bem pode mudar de acordo com a visão de mundo do cartunista.

Por último, uma definição já grafada na bibliografia do Jornalismo, mas que aqui será analisada sob a ótica da charge nos casos estudados: a autocensura. Muito comum durante o período de regime militar no país, percebemos através das entrevistas que esta é uma prática em voga e necessária para que o trabalho dos chargistas seja publicado sem sofrer represálias dos editores ou responsáveis pelos jornais.

4.3.1 Autopauta

O advento da *internet* trouxe consigo novas plataformas de acesso à informação e uma agilidade de produção talvez nunca antes vista. Em meio ao bombardeio de informações com o qual nos acostumamos nesta década de 2010, o jornal impresso sentiu uma baixa em suas tiragens e vendas, o que foi utilizado como justificativa para reduções nas estruturas das redações.

Os cortes nos jornais reduziram o número de jornalistas nos veículos e afastaram os chargistas das redações, sendo que estes migraram para o sistema de contratação *como* terceirizados. Os três profissionais entrevistados para este trabalho são exemplos disso e, com certeza, não são os únicos chargistas do país a trabalharem neste molde para veículos da grande mídia. Acaba sendo uma consequência para o trabalhador da crise no sistema de negócio do jornal impresso.

A partir do momento em que o chargista está afastado do ambiente de discussão de pautas na redação do jornal impresso, onde são discutidos os temas de maior relevância a entrar em cada edição, ele acaba atuando como o seu próprio pauteiro, ou seja, os temas retratados nas charges não necessariamente estarão alinhados com as notícias publicadas no dia.

Neste sentido, o chargista se apresenta mais como um articulista do que como um jornalista. Seu humor é resultado de sua visão de mundo. A respeito

disso, o cartunista Henfil, em entrevista ao crítico musical e jornalista Tarik de Souza, que, posteriormente deu origem ao livro “Como se faz humor político”, disse que: “Você (o cartunista) pode aumentar a sua sensibilidade. E obviamente o seu humor vai ser mais sensível. Mas o filtro é você. É o que você já é”. (HENFIL, 1985, p.31).

O que Henfil observa está presente no trabalho dos três chargistas analisados. Marco Jacobsen, Sassá e Tiago Recchia imprimem em suas charges as próprias conclusões sobre os jogos entre Curitiba e Londrina. Inclusive, quando mudam de opinião sobre o tema, suas charges também mudam.

Por ora, focalizamos o conceito de autopauta na charge, tendo em vista a realidade específica de chargistas que trabalham de forma autônoma para os jornais. Quando nos referirmos à pauta, utilizaremos no sentido trabalhado pelo Manual de Jornalismo de Heródoto Barbeiro e também pelo Dicionário de Jornalismo Juarez Bahia. Segundo Barbeiro, “o pauteiro é o pensador por excelência, aquele que na imensidão dos acontecimentos capta o que pode ser transformado em reportagem. Este trabalho vai além da seleção dos assuntos do dia.” (BARBEIRO, 2001, p.59). Em complemento a este conceito, o Dicionário de Jornalismo ainda lembra que o pauteiro é aquele que está atento aos noticiários das diferentes mídias, de modo a “determinar a importância entre o factual e o interpretativo” (BAHIA, 2010, p. 282).

No caso da autopauta no processo produtivo da charge, temos o próprio cartunista como o pensador por excelência a que se refere Heródoto Barbeiro. Ele aparece como pauteiro e também executor da ideia lançada, já que não convive com os debates da redação. Sua reportagem não é escrita, é desenhada. Também parte dele o filtro que determina o que é realmente factual, outra das funções de um pauteiro, pontuadas por Bahia.

A comparação entre o trabalho do chargista e o de um jornalista não é nova. Em outro trecho da entrevista de Henfil a Tarik de Souza, o cartunista mineiro comenta sobre as convergências entre o trabalho do chargista e o de demais profissionais envolvidos no fazer jornalístico:

O fotógrafo vai lá e fotografa; um cara vai lá e se torna um cobaia do fato; que é o repórter; e eu desenhava como eu via o fato, então eu me considerava repórter como qualquer outro, com uma possibilidade de dar uma opinião um pouco mais avançada. (HENFIL, 1985, p.22).

Por sinal, um traço em comum no relato dos três entrevistados foi que o processo produtivo e criativo consiste no fato de o chargista ir se informando ao longo do dia sobre os assuntos comentados na mídia e, a partir disso, definir por conta própria o que vai desenhar. Esse trabalho de “garimpagem”, como definiu Recchia, foi apontado pelos três como o que mais consome tempo de produção. O desenho e a parte técnica em si são mais rápidos do que a definição da ideia e do contexto do dia a ser resumido na charge, ou seja, a pesquisa é mais trabalhosa do que o desenho.

À autonomia produtiva de um chargista que produz para dado jornal daremos o nome de autopauta, aqui entendida como o conjunto de repertório cultural, senso crítico e capacidade de leituras dos conhecimentos que leva o cartunista a desenhar sua interpretação de mundo e a influência do veículo que o contrata: a linha editorial e os interesses econômicos do jornal, a autocensura imposta ao chargista, a suíte chárstica, utilizada para desdobrar uma temática anterior e até mesmo o *deadline* de entrega do trabalho.

Sendo assim, a autopauta - como observamos a partir do trabalho dos três chargistas - é a escolha de tema a cargo do próprio chargista, sendo sua possibilidade de levar ao público uma reflexão pessoal sobre os acontecimentos que estão permeando o noticiário e assim desenvolver suas ideias em forma de charge. No entanto, é importante lembrar que essa escolha é feita a partir de filtros censuradores de conteúdo, geralmente vindos do veículo para o qual o profissional trabalha.

4.3.2 Autocensura

Sendo fruto de uma autopauta, a charge feita pelo chargista terceirizado é concebida a partir da construção de repertório subjetivo, mas que se alinhe à postura editorial do jornal. Conforme o próprio relato dos chargistas, desenhos

que desagradem a grupos comerciais que apoiem o jornal e similares não tem espaço e são evitados, até porque há de se ressaltar que a charge não é um elemento isolado postado em um *blog*; nos casos estudados, ela está inserida dentro da estrutura do jornal.

No esquema da charge terceirizada nos jornais (que chega pronta, a partir do *feeling* do cartunista) praticamente não há o descarte de ideias. Os casos de reprovação de conteúdo por parte do editor são poucos, relata Sassá. Segundo ele, com o tempo, o chargista aprende o que “pode desenhar” e o que não, de acordo com a linha editorial do veículo para o qual trabalha. Uma das poucas vezes em que Sassá foi censurado, por exemplo, foi quando fez uma charge que envolvia um dono de imobiliária de Londrina envolvido em escândalos policiais, sendo que o empresário era anunciante no jornal.

O “aprender o que pode ser desenhado” da fala de Sassá pode ser classificado como uma autocensura. Quando falamos em autocensura, uma das primeiras coisas que nos vem à mente é o período de regime militar no país (1964-1985), no qual a censura e, conseqüentemente, a autocensura, se tornaram figuras presentes no fazer jornalístico brasileiro.

No livro “Minorias Silenciadas: História da Censura no Brasil”, Maria Luiza Tucci Carneiro organiza uma série de artigos e reflexões sobre o tema, sendo um deles o texto “A primeira vítima: a autocensura durante o regime militar”, de Bernardo Kucinski. Segundo o autor, não é fácil conceituar a autocensura porque:

ela se confunde com mecanismos sistêmicos e inconscientes de censura inerentes ao processo social de construção da notícia. Os mecanismos sistêmicos, ou “filtros” (para usar a expressão de Noam Chomsky), interagem e se reforçam, imprimindo ao noticiário um determinado padrão de construção do consenso. Esses filtros são oriundos do poder econômico, do poder da publicidade, da barragem das fontes oficiais e da dominação ideológica. (KUCINSKI, 2002, p.536-8).

Portanto, são vários os filtros que podem influenciar os profissionais de um jornal, criando assim uma espécie de linha editorial do que não pode ser dito. Conforme enumera Kucinski, dos políticos aos anunciantes do veículo,

todos podem exercer forças que acabam moldando o repertório dos responsáveis pela redação das notícias.

Ainda sobre o apontamento de Kucinski, ele vai exatamente de acordo com a fala de Sassá, sobre a vez em que foi censurado na charge sobre o dono da imobiliária em Londrina. Sabendo que este é um assunto que vai contra os interesses econômicos do jornal, muito provavelmente o chargista não insistirá na temática em outras oportunidades. Está feito então o controle sobre o que será noticiado pelo chargista.

Sobre o conceito de autocensura para se adequar às necessidades do jornal, nenhum dos três chargistas mostrou desconforto com a situação. Marco Jacobsen também relata que por vezes teve de conversar com o editor responsável, por conta de charges que “não poderiam passar”, como as que envolvem grupos políticos e/ou econômicos que anunciam no jornal. Segundo ele, “é uma questão que deve ser respeitada, até para que o jornal não tenha de responder a processos judiciais” (JACOBSEN, 2016). No caso de Sassá e Jacobsen, a gama de assuntos a serem censurados é maior, por conta de desenharem para o espaço de charge editorial do jornal, que engloba todos os assuntos.

Na editoria esportiva, não foram citados exemplos nos quais os chargistas tiveram de voltar atrás por algum tema que desagradasse o jornal. Algo a se pensar é que, tendo em vista o próprio relato de Sassá, sobre assuntos que deveriam ser evitados em suas charges, uma charge como a figura 9, que traz o juiz da partida com roupas de ladrão, não seria publicada se no lugar do árbitro houvesse algum famoso empresário da cidade em trajes que remetessem a um ladrão.

O futebol, por meio de seu imaginário, acaba tornando impessoais algumas figuras, como o juiz. Não se trata de falar que um árbitro em específico roubou o time, mas sim de que a figura da arbitragem prejudicou uma das equipes. Uma prova disso é que em nenhuma das charges analisadas há uma caricatura específica de um dos árbitros dos dois jogos. Ou se trabalha com uma figura genérica ou utilizam-se símbolos, como o próprio apito. É diferente de uma charge política, por exemplo, que estampa uma caricatura de Dilma Rousseff ou Michel Temer para passar sua mensagem.

Quando se fala em autocensura se fala em dosagem e restrição da informação que chega ao leitor. No processo da charge, com base no que foi descrito nas entrevistas, pode-se dizer que há uma dupla censura, uma vez que a informação que os chargistas utilizam para se basearem já vem filtrada pelos jornalistas que a escreveram. Segundo Kucinski, trata-se de uma fraude intelectual:

Nesse sentido é uma das mais danosas formas de controle da informação porque implica o engajamento do jornalista na proposta repressiva, fazendo dele sua primeira vítima. [...] Ao autocensurar-se, o jornalista assume a responsabilidade adicional de aferir e decidir o que é bom para o leitor e o que não é. (KUCINSKI, 2002, p.538-9).

Tanto para o chargista, quanto para o jornalista, se trata de tomar decisões de acordo com a linha do veículo para o qual trabalha, decisões essas que impactam na forma como a notícia irá chegar ao seu leitor e mesmo em como esse leitor passará a encarar dada realidade. Uma imprensa que critica demais um governo pode desestabilizar politicamente um país, por exemplo. Da mesma forma, se os jornalistas forem brandos e parciais em sua análise, este mesmo governo poderá se sentir à vontade para promulgar atos que prejudiquem a população, uma vez que a mídia tem o poder de vender ideias.

Ainda com relação à autocensura, seria no mínimo ingênuo pensar que os profissionais envolvidos no processo produtivo (em especial na mídia mantida com apoios comerciais) têm 100% de liberdade para noticiarem os assuntos. Filtros existem nos mais diferentes veículos, editorias e cargos dentro do jornalismo diário. Com o chargista esportivo não é diferente.

4.3.3 Suíte Chárgica

A comunicação é uma das maiores necessidades de nossa espécie. Do choro de um bebê à legenda que traduz uma cena de filme em outra língua, utilizamos um conjunto de códigos e repertório para que obtenhamos êxito em nossos objetivos de vida.

O princípio de uma comunicação bem efetuada é utilizar um código em comum ou que possa ser decodificado entre quem emite a mensagem (emissor ou fonte) e quem irá decodificá-la (receptor). No entanto, a comunicação não se dá num jogo dicotômico, no qual cada parte só desempenha um papel permanente e isolado, até porque:

Aquele que é fonte num instante já foi receptor. As mensagens que produz são determinadas pelas mensagens que tenha recebido, pelas forças a ele impostas antes do momento de codificar. O mesmo vale para o receptor, que também pode ser visto como fonte. (BERLO, 2003, p.52).

O conceito acima é explicado por David Berlo no livro “O Processo da Comunicação – Introdução à Teoria e à Prática” e, apesar do autor se referir ao processo comunicacional como um todo, podemos trazer o conceito para nosso estudo, uma vez que a charge também está inserida em um contexto comunicacional.

Aplicando o pensamento de Berlo à rotina de trabalho dos chargistas analisados, percebemos que – por trás das charges impressas nos jornais ou publicadas na *internet* – há uma influência muito grande e indissociável do que o cartunista consome em termos de informação. O trabalho de garimpagem das pautas, a que se refere Tiago Recchia, nada mais é do que o momento no qual o chargista se coloca como receptor de conteúdo. E é a partir dessa recepção que ele irá criar sua mensagem.

No Jornalismo, diz-se que uma suíte é um material publicado em sequência a outro, como uma continuidade, repercussão ou desbravamento do tema. Segundo Barbosa em seu Dicionário de Comunicação, a suíte é o:

Ato ou efeito de desdobrar uma notícia já publicada anteriormente pelo próprio veículo ou por outro órgão da imprensa. Técnica de dar continuidade à apuração de um fato (já noticiado) que continue sendo de interesse jornalístico, mediante acréscimo de novos elementos para a publicação de notícias atualizadas. (BARBOSA, 2001, p.699).

No caso, as notícias desdobradas são, na verdade, charges. Isso porque em dois momentos de nossa análise, percebemos mudanças na forma como os chargistas direcionaram o discurso de suas charges. O primeiro caso está

representado nas figuras 2 e 4 (charges de Sassá) e o segundo nas figuras 1 e 5 (charges de Tiago Recchia), sendo que as quatro charges tratam do mesmo tema, as polêmicas de arbitragem do jogo de março de 2012 entre Coritiba e Londrina. Em todos os casos foi observado uma continuidade do tema com outro direcionamento do conteúdo e tom das criações.

Na figura 2 pode-se notar uma coxa gigante engolindo o tubarão que, como explicado anteriormente, é uma referência ao fato do time do Coritiba ter vencido a equipe de Londrina. Essa charge foi publicada no dia 29 de março de 2012, mas, no dia seguinte, a charge de Sassá foi por outro caminho. A figura 4 traz um juiz cego e um tubarão com fisionomia estarecida pelos erros da arbitragem. Ou seja, no intervalo de um dia, a mensagem mudou do mérito do Coritiba por ter vencido a partida para o demérito da arbitragem que supostamente prejudicou o Tubarão.

No caso de Tiago Recchia, observamos posicionamento semelhante. Sua primeira charge sobre o tema (figura 1) traz o personagem Corisco levando o tubarão morto nas costas, sob o título de “Fortificante”, o que dá a entender uma vitória estimuladora para a campanha alviverde na competição. Porém, em 31 de março de 2012, a charge é publicada por outra ótica: o tubarão se engasga com um apito gigante, numa referência a erros de arbitragem.

A mudança de discurso, em ambos os casos, não foi uma coincidência. Na parte final da entrevista feita com os três chargistas, adotamos como método levar impressas as charges que estávamos analisando para que os entrevistados se lembrassem delas e colhêssemos mais informações a respeito de nosso objeto de estudo, em um molde semelhante à metodologia que utiliza a fotografia como um gatilho disparador da memória, método desenvolvido pelo grupo Comunicação e História da Universidade Estadual de Londrina e formalizado na dissertação de mestrado de Maria Luisa Hoffmann (2010).²³

As respostas de Sassá e Recchia sobre uma espécie de “remorso do chargista” foram dadas de forma espontânea, sem serem nem mesmo disparadas na entrevista, uma vez que as perguntas originais indagavam a

²³ Dissertação intitulada: Guardião de imagens: "memórias fotográficas" e a relação de pertencimento de um pioneiro com Londrina (HOFFMANN, 2010).

respeito de o que eles quiseram passar como mensagem nas charges analisadas. Tiago Recchia utilizou o termo “remorso”, ao falar que mudou o tom de sua charge ao perceber que o time de Londrina poderia ter sido prejudicado pela arbitragem. Sassá não utilizou o termo, mas relatou processo semelhante de culpa e mudança de uma charge para a outra, na continuidade do tema. De acordo com ele, o retorno do leitor produz efeitos sobre as charges:

Aí que eu falo que a opinião pública ajuda (a influenciar o chargista), porque você vê muita gente falando sobre isso, você vê os programas se pautarem sobre isso e você meio que vai na onda, até pra acompanhar e documentar aquilo que foi mais falado, que foi mais polêmico na época, né. (SASSÁ, 2016)

A leitura que Sassá faz sobre a recepção e opinião do público nos direciona a outro eixo importante para se entender a importância do *feedback* para o chargista: o fato de que no processo de produção e recepção da charge é necessário contar com a opinião do leitor. Conforme cita Henfil: “Você pode criar um personagem para defender determinada ideia, mas como você precisa da parceria do leitor pode o veneno virar remédio e vice-versa.” (HENFIL, 1985, p.15). Assim, por mais que o cartunista pense em dada situação, ele deve ficar atento ao que o leitor irá comentar e achar do tema, pois isso irá influenciar a suíte chárstica. Indagado sobre se haveria um peso da opinião pública no trabalho do chargista, Recchia responde que:

Sem dúvida, o leitor é um eco; retorno, o leitor é meu patrão, desenho para ele. É uma piadona, uma zoada, mas sempre com bom gosto (Los Três Inimigos). Uma coisa que sempre escutei do torcedor é que eu faço uma charge com elegância e estaria sendo crítico para todos os times... imparcialidade, né. Então é isso: o leitor é o patrão. (RECCHIA, 2016)

Os outros dois chargistas concordam que há peso da opinião pública, no entanto, citam que não se pode ir com a unanimidade. Para Marco Jacobsen, é pouco provável que um chargista vá fugir da opinião pública, sendo que o próprio Jacobsen afirmou não desenhar as charges de temas que envolvam derrotas do Londrina, por criar para o público londrinense. No entanto, ele afirma ser imprescindível “não ir com a manada” em seus posicionamentos.

De acordo com Sassá, o chargista não deve ficar receoso por conta da recepção que sua charge pode ter, entretanto, a opinião pública pode acabar ajudando a pautar a charge também, no sentido de fazer o chargista abrir a cabeça para dado assunto. Como destaca Berlo (2003), no processo comunicativo não é possível ignorar a outra ponta da mensagem, o receptor.

Vale a pena mencionar ainda outro ponto sobre a importância do receptor na comunicação. Se limitarmos o debate à comunicação efetiva, o receptor é o elo mais importante do processo de comunicação. Se a mensagem não atingir o receptor, de nada adiantou enviá-la. Um dos pontos de maior importância na teoria da comunicação é a preocupação com a pessoa que está na outra ponta da cadeia de comunicação: o receptor. (BERLO, 2003, p.52).

A partir do conceito teórico de que o receptor tem papel de destaque no processo de Comunicação e levando em conta o que os chargistas relataram, sobre peso de opiniões de leitores e mudanças de discurso em suas charges conforme a reação do leitor, definimos *suíte chárstica* como a continuidade de um tema em outra charge, elaborada a partir de um sentimento de erro que pode acometer o chargista, fazendo-o questionar sua criação e, por vezes, influenciar uma mudança de discurso em suas futuras charges. A *suíte chárstica* é impulsionada pelas atitudes e reação do público, no caso, dos leitores e soa como um pedido de desculpas do chargista na continuidade de seu trabalho (geralmente diário), admitindo uma revisão de seu pensamento e posicionamento com relação a dado tema. Um *mea-culpa* em forma de charge.

4.4 A CHARGE ESPORTIVA: APONTAMENTOS

De todos os cadernos e editorias de um jornal, provavelmente a mais popular e também a mais segmentada seja a de esportes. A seção esportiva de um diário tem uma característica muito própria, que é trabalhar um tema do qual o leitor – em sua maioria - pode, perfeitamente, dominar tanto ou mais que o jornalista ou profissional que está escrevendo sobre. Nos demais cadernos de um jornal, pode até ser que uma parcela de leitores entenda de acordos climáticos, taxas de crescimento econômico e manobras políticas. Porém, a

chance de um brasileiro entender o que é um gol e uma vitória é muito maior, pois o futebol está profundamente arraigado em nossa cultura. O jornalismo esportivo é feito para um público que entende bastante do que está consumindo, em termos de informação.

Justamente por isso, as pautas esportivas produzem um efeito excludente a quem não é habituado com o linguajar próprio do tema. Se na economia, por exemplo, há a necessidade de se explicar os termos técnicos; no futebol parte-se do princípio que todos dominam o tema. Uma matéria esportiva dificilmente irá explicar o que é um drible da vaca, um torneio de mata-mata ou uma triplete²⁴. Quando o assunto é futebol, não há espaço para *box* explicativo.

Na charge esportiva não é diferente, ainda mais porque a charge se utiliza de uma linguagem simbólica para construir sua mensagem. Se há um problema de inflação no país, por exemplo, provavelmente o cartunista vá recorrer a um dragão como metáfora da situação. No caso das charges estudadas, os chargistas acabam reproduzindo expressões e gírias próprias do futebol em seus desenhos, sem que haja uma forma de traduzir este repertório para o leitor ali, no próprio desenho. O uso de símbolos esportivos como mascotes dos times torna particular o conteúdo para os entendedores, mas afasta ainda mais de quem não conhece.

Tomemos como exemplo as figuras 2 e 3, nas quais, por mais que o receptor da mensagem tenha conhecimento do que houve no jogo entre Coritiba e Londrina, seu entendimento pleno da charge fica dificultado por conta do grau de especificidade trabalhado no discurso do desenho. No caso da charge de Sassá (figura 2), se o leitor não entende que o apelido do time do Coritiba é “coxa” ele já terá dificuldades de entender a mensagem. Ainda há outro jargão por trás do desenho, que seria o “time engolir o outro”, utilizado para demonstrar a soberania de uma equipe em relação à outra. Por fim, o

²⁴ Termos técnicos do futebol. Drible da vaca é o drible no qual o jogador passa a bola por um lado e pega pelo outro do jogador driblado, contornando-o. Mata-mata é um tipo de torneio eliminatório em dois jogos entre os times, com geralmente um jogo no estádio de cada time. Triplete é o termo para quando o mesmo jogador marca três gols no mesmo jogo. (Autor).

leitor ainda tem que saber que o apelido do time londrinense é tubarão. Sem isso, não é possível entender o significado da charge.

Na figura 3 temos situação semelhante, isso porque a figura apresenta um tubarão sendo garfado, numa alusão à expressão “ser garfado”, utilizada quando um time é prejudicado por erros de arbitragem. Mais uma vez, se mostra necessário o conhecimento de, no mínimo, dois termos do futebol: o “garfo” da arbitragem e o tubarão mascote do Londrina. A figura 3 original, publicada apenas na internet, ainda trazia o garfo pintado na cor verde, em referência ao time do Coritiba, que teria se beneficiado com os erros do juiz. Neste caso, teríamos também um terceiro elemento a ser decodificado: a cor verde do time do Coritiba.

A partir dos dois exemplos acima concluímos que, se nos textos jornalísticos já é trabalhosa a compreensão de jargões do esporte, na charge esportiva a decodificação fica muito mais dificultada, uma vez que o leitor não dispõe de estratégias de autopercepção do que está ali desenhado. Assim, a charge esportiva é direcionada para entendedores de esporte e que consigam lê-la por meio de seu repertório, ela não é direcionada a leigos no assunto.

Outra questão da charge esportiva que chama atenção é em relação à parcialidade da mesma, uma vez que se trata de um gênero opinativo. Questionados sobre se o público-alvo da publicação poderia interferir na mensagem, os três chargistas foram uníssomos dizendo que sim, é um fator preponderante para a mensagem chárstica. A fala de Marco Jacobsen sobre se preocupar com a torcida do Londrina e não desenhar as charges que o tubarão perde (apêndice A – p.83) é interessante para pensarmos sobre o quanto a maneira apaixonada como o futebol é tratado em nosso país pode interferir também na cobertura dessa editoria. Se o mesmo pensamento fosse aplicado à política, por exemplo, poderíamos ter políticos blindados de terem suas figuras públicas como alvos das piadas da charge, uma vez que o chargista optasse por não brincar com um político local ou alguém de quem tivesse apreço. Em resumo, a charge esportiva também é opinativa, assim permitindo o direcionamento da pauta de acordo com o público envolvido.

Outro elemento que serve para dar direcionamento à charge esportiva e que não poderia deixar de ser abordado é a cor nas charges. Neste caso, há

um confronto entre a importância da cor nos elementos esportivos e a parte técnica utilizada na impressão gráfica do jornal, que muitas vezes tem apenas determinadas seções de sua edição publicadas coloridas. No caso da *Folha de Londrina*, a página 2 é usualmente publicada em preto e branco, o que pode gerar perda de significado na charge, como é o caso comentado da figura 3, na qual Marco Jacobsen desenha um garfo verde, em referência à equipe do Coritiba e, no entanto, a publicação sai em preto e branco, perdendo-se assim, um dos significados buscados pelo chargista.

Vale lembrar que a cor é um elemento muito marcante no futebol. Em grandes rivalidades, por exemplo, torcedores mais fanáticos de um time chegam a evitar algumas cores por fazerem referência ao arquirrival. Em um exemplo recente que dá dimensão disso, a equipe paulistana do Corinthians, que é alvinegra, colocou uma foto em seu perfil oficial do *Facebook* com a cor verde, em homenagem ao time catarinense da Chapecoense que teve quase todo seu elenco morto em um desastre aéreo, a caminho da disputa da final da Copa Sulamericana na Colômbia. Mesmo tendo sido motivada por uma situação de solidariedade e em meio a um sentimento de comoção nacional, alguns torcedores do time polemizaram nas redes sociais por conta do verde ser também a cor do Palmeiras, maior rival do Corinthians.

Assim sendo, há de se ressaltar que a impressão gráfica de um jornal pode interferir na construção de sentido de uma charge esportiva no que diz respeito ao uso de cor.

Por fim, fazemos um último apontamento com relação à agenda esportiva e como ela interfere na charge esportiva. Pode-se dizer que a charge de esportes trabalha com um calendário bem definido, se compararmos com outras editorias. Não é possível prever quando haverá uma queimada em uma floresta, uma grande fuga em um presídio ou mesmo a morte de um nome importante, no entanto, é possível se programar para uma final de campeonato, para a contratação de um jogador, para o rebaixamento de uma equipe etc.

Essa agenda esportiva, digamos assim, ficou bem clara no relato de Tiago Recchia sobre a criação de *Los Tres Inimigos*. O cartunista afirmou que criou a série com os personagens dos times da capital justamente para ser uma muleta quando não houvesse factual no noticiário do futebol, o que

geralmente se dá em janeiro, mês de férias dos jogadores e no qual não há grandes disputas futebolísticas no Brasil. No caso, a muleta acabou virando assunto de destaque e, posteriormente, a atual coluna.

Em suma, ao contrário das outras editorias, a charge esportiva obedece a um calendário próprio, através do qual é possível que o chargista se programe para criar a partir de situações previstas. Dado o caráter opinativo, efêmero e factual da charge, poder contar com a possibilidade de criar gavetas (materiais preparados com antecedência) dá um diferencial paradoxal à charge esportiva.

As pesquisas sobre charge esportiva ainda são incipientes e a presente análise espera despertar reflexões sobre o gênero. Por suas características singulares, a charge esportiva merece atenção e bibliografia próprias. Os referenciais do trabalho demonstram claramente isso, uma vez que a totalidade dos conceitos trabalhados parte, na verdade, de análises e estudos sobre o cunho político da charge.

Apontamentos específicos sobre essa vertente esportiva da charge podem ser úteis no sentido de desvendar particularidades do gênero. Neste sentido, ouvir os profissionais envolvidos no processo produtivo, os chargistas, tornou possível entender situações do dia-a-dia que acabam interferindo no resultado que vemos impresso no jornal. Na falta de bibliografia específica do tema, optamos por estabelecer bases a partir dos próprios responsáveis pelo objeto de estudo. Se futuras pesquisas vão comprovar ou negar os conceitos aqui trabalhados não há como saber, no entanto, cremos que seja importante iniciar a discussão, para que seja jogada luz sobre o tema e para que a charge esportiva ganhe estudos próprios e reflexões autônomas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A charge ocupa um espaço nobre nas páginas dos jornais. Antes mesmo do advento e popularização da fotografia como ferramenta de ilustração das notícias, já se observava cartuns, caricaturas e charges em folhetins, semanários e mesmo nos jornais impressos. Seja pelo seu poder de síntese dos acontecimentos ou pelo aspecto visual que atrai o leitor, ela se destaca como gênero e questiona a sociedade, conduzindo-a a novas leituras. Para tal, se utiliza do humor e da crítica para conduzir sua mensagem sobre os fatos do cotidiano.

As dez charges analisadas interpretam temas que vão de vitórias “fortificantes” a “picolecs” furtados, sendo que cada uma das criações reflete uma situação espaço-temporal, como é próprio da charge. Porém, se numa análise individual as charges servem como fragmentos do factual, no contexto geral elas servem de base para entendermos o processo produtivo dos cartunistas e como as contratações autônomas nos jornais podem modificar algumas estruturas do processo de produção chárstico.

A partir do estudo das charges, chegamos a três termos que julgamos necessários para uma melhor compreensão do trabalho dos chargistas: autopauta, suíte chárstica e autocensura, sendo que os dois primeiros são conceitos advindos da pesquisa e o terceiro é um conceito já existente no vocábulo do Jornalismo, que aqui foi lido dentro da realidade estudada.

Por autopauta entendemos a escolha de tema a cargo do próprio chargista, a autonomia produtiva de um cartunista com relação ao jornal para o qual produz, com liberdade para propor e executar suas próprias ideias sem ter de passar pelo crivo de uma discussão de pauta, por exemplo, como é comum nos diários. Para isso, o chargista deve demonstrar repertório cultural, senso crítico e capacidade de leituras dos acontecimentos, mas ainda submeter seus pensamentos a alguns balizadores de conteúdo do veículo que o contrata, como a linha editorial, interesses econômicos de possíveis anunciantes do jornal e também o *deadline* de entrega de seu serviço.

Outro fator que se soma a isso é a questão do chargista, apesar de terceirizado, ter uma produção fixa e constante para o jornal, o que gera um

comprometimento maior entre as partes e, de certa forma, acaba fazendo o cartunista pensar duas vezes antes de se meter em uma polêmica, por exemplo. Ou seja, o cartunista é livre para propor sua própria pauta para a charge, desde que não incomode ninguém que o jornal não quer incomodar com suas charges.

Pelas características do processo em si, de criar de acordo com a linha editorial de dado veículo, a autopauta está intimamente vinculada à autocensura por parte do próprio chargista, que se vê obrigado a fazer suas charges dentro de determinados filtros para que suas criações sejam aprovadas pelos editores, conforme o cartunista Sassá nos revelou em entrevista. Pelo que verificamos com as entrevistas, essa dosagem de informações – no caso do chargista da imprensa diária, é uma via de mão-dupla. Isso porque o chargista também se informa através da mídia para ter suas ideias, ou seja, ele tem o acesso restrito à informação e também restringe, a partir do momento em que não pode tocar em determinados assuntos, por determinação do jornal. Resumindo nas palavras de Sassá, com o tempo, um chargista “aprende o que pode ser desenhado”.

Última ponta do tripé de conceitos trabalhados em nossa análise, a suíte chárstica diz respeito ao processo de recepção da mensagem chárstica junto ao público-leitor e o desdobramento disso. Conforme disse Tiago Recchia, o leitor é um eco do trabalho do cartunista e, de acordo com suas reações, a charge pode mudar de rumo, de discurso. Dialogando com as reflexões de Henfil, também temos de pensar que às vezes um personagem ou ideia simplesmente não tem uma boa recepção do público e vice-versa. A reação é um fator que o cartunista não pode prever. Assim, a suíte chárstica é aqui encarada como o sentimento de arrependimento que pode acometer o chargista, fazendo-o questionar sua criação e, por vezes, influenciar uma mudança de discurso em sua mensagem: uma repercussão da charge inicial de acordo com a reação do público-alvo.

Autopauta, autocensura e suíte chárstica. Três conceitos que não estavam nos planos da pesquisa, mas que, a partir do método escolhido, ficaram claros como partes do processo de produção da charge. As entrevistas foram de suma importância dentro das opções de pesquisa feitas, pois

confirmaram e negaram hipóteses levantadas na análise das charges e, principalmente, serviram de base à formulação de novos e atuais conceitos inerentes ao exercício de um chargista.

No entanto, há de se citar o ponto negativo de se adotar a metodologia de entrevistas: o não distanciamento em relação ao seu objeto, fator tão requisitado na produção científica. Fazendo uma autocrítica, o fato de se conhecer os profissionais dos quais se está falando sobre pode, de alguma forma, interferir em uma análise mais fria e distanciada do contexto.

Percebemos até mesmo em outros trabalhos do mesmo gênero certa parcialidade com relação aos cartunistas. Para citar um exemplo claro, em uma das entrevistas Marco Jacobsen citou que não escolhia a pauta futebolística para suas charges quando o time de Londrina perdia seus jogos, pois, segundo ele, suas charges são justamente para o torcedor alviceleste. Cabe a reflexão sobre como seria nossa reação se uma frase de igual teor tivesse sido dita por um repórter ou editor de política que se mostra favorável a certo deputado ou senador.

O apontamento de Jacobsen também deixa evidente outra constatação que fazemos ao final desta dissertação: a de que a editoria esportiva tem características ímpares, por conta de mexer com a paixão do leitor/torcedor. Neste sentido, seria proveitoso que mais trabalhos acadêmicos se debruçassem sobre a temática, propondo entender sob diferentes pontos de vista (Antropologia, Comunicação, Ciências Sociais, Psicologia etc) esse fenômeno sociocultural que é o futebol em nosso país.

No caso de nosso recorte específico, a pouca bibliografia sobre a charge esportiva deixa evidente o quanto ainda se pode avançar no tema, com trabalhos que questionem diferentes visões a respeito do gênero chágico combinado ao esporte, apontando e diferenciando a charge esportiva das demais.

Duas questões nos parecem abertas a novas abordagens: os porquês da editoria esportiva ser tratada de forma tão distinta (tanto por quem produz quanto por quem consome) e se, dada a rotina e produção de um chargista, poderíamos compará-la a um jornalista, alcunhando-o como um articulista do

traço, talvez. Indagações que próximas pesquisas na área podem vir a responder, aumentando assim o leque de referências na área ao qual nos referíamos anteriormente.

Por fim, vemos com positividade a possibilidade de utilizar nas pesquisas acadêmicas entrevistas e relatos de quem pratica o Jornalismo no dia-a-dia. Desde que com crivo e senso crítico, nos parece uma boa forma de ambas as partes ganharem: os profissionais que param para questionar sua rotina diária e os acadêmicos que podem entender um pouco melhor seus objetos de investigação.

REFERÊNCIAS:

Alex marca, Coritiba vence polêmicas e o Londrina e fatura o primeiro turno. **Globoesporte.com**. 2013. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/pr/futebol/campeonato-paranaense/noticia/2013/03/com-polemica-e-briga-coxa-vence-o-londrina-e-conquista-o-primeiro-turno.html>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

ALMUDENA, Célia. **Quatro amigos fazem Los Tres Amigos**. Folha de S. Paulo: 16 fev. 1998. Disponível em: <http://www.los3amigos.com.br/quadrinhos/folhateen>. Acesso em: 15 jan. 2017.

BAHIA, Benedito Juarez. **Dicionário de Jornalismo Juarez Bahia: século XX**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARBEIRO, Heródoto. **Manual de Radiojornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

BARBOSA, Adriano. **Um pouco de história: Nem sempre a vitória valeu dois pontos**. 06 ago. 2012. Disponível em: <<https://botecodosboleiros.com.br/2012/08/06/um-pouco-de-historia-nem-sempre-a-vitória-valeu-dois-pontos/>>. Acesso em: 15. dez. 2016.

BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

BERLO, David Kenneth. **O processo da Comunicação**: introdução à teoria e à prática. 10ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BETENHEUSER JUNIOR, Luiz Carlos. **O motivo da diferença nas grafias entre Coritiba e Curitiba**. 27 maio 2011. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/pr/torcedor-coritiba/platb/2011/05/27/a-motivo-das-diferença-nas-grafias-entre-coritiba-e-curitiba/>> Acesso em: 15. dez. 2016.

COXA: A origem do apelido. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/pr/torcedor-coritiba/platb/coxa-a-origem-do-apelido/>>. Acesso em: 15. dez. 2016.

DE ALMEIDA, Napoleão. **Atlético tem a maior torcida paranaense**. 25. Out. 2012. Disponível em:

<<http://www.bemparana.com.br/napoalmeida/2012/10/25/atletico-tem-a-maior-torcida-paranaense-veja-detalhes-exclusivos/>>. Acesso em: 15. Dez. 2016.

Estádio do Café. 2016. Disponível em: <<https://blogadolondrina.wordpress.com/estadios/>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

FILHO, Marinósio; NETO, Marinósio. **História da imprensa de Londrina:** do baú do jornalista. Londrina: Eduel, 1991.

Físicos explicam gol anulado do Londrina e confirmam erro do auxiliar. **Globoesporte.com.** 2012. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/pr/futebol/times/londrina/noticia/2012/03/ciencia-explica-gol-anulado-do-londrina-e-confirma-erro-do-auxiliar.html>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

FOLHA DE LONDRINA. Londrina. Março de 2012 e Março de 2013.

FREIRE, Fernando; HAMILKO, Gabriel. **Coritiba é campeão paranaense de 2012.** 2012. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/pr/futebol/campeonato-paranaense/noticia/2012/05/emocao-ate-o-fim-coritiba-vence-nos-penaltis-e-e-o-campeao-paranaense.html>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

GATUNO. In: MICHAELLIS, **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa.** São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998. p.1021.

GAZETA DO POVO. Curitiba. Março de 2012 e Março de 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Estudo de caso.** São Paulo: Atlas, 2009.

HENFIL. **Como se faz humor político** – Depoimento de Henfil a Tárík de Souza. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1985.

JACOBSEN, Marco. Entrevista concedida ao autor em 21 de maio de 2016.

JORNAL DE LONDRINA. Londrina. Março de 2012 e Março de 2013.

KUCINSKI, Bernardo. A primeira vítima: a autocensura durante o regime militar. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. (Org.). **Minorias Silenciadas:** História da

Censura no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002. p. 533-552.

MATEUS, J. **Londrina Esporte Clube 40 anos: do caçula gigante ao tubarão.** Londrina: Midiograf, 1996.

MIANI, Rozinaldo Antonio. Charge: uma prática discursiva e ideológica. **9ª Arte.** São Paulo, vol.1, n. 1, p. 37-48, 1º semestre/2012. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/nonaarte/ojs/index.php/nonaarte/article/view/3>>. Acesso em: 29 set. 2013.

PERONI, Rafael. **Com arbitragem polêmica, Coritiba vence Londrina por 1 a 0 e quebra invencibilidade do Tubarão no retorno.** 2012. Disponível em: <<http://redacaoemcampo.com/2012/03/28/com-arbitragem-polemica-coritiba-vence-londrina-por-1-a-0-e-quebra-invencibilidade-do-tubarao-no-retorno/>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

RECCHIA, Tiago. Entrevista concedida ao autor em 21 de maio de 2016.

RIANI, Camilo. **Linguagem & cartum... tá rindo do quê?** Um mergulho nos salões de humor de Piracicaba. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2002.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S. Paulo.** Maringá: Eduem, 2000.

SASSÁ. Entrevista concedida ao autor em 11 de maio de 2016.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** São Paulo: Bookman, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Entrevista Marco Jacobsen (chargista Folha de Londrina)

Data de realização: 21/05/2016 – 14h

Local: Bar Don Max (Rua Tenente Max Wolf Filho, 37 - Água Verde) Curitiba - PR

Heron Heloy: Onde você nasceu, cresceu?

Marco Jacobsen: Nasci em Santos, vim pra Curitiba com 5 anos e, desde então, só morei aqui.

H.H: Sua formação?

M.J: Fiz só o segundo grau. Não fiz faculdade.

H.H: Como surgiu o interesse por desenhar?

M.J: Bem, como toda criança eu desenhava... Mas o interesse mesmo em desenhar veio com 15 anos. Eu tive uma hepatite e tive que ficar de cama, aí nesse período eu li bastante coisa e meu pai, que era um grande fã do jornal Pasquim, comprava o jornal e me emprestava para eu ficar lendo. Eu lia muito o Pasquim e copiava os desenhos que estavam ali... comecei a entender um pouco o cenário político da época e depois comecei a ter o próprio traço e 2 ou 3 anos depois disso já estava trabalhando profissionalmente com isso.

H.H: Com charge mesmo, quando começou?

M.J: Na verdade, assim, charge diária a partir de 1998. Mas de fazer charges esporádicas, a gente tinha uma coluna no jornal O Estado do Paraná, eu e mais uns amigos cartunistas e a gente publicava lá em 88, 89. Contratado mesmo por um jornal, pra receber exclusivamente pra fazer charge foi a partir de 1994.

H.H: E quem te fez esse convite para você fazer charge? Como foi para entrar nessa área?

M.J: Sempre tive uma ligação forte com o Jornalismo. Na época, tinham 4 jornais que circulavam bem aqui (em Curitiba): Folha de Notícias, Jornal do

Estado, O Estado do Paraná e a Gazeta do Povo. E eu conhecia os chargistas que trabalhavam no Estado do Paraná e sabia que um deles ia sair de férias. Aí fui lá para cobrir as férias dele e acabei ficando até ser contratado, em 1994. Aí fiquei de 94 a 2002 lá e em 2004 fui contratado pela Folha de Londrina, onde estou até agora.

H.H: Mais algum veículo ou mídia que trabalhou, além dos já citados?

M.J: O primeiro jornal que me pagou pelos desenhos foi o jornal Nicolau, era um jornal que só circulava encartado nos outros jornais. Me convidavam para fazer desenhos, a partir de 88. Depois teve Correio de Notícias, Jornal do Estado... uma infinidade de pequenos jornais, revistas como Sexy, Playboy, Veja, Helena, Rascunho, Ideias, Etcetera e desenhos para empresas também.

H.H: Como você enxerga o espaço da charge no jornal impresso?

M.J: Na verdade, é um respiro. No Brasil, as notícias são muito pesadas, a questão da violência – que a mídia coloca bastante, e a violência política... infinidade de escândalos, impunidade, pouca responsabilidade no trato com a economia, enfim. Dentro disso, a charge acaba sendo uma forma de respirar e, mesmo sendo um olhar crítico, a charge é um pouco mais suave. Por mais que você faça algo forte, que leve a reflexão em um nível mais profundo, ela consegue ser um pouco menos pesada, pois ela trabalha com o humor. Se não no traço, na sacada que está passando. Na charge, você não tem o compromisso de passar a notícia, mas tem o compromisso de passar a informação, mais uma opinião sua, uma opinião pessoal.

H.H: E como é seu processo criativo, Marco?

M.J: Desenhar é o que menos dá trabalho. O que dá mais trabalho é pensar em como fazer uma charge que não seja igual a de todos, que não seja óbvia. Então pra isso eu leio o dia inteiro: Estadão, Folha de Londrina, Gazeta do Povo, jornais que tenham bons articulistas pra você pegar todos os lados da notícia e, com base nisso, desenvolver um pensamento crítico e pensar nele graficamente. Em alguns momentos eu uso papel nanquim, caneta técnica, pincel, aquarela; escaneio, coloco a legenda e publico. Mas, recentemente, tenho feito toda a arte já no Ipad, no programa que eu trabalho, tem um

material (do software) que imita esses materiais, desenho já ali dentro e já envio para o jornal. Mas, seja qual for a plataforma, o processo criativo é o mesmo, você fica pensando naquilo o dia todo... eu tô no boteco, conversando contigo, muito ciente das coisas que estão acontecendo, então você vai pegando informações de várias formas. É muito relativo (a questão de horas para desenvolver uma charge). Com uma ideia pronta, cerca de duas horas. Difícil precisar, pois depende do dia. Às vezes você tem a ideia, mas não consegue colocar no papel. E tem dia que não tem nada de assunto e mesmo assim você tem 5, 6 ideias.

H.H: Em relação às suas charges da Folha de Londrina, como você definiria seu estilo?

M.J: Putz, cara... não sei definir meu estilo. Estou sempre estudando, na verdade. Fazer charge dá uma depressão filha da puta, porque você tá o tempo todo com o que de mais podre existe. Você é praticamente um cientista político, porque você tá sempre estudando a conjuntura política. Eu acho que a minha charge é crítica em relação a oligarquias que estão há muito tempo no poder. Isso é uma coisa que eu critico quando tenho a oportunidade. A ideia da charge é sempre a ideia crítica.

H.H: Já houve algum tipo de censura a charges que você fez?

M.J: Cara, em alguns momentos tive de conversar com o editor sobre charge que não pode passar. Às vezes é pelo jornal ter receio de processo, é uma questão que tenho que respeitar, por conta da linha editorial do jornal. Ou, às vezes, por envolvimento com algum grupo.

H.H: Você acredita que o local onde o chargista vive e o veículo para o qual ele cria influenciam na produção?

M.J: Influencia sim. O veículo influencia, a cidade – de alguma forma – influencia. Eu não acho que cria diferença entre cidades próximas, como Londrina e Curitiba, mas acho que se tivesse em Salvador, teria outro comportamento. Creio que varia mais de uma região (política do país) para outra.

H.H: No seu caso, que é um contratado da Folha de Londrina que manda as charges daqui de Curitiba, como é seu processo de pauta?

M.J: A ideia da charge é sempre minha, não tem interferência da redação. Eles influenciam, no sentido de como eu leio o jornal: os artigos, a forma como eles colocam as coisas, isso influencia no meu traço.

H.H: E como você faz para se ligar ao cotidiano de Londrina?

M.J: Minha família toda é de lá, do Norte Pioneiro. Nós somos de Cornélio Procópio, na verdade. E quando criança eu passei muito tempo lá também, todas as férias de junho e fim de ano eu passava no Norte do Paraná.

H.H: Marco, você acha que a opinião pública tem influência no que o chargista desenha?

M.J: Sim, com certeza. Vi chargistas serem influenciados de uma forma muito forte, quando Osvaldo Cruz veio com uma campanha do mosquito e vacinação. Os jornais faziam piada daquilo, colocavam Osvaldo Cruz quase como um palhaço, um maluco. Porque, naquela época, você obrigar a população a tomar uma vacina, era uma agressão muito grande à rotina da pessoa. A opinião pública era contra e isso acabava influenciando os chargistas da época. Acho muito pouco provável que eu consiga fugir dessa influência, em geral. Por isso leio vários jornais e tal. Agora, eu me preocupo com isso, não ir com a manada, porque isso é muito ruim. E como é que você faz isso? Você tem que estar sempre lendo os dois lados. Hoje a discussão é muito polarizada, existe uma discussão de esquerda e direita, eu não sou um chargista anti-petista, por exemplo, mas também não sou anti-Moro (juiz Sérgio Moro, responsável pela Operação Lava-Jato).

H.H: E no caso do futebol, que envolve paixão, como fica essa criação?

M.J: Cara, eu sou atleticano e eu faço charge para Londrina torcendo pelo Tubarão, mesmo no campeonato paranaense. Nesse caso, eu me preocupo com a torcida do leitor, tanto que as charges que o Tubarão perde, eu não faço. No caso de Londrina e Curitiba, há uma disputa que é notória, principalmente por parte de quem é de Londrina, mas não vejo como uma questão grave. É

uma coisa que dá pra entender, a rixa contra Curitiba, vocês (Londrina) pagam impostos e esses impostos basicamente vem para a capital, então o folclore popular se aproveita disso e faz humor.

H.H: Vocês costumam observar o que outros chargistas estão publicando?

M.J: Sim. Alguns porque admiro muito o trabalho... a charge é uma coisa complicada porque você tem uma técnica e uma forma de se expressar que tem que tomar muito cuidado para não se repetir. Exemplo: temos um presidente agora que lembra um vampiro (Michel Temer, presidente interino), então é normal retratá-lo assim. Todos pensam isso, só que o chargista desenha isso. Então você tem todo um universo pronto que o chargista se aproveita disso, então você faz um ligação que é bem possível que o cara repita também. Não porque o cara viu meu desenho, mas porque ele se informa nas mesmas fontes que eu.

H.H: Qual a relação do humor com a charge?

M.J: Acho que o humor é a característica mais inteligente do ser humano. Pra ter humor, é preciso ter sacada... é difícil definir sacada. Mas você tem que ter uma boa tirada, uma boa observação e um bom estado de espírito pra interpretar aquilo de uma forma que a pessoa ache engraçado. Se você consegue fazer uma crítica com esse tempero, que é humor, ela é uma crítica perfeita. Porque se você tem humor em sua crítica, você tem uma dose grande de inteligência. A charge é feita pra debochar, mas se você conseguir com esse deboche, apontar uma fragilidade verdadeira do seu alvo, você tá cumprindo sua missão.

H.H: Você acredita que uma charge esportiva possa carregar tons políticos por trás?

M.J: Com certeza. A charge não é só necessariamente política, ela é um comportamento datado, ela pode estar mais voltada a uma questão econômica datada, ela pode estar atrelada a uma questão comportamental – o uso ou não de camisinha, por exemplo, aceitar ou não casamento gay. Então a charge não está olhando só a política das coisas, você está olhando o comportamental das pautas que vão chegando todo dia.

H.H: Voltando à rivalidade LEC contra times da capital, a que você atribui?

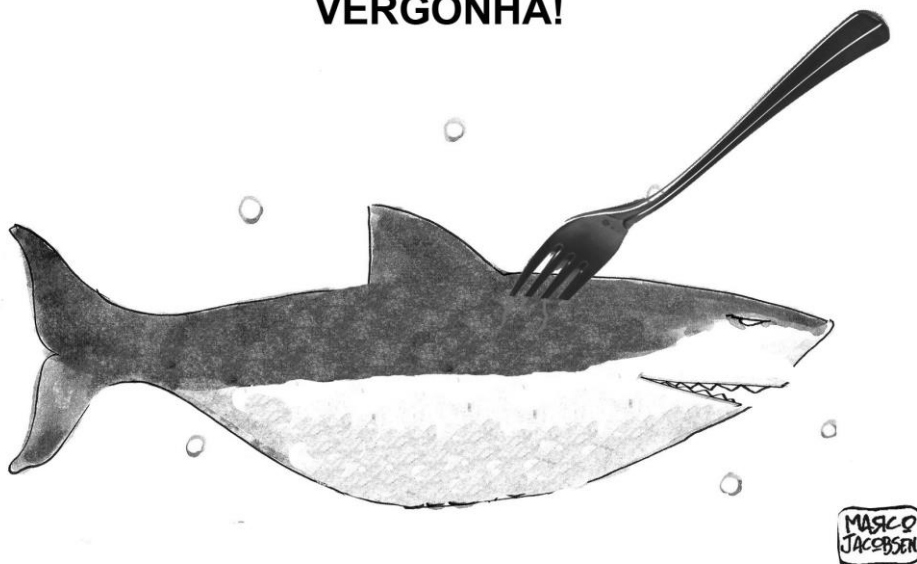
M.J: Na verdade, acho que os times da capital são odiados por todos os outros. Creio que cai também naquilo que comentamos da rivalidade das cidades. Creio que Londrina se identifica mais com São Paulo. Considerando também a ideia de centralização do poder, que incomoda a todos, e a questão cultural também, de achar que curitibano é tudo pau no cu. E, é lógico, se você já tem essa rivalidade, com o futebol isso aflora. E o Londrina sofreu várias injustiças com arbitragem, principalmente contra o Coritiba, tanto que sempre que vai jogar Londrina com Coritiba, os árbitros são bem cobrados.

H.H: Como você enxerga o futebol paranaense em termos nacionais?

M.J: Creio que ficou do tamanho de Santa Catarina, creio que é do tamanho certo, pois as torcidas também não são tão grandes aqui. E mesmo dentro do estado as pessoas preferem torcer para times de fora.

Marco Jacobsen analisa a própria obra:

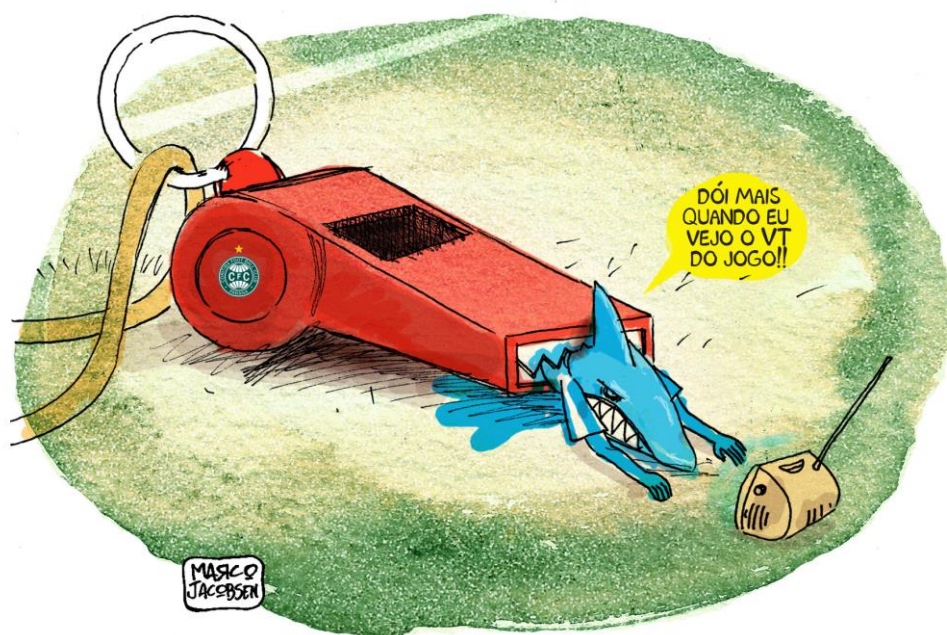
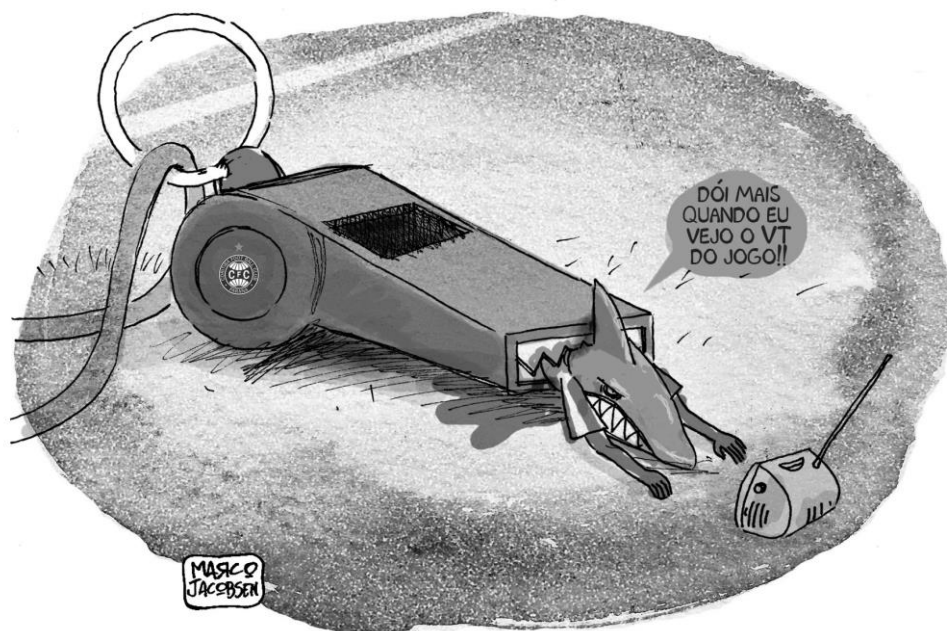
VERGONHA!



VERGONHA!

A sensação na hora era de que algo tinha sido errado. O Tubarão foi garfado significa que o juiz, manipulou, de alguma forma, o Tubarão. Não tem muito segredo. Na verdade, essa charge foi repetida porque entro em férias e eles repetem. A decisão de reprisar é do jornal, porque estava de férias, por conta de ter tido o mesmo episódio no ano seguinte. Na original o garfo é verde, por conta da cor do Coxa, na impressão fica PB.

Não dá problema essa interpretação (de que o juiz garfou o Londrina), pois toda a crônica esportiva falava disso.



Essa eu já tinha voltado de férias e foi quando as pessoas ainda estavam vendo o VT do jogo, então você passa a semana inteiro vendo o VT e você ainda fala: “porra, o juiz errou”. A mesma partida, o mesmo jogo, mas depois você olha e fala: “Putz, errou mesmo, não tinha como não ver isso.”

H.H: Você cria personagens, por exemplo, um personagem do Tubarão?

M.J: Não, não crio personagens, nem mesmo para os políticos que retrato. Minha praia não é caricatura, como eu não faço é ainda mais difícil fazer o que faço. Não gosto de criar personagem...

Uma vez tive uma discussão com o Recchia (Tiago) e ele me falou que estava lendo algo do Saramago que dizia que o chargista, por mais que se esforçasse em ser contra o governo, ele não consegue, pois a charge em si já é favorável. E eu entendo isso, porque muitas vezes você cria um personagem, que é o que a maioria dos chargistas acabam fazendo, então você cria um personagem que é fofinho, não é uma coisa agressiva, vira uma coisa de história em quadrinho, então eu evito criar um personagem. Toda vez que vou desenhar uma Dilma, desenho uma nova Dilma, um novo Temer. Muito do meu trabalho é não criar do alvo de crítica um personagem, porque senão, mesmo criticando ele vai ganhar uma personalidade, acho que acaba diminuindo o valor da crítica que você acaba fazendo.

APÊNDICE B

Entrevista Sassá (chargista Jornal de Londrina)

Data de realização: 11/05/2016 – 14h30

Local: Universidade Estadual de Londrina (CECA)

Heron Heloy: Você é de Londrina?

Sassá: Sim, sou de Londrina mesmo. Morei um tempo em Campo Grande, Curitiba, São Paulo e voltei pra cá há uns 17 anos.

H.H: Qual a sua formação?

S: Sou formado em Artes Visuais pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo.

H.H: Há quantos anos você se dedica à charge e como entrou na área?

S: Assim que terminei a faculdade voltei para Londrina e fui procurar emprego. Entrei no JL, a princípio como editor de imagens e anúncios, até que encaixei com as charges, no final de 1999.

H.H: Então foi você que inaugurou a charge no JL?

S: No JL, sim. O jornal passou por várias crises, numa dessas crises eu fui mandado embora e ficou um outro chargista no jornal. Fiquei alguns meses fora e depois me recontrataram como freelancer, como micro empreendedor individual. E, meu, nisso se perde muito porque antes eu ficava ali, exclusivo para o jornal. De 2004 até o fechamento do jornal (2015) fiquei nesse esquema.

H.H: Você ficava no jornal, como era?

S: Durante o tempo em que era contratado, ficava sim. Era bem unido, os jornalistas me davam ideias, pautas. Com o tempo você vai ganhando autonomia. Tinha minhas ideias, mandava, era só uma questão de ser aprovada. E aí você vai sabendo o que não fazer, o que não cutucar para não

gerar polêmica e ser censurado. Era preferível não tocar em certos assuntos, até para ser imparcial, algo que acredito muito no Jornalismo.

H.H: Algum assunto blindado ou com recomendação de não ser feito?

S: Por exemplo, uma vez mexi com um cara de imobiliária que anunciava no jornal. Aí veio uma recomendação de: “olha, melhor não mexer”. Mas foram poucas as vezes que isso aconteceu. Só que isso infelizmente acontece, as pessoas que pagam o jornal elas estão, de certa forma, blindadas. Não por mim, mas pelo próprio interesse comercial da coisa. Mas foram poucas vezes mesmo. Principalmente com o esporte já tive muitos problemas com torcedor, de torcedor fechar você em festa, perguntar por que fez tal coisa etc. Nunca rolou violência, mas uma coação.

H.H: Em quais veículos de imprensa você trabalhou?

S: Já fiz impresso pra vários tipos de sindicatos, teve um jornal (Em Dia) que trabalhei esporadicamente também, editora de livro didático infantil, fiz um tablóide dentro do próprio Jornal de Londrina (Flapt), a revista em quadrinho Muamba, além de trabalhos editoriais para ilustrar publicações da Abril, como a revista Mundo Estranho.

H.H: E nessa época em que trabalhava na redação do Jornal de Londrina, havia um diálogo com os repórteres e editores, como era essa relação?

S: Escutava muita coisa de muita gente. Às vezes a galera vem com uma ideia meio pré-pronta, só que muito elaborada na cabeça dele, aí eu simplificava aquilo pra fazer a charge. Então o tempo em que fiquei lá dentro sempre teve muito diálogo.

H.H: E como era sua rotina no jornal?

S: Chegava depois do almoço e ficava até o fim do dia, até fechar o jornal, 8, 10 da noite, meia-noite. A charge às vezes terminava rápido, em duas, três horas estava pronta. Só que o lance da charge é o seguinte: muita pesquisa e, às vezes, a espera da notícia... você está trabalhando em uma notícia desde às duas da tarde e às seis da tarde chega uma bomba e você tem que resolvê-la, então acabou todo aquele trabalho que você já tinha feito.

H.H: Já descartou muitas charges?

S: Alguma coisa sim, mas como falei, com o tempo a coisa vai entrando no formato em que você sabe que não será descartado.

H.H: E você tinha um editor ou o que produzia já ia direto para publicação no jornal?

S: Existem os editores de setores (cidades etc) e o editor-chefe. Geralmente todos davam uma olhada e quem orientava era o editor-chefe. Você tem que tomar muito cuidado com: injúria, calúnia e difamação. Nas charges levantadas em sua pesquisa, por exemplo, eu coloquei uma roupa de ladrão no juiz, isso pode configurar alguma dessas três coisas, se isso não faz parte de uma notícia na qual o cara foi até condenado por isso, entendeu? Então cabe eu colocar uma roupa de ladrão para falar que ele “roubou”. Isso cabe, pois eu estou em cima das notícias, em cima dos fatos. Só que tem que tomar muito cuidado, pois tudo é livre, não tem um texto te guiando, você pode interpretar de várias maneiras.

H.H: E o seu processo criativo, como era? Da ideia aos softwares empregados.

S: Sempre fiz o desenho na mão e terminei no computador. A ideia é fazer um rascunho bem tosco, pra organizar a cena e mostrar pro editor. Se a ideia não for boa, já descarta ela no começo. Tá legal? Tá, então vamos fazer um desenho mais refinado no lápis, depois vamos para um papel vegetal, tirar aquilo com caneta nanquim por cima, isso se chama arte-final, você refina o traço e delimita ele, no traço preto e liso. Isso vai pro computador depois e pra colorização, aplicação de texto, esse tipo de coisa, aí mandava pro cara que fechava e ele incluía pra página final. Utilizava Illustrator e Photoshop.

H.H: Sassá, você acredita que o local no qual o chargista vive e mesmo o jornal para o qual ele cria influenciam no desenho, na mensagem da criação?

S: Acho que existem casos e casos. No meu, em específico, acho que influenciava porque o jornal era um jornal muito local, eu sou londrinense, né, participo de algumas coisas de Londrina, então acho que tudo casava.

Procurava mais as coisas de Londrina para noticiar. Acho um diferencial legal você falar sobre a sua região.

H.H: Há um peso da opinião pública?

S: Existe o peso da opinião pública, sempre. E, se por um lado, a gente não possa ceder a essa pressão, por outro lado, essa opinião vai gerar uma charge, entendeu? Por um lado não pode se acuar, se quiser ter uma opinião sobre um tema em específico e, ao mesmo tempo, rola uma charge com a opinião pública.

H.H: E há um distanciamento entre sua opinião e o que você cria/desenha?

S: Procuro desenhar as duas coisas, as duas opiniões. Se tem duas opiniões, aí eu quero ilustrar essas duas opiniões, com bom humor. Creio que a charge serve mais para cutucar do que para ter um posicionamento político ou pessoal. E creio que, no jornal, você deva ir mesclando isso... Se você faz algo de direita, tem que ter algo de esquerda, não em termos de partidos políticos, mas em relação à atitudes. Acho até mais difícil ter uma opinião só.

H.H: Você observa o que outros chargistas publicam sobre o tema?

S: No começo, observava tudo no “chargesonline”, ali tem tudo o que é publicado. De início eu tinha uma paranóia, de “pô, será que fiz uma ideia mais simples, será que fizeram uma ideia igual a minha?”. E realmente casa às vezes. Então antigamente eu me preocupava mais com isso. Hoje em dia, não me preocupo mais, acho que se existirem ideias iguais – iguais elas nunca vão ser, vão ser parecidas – isso é um sinal de que aquilo é algo racional, que várias pessoas raciocinaram igual aquela ideia. E isso, mesmo sendo igual, ainda vai ser diferente, pois você vai ver um estilo, elementos, detalhes diferentes na charge

H.H: Qual a relação do humor com a charge?

S: O humor deve estar sempre presente na charge, só que sempre junto com a notícia do dia, porque a charge – ela é a notícia, o humor, a crítica e a livre-interpretação, porque às vezes coloco algo ali que vai servir pra uma pessoa pensar uma coisa e a outra pensar o contrário disso. Acho também que a

charge serve como um respiro para todo o texto em preto e branco que está ali no jornal. E algumas charges, elas não são para ter graça, mas elas não perdem o bom humor. Vamos supor que morra alguém e você faça uma charge sobre a pessoa, isso tem um caráter de homenagem, mas ao mesmo tempo você pode estar com o humor ali.

H.H: Você já teve algum caso em que foi mal interpretado em suas charges?

S: Sim, já sim. Olha, tem um caso engraçado que é quando eu coloco a bandeira de Londrina em minhas charges e as pessoas pensam que é uma brincadeira com o PT (Partidos dos Trabalhadores), porque a bandeira de Londrina é vermelha com estrelas. Tem gente que não sabe como é a bandeira da cidade e vai lá: vermelha, estrelas... PT. Então a charge precisa ser ajudada também, a pessoa precisa estar por dentro, estar lendo o jornal.

H.H: Recebia muitos e-mails sobre as charges?

S: Olha, recebia muitos sobre futebol, principalmente. Percebia mais e-mails quando usava o Tubarão, mascote do time, nas charges. O retorno era maior no futebol mesmo. Acho que a que mais chegou feedback foi uma de futebol mesmo: o Flamengo veio treinar e jogar em Londrina, jogaram uma partida valendo, abriram os treinos... e sempre com estádio lotado. Eu fiz a charge do Tubarão trocando a camisa do Londrina pela do Flamengo; de novo, fica no ar... o que que eu acho que quis dizer ali: Pô, o Flamengo tá com mais moral que o próprio time da cidade. E, nisso, os torcedores que costumam apoiar o Londrina mesmo nas crises, esses ficam bravos, porque falam “nós não somos assim”. Fiz isso como uma brincadeira, mas aí choveu e-mail criticando e tal. Aí eu fiz uma charge pra meio que me desculpar com essa galera, fiz uns paus, umas coisas apontadas para o Tubarão e ele pegando a camisa do LEC de volta. Fiz essa charge pra fazer uma piada comigo mesmo também. Então às vezes você até se coloca de personagem de uma charge quando rola umas paradas dessas.

H.H: E você acha que uma charge esportiva pode ter tons políticos também?

S: Acho que ela pode ter, por exemplo, assim: eu costumava misturar duas ou três temáticas da semana em apenas uma charge, então a charge tem esse

poder também de misturar assuntos. De repente, igual, teve o 7x1 da Alemanha e você faz a Dilma (ex-presidente) com a camiseta da CBF e uma bola furada ou, o contrário, o Dunga em Brasília olhando um gráfico de Ibope dele. Isso existe, agora só o esporte em si, não.

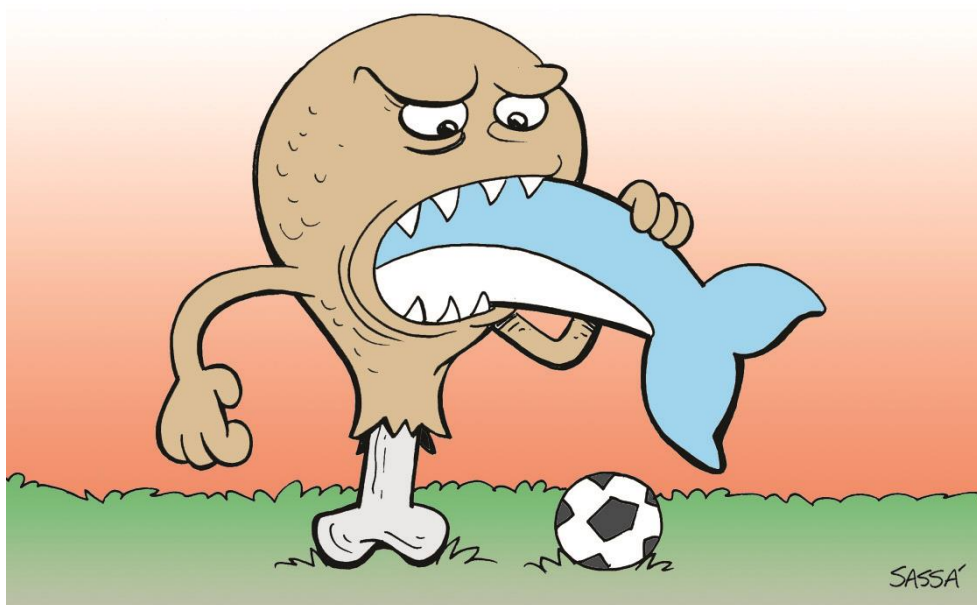
H.H: A que você atribui o fato de torcermos mais para times de São Paulo aqui em Londrina?

S: Talvez a proximidade com o interior de São Paulo, a representatividade desses times aparecendo sempre na TV. A colonização também, que trouxe muita influência.

H.H: E o futebol paranaense, como enxerga em termos de representatividade nacional?

S: Tem sua representatividade, o Londrina tem dado muita alegria ao seu torcedor. Mas tem a representatividade menor que a de times do Rio e São Paulo.

Sassá analisa a própria obra:



S: Essa é o fato nu e cru, o Coritiba – sendo ajudado pela arbitragem ou não – ganhou o jogo e tirou o Londrina da competição. Para representar o Coxa eu fazia essa coxa de frango, que não tem nada a ver, né (risos) porque a Coxa do Coxa vem de Coxa branca. E ele comendo é isso aí, ganhou o jogo.

H.H: E quanto à mascote Tubarão, você mantém ou vai mudando, como é?

S: Mantenho, só vou dando uma afinada no traço. E aí vai sempre brincando, né... o tubarão de viking, o tubarão de Rambo, Robocop, quando perde ele de esqueleto, machucado, é um personagem recorrente, que volta às charges, assim como tinha o monstro do lago Nedson (Nedson Michelletti – ex-prefeito de Londrina).



S: Aí eu botei o juiz cego, porque teve quatro ou cinco erros no jogo, o tubarão também está machucado, com ferimentos, como quem apanhou. Aí que eu falo que a opinião pública ajuda, porque você vê muita gente falando sobre isso, você vê os programas se pautarem sobre isso e você meio que vai na onda, até pra acompanhar e documentar aquilo que foi mais falado, que foi mais polêmico na época, né.

H.H: Você acha que uma charge dessa, em Curitiba, seria diferente?

S: Pode ser que sim, pela dinâmica das notícias de lá.



S: De novo, né... teve muito eco disso aí, que o Coritiba ganhou com auxílio da arbitragem, já tem toda uma lenda em torno disso aí, do time da capital etc. Eu nem concordo com isso, mas na charge às vezes você tem que usar um pouco da lenda urbana, pra fazer parte da brincadeira, do humor. Brinquei com isso aí, com o fato de o juiz ter prejudicado novamente o Londrina. Tá com a roupa de ladrão, expressão de ladrão [o juiz].



S: Mesma coisa, o gato, né... nessa coisa de ladrão, com o apito no pescoço. A brincadeira de gato comer peixe, o tubarão ser um peixe e é isso.

H.H: Como você classifica seu estilo?

S: Limpo, procuro limpar o máximo possível... falam que isso é infantil, tem um cara que fala que eu sou o Maurício de Souza dos pobres (risos) e eu procuro fazer isso até pro seu olho seguir a mesma cadência que já está seguindo no texto. Coisa limpa, clara, com cor chapada (até pelo tipo de impressão e papel do jornal). Por isso, a limpeza no traço e na cor, pra ajudar na impressão do jornal.

APÊNDICE C

Entrevista Tiago Recchia (chargista Gazeta do Povo)

Data de realização: 21/05/2016 – 16h30

Local: Apartamento Tiago Recchia (Rua Monsenhor Ivo Zanlorenzi, 925 – Mossungue) Curitiba-PR

Heron Heloy: Onde você nasceu/cresceu?

Tiago Recchia: Nasci em Tubarão-SC, morei em Porto Alegre, Cascavel e desde os 6 anos moro em Curitiba.

H.H: Como você começou sua carreira?

T.R: Logo aos 13 anos comecei a desenhar para o jornal O Paraná, era um jornal que estava começando e eu fui levado para lá por umas professoras do colégio que achavam que eu desenhava bem, fora do comum. E aí os caras me deram um emprego; comecei no quadrinho, na tirinha e fazia caricatura de figuras públicas, mas nunca gostei de fazer caricatura, preferia os quadrinhos mesmo. Então comecei assim, lá em Cascavel. Aí depois voltei pra Curitiba, com 15 anos de idade e com 16 era o chargista do jornal Correio de Notícias. Cheguei a começar a faculdade de Economia, mas larguei. Era mais divertido desenhar que fazer contas (risos). Fiquei uns dois anos (no Correio) e depois fui para o Jornal do Estado. Aí fui para a Folha de S. Paulo, voltei a Curitiba, fiquei no Estado do Paraná uns 6 anos, voltei pro Jornal do Estado, comecei a trabalhar com direção de criação em Propaganda e, de certo modo, consegui viver só de humor gráfico esse tempo todo. Logo em seguida, quando desenhava para a Tribuna, fui convidado pela Gazeta do Povo para ir pra lá. Isso em 2005. De 2005 a 2014 fiquei na Gazeta e agora (2016) estou retornando.

H.H: E na charge, especificamente, começou como?

T.R: Na charge comecei com política. Esporte é mais recente, foi na Tribuna, mas não tão recente também, no começo dos anos 2000, quando estourou Los Tres Inimigos. Antes só fazia charge editorial, de comportamento.

H.H: Como você enxerga o espaço da charge dentro do jornal impresso?

T.R: Olha, acho que hoje a charge impressa não tem muita diferença para a online, creio até que a online tenha mais espaço e que a impressa seja mais uma questão de fetiche. Já migrei para o online há tempos, tanto que já me desacostumei a olhá-la no jornal impresso. Quando você vê impresso é como se fosse uma tatuagem na pele, está ali, impresso.

H.H: Em relação ao seu processo criativo, Tiago, como é feita a sua charge?

T.R: Bem, o processo é o mesmo para todo mundo, né... você tem que se informar e tomar o máximo possível de informações. É um garimpo, sempre digo para meus amigos cartunistas, é uma garimpagem. No meu caso, para fazer as charges de Los Tres Inimigos, vou nos sites que têm as melhores informações sobre os times aqui da região e anoto uma coisa ou outra ali que acho que pode render uma boa ideia. No momento, estou produzindo só para o online, então faço e publico hora que quiser, mas se estivesse fazendo para o impresso, aí ficaria atento ao deadline. Eu prefiro desenhar a mão, escanear e colorir no Photoshop. E o gostoso é fazer totalmente na mão, com nanquim e aquarela, mas essa técnica para jornal impresso é proibitiva, pois demora muito, o Photoshop te dá essa agilidade. A charge você até consegue executar rápido, o mais laborioso é você ter a ideia... dependendo da complexidade do desenho, umas duas horas para o desenho em si.

H.H: E você já trabalhou dentro da redação da Gazeta ou sempre foi algo externo?

T.R: Já trabalhei em redação, desde a Tribuna. Com a internet, podia fazer do estúdio e mandar por e-mail para o jornal. O computador, pra mim, é como se fosse a máquina de costura pro alfaiate. O Photoshop mesmo, tem que estar calibrado do jeito que você gosta, com as ferramentas que usa... Já tentei dividir lá na Gazeta e já dividi, é possível, mas é sempre um saco pegar um Photoshop e outra caneta óptica de outro cartunista, é como usar uma roupa de outra pessoa. Tem que desenhar com suas próprias ferramentas e do seu jeito, creio que todos os cartunistas prefiram isso.

H.H: E as ideias vem sempre da sua cabeça?

T.R: Sim, inclusive muitas ideias minhas acabaram pautando reportagens e matérias, mas também me alimento muito das pautas e reportagens deles.

H.H: E essa charge passa por um editor, no caso do impresso?

T.R: Sim, no caso de Los Tres Inimigos ou mesmo da charge editorial. Se eu fizer algum exagero, o editor pode me questionar sobre, mas acho que – em 10 anos de Gazeta – uma vez só aconteceu e foi uma vez que realmente não dava para entender o que eu tinha colocado. E claro, atraso, né... se você está atrasando eles te ligam... o maior terror do cartunista/chargista é o deadline. Acho essa migração do impresso para o online fantástica e acho que estamos no jardim de infância disso ainda.

H.H: Você acredita que o local no qual o chargista vive e o veículo para o qual ele desenha influenciam?

T.R: Sem dúvida. Eu acho que o Jornalismo praticado em Curitiba é diferente do praticado no Rio, em São Paulo, Porto Alegre... cada um tem uma característica, uma especificidade. A gente vê essas diferenças, sobretudo na charge esportiva, de futebol. O Lance não tinha charge de futebol e me chamaram para desenhar em 2003, porque ninguém desenhava futebol, o último mesmo tinha sido o Henfil. Na década de 90, início dos 2000, não existia charge esportiva, de futebol nos jornais. Me chamaram para ir pra São Paulo, me convidaram para fazer no Rio Grande do Sul, Minas, Santa Catarina, mas sempre falei... não tem como fazer franquias de Los Tres Inimigos, pois é algo muito específico daqui (Curitiba).

H.H: E quanto ao “Los tres”...

T.R: Los Tres é também uma brincadeira com os Três Mosqueteiros, aí quando voltei de São Paulo e fui desenhar na Tribuna, Jornal do Estado então pensei: porra, mas ninguém tá desenhando futebol, cara! E bem nessa época Coxa e Atlético acordaram no cenário nacional do futebol. Nunca fui muito afeito a futebol, mas comecei a sentir esse efeito por meio dos meus amigos. Então fui fazer charge sobre isso, mostrei umas para o editor da Tribuna e perguntei se podia publicar e foi publicado no mesmo dia, ainda não era Los Tres, mas já era sobre esse cenário do futebol. Então, para o período de entressafra do

futebol (meses nos quais não há disputa de campeonatos oficiais) criei Los Tres Inimigos, para ser o alter-ego do torcedor. E quando começou o futebol, voltei com as pautas de diretores, jogadores, só que o leitor começou a perguntar sobre Los Tres Inimigos e eu voltei a fazer... com o tempo virou uma muleta, para quando não tinha assunto e acabaram eles sendo protagonistas da charge daí.

H.H: Há um peso da opinião pública no desenho do chargista?

T.R: Sem dúvida, o leitor é um eco, retorno, o leitor é meu patrão, desenho para ele. É uma piadona, uma zoada, mas sempre com bom gosto. Uma coisa que sempre escutei do torcedor é que eu faço uma charge com elegância e estaria sendo crítico para todos os times, imparcialidade, né. Então é isso: o leitor é o patrão.

H.H: Quais características você nota em comum entre sua produção em todos esses anos?

T.R: Eu mudei bastante. No início desenhava muito parecida com as charges americanas, com muita textura, muito acabamento, mas aí o tal do deadline me ensinou. Comecei a fazer uma charge mais caligráfica, um desenho mais rápido, como fazia Henfil... E isso me salvou, porque antes eu ficava muito tempo lapidando, lambendo.

H.H: Você observa o que outros chargistas publicam sobre o tema?

T.R: Claro. É comum a qualquer área artística. Observamos e admiramos o trabalho dos outros. Às vezes a gente comenta: “porra, você teve tal ideia” ou às vezes comentam: “Poxa, Tiago, você teve tal ideia”. É uma comunidade bem unida, somos solidários uns aos outros

H.H: Qual a relação do humor com a charge?

T.R: O humor gráfico, ele é muito específico, né. E a charge tem uma origem que vem de carga, né... então virou uma expressão para esse desenho, antes era cartum, mas cartum é muito genérico. Eu acho a charge editorial uma especialidade muito bacana, você pegar toda a informação do dia, tudo o que estar no ar e transformar isso em uma charge. Isso é impagável, cara. Porque

a primeira coisa que você pega pra ver no jornal é a charge. Mesmo no online, tenho amigos que disseram que vão ver a charge primeiro.

H.H: Você acredita que a charge esportiva tem tons políticos também?

T.R: Sem dúvida, o esporte tem um pouco de política, né. E não precisa ser necessariamente a questão da política de Brasília... e a charge tem esse elemento político, né... quantas vezes fiz charges de esporte com conteúdos políticos no meio, né, como eleições em clubes. E aquilo que você desenhar vai ficar, né.

H.H: A que atribui a rivalidade entre Londrina e Curitiba?

T.R: Creio que Curitiba sempre negligenciou em relação ao interior. O curitibano clássico é egoísta, recatado, tímido, muito na dele, é muito próprio do clima daqui, essa eterna nuvem cinza sobre nós, essa reclusão... curitibano é muito diferente do restante do Paraná. E Londrina se aproximou muito mais de São Paulo. Londrina é interior de São Paulo, Folha de Londrina é em referência a Folha de S. Paulo, por exemplo.

H.H: Como você vê o futebol paranaense em termos nacionais?

T.R: Uma quinta potência, né... perdendo para São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre. Santa Catarina teve um crescimento grande ultimamente, foi inclusive nessa época que me chamaram para desenhar lá (quando os quadros times de SC estavam na série A).

Tiago Recchia analisa a própria obra:

FORTIFICANTE...



O Coritiba não estava bem, não convencia e o Tubarão estava muito perigoso, ganhava de todo mundo. É uma referência ao Biotônico Fontoura, do cara carregando o bacalhau, em referência a essa propaganda.

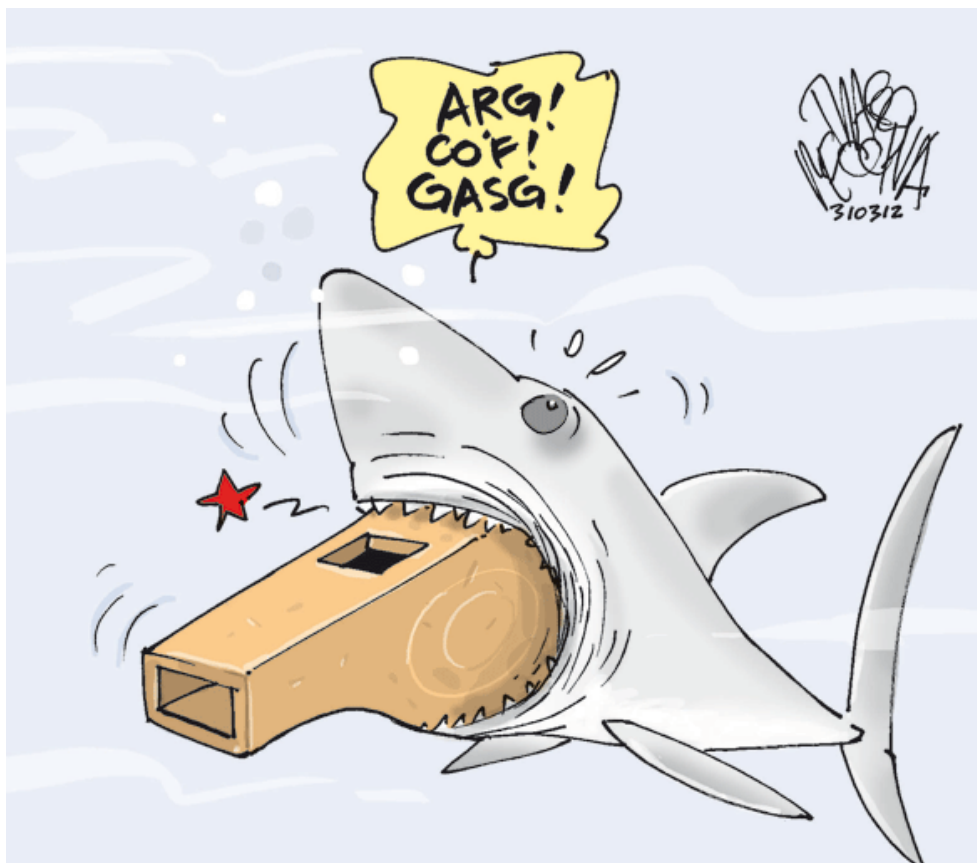
H.H: Você acha que a charge tivesse sido desenhada para o público londrinense teria sido diferente?

T.R: Claro, sem dúvida.

Só que aí começa a pintar o remorso. “Poxa, vida, eles foram garfados...”

- Você assiste os jogos antes?

- Assisto sim, quando não pela televisão, pelo tempo real da internet. Quanto mais informações você colher dos times e das situações, melhor. Tudo o que é informação vai render.



T.R: O Tubarão é um bicho que come tudo e teve que engolir um apito gigantesco. Brinquei com isso.



T.R: Tinha esse produto que não tinha nada a ver com futebol (Picolec), era uma notícia externa, algo de comportamento. Você tem que pegar o lance ali. O jogo em si, ele te dá muito alimento.

Gosto de trabalhar com esse tubarão infantilizado aqui (charge 3). Acho que manter personagem físico é o que faz o leitor lembrar. O Jim Davies, autor do Garfield, falou assim: o cartunista latino-americano não tem fidelidade com o personagem, ele mata o personagem. Então manter seu personagem é manter seu emprego. Porque o leitor pode não lembrar da piada, mas ele lembra do personagem.